

Editorial

É com grande satisfação que apresentamos o v. 25, n. 2, julho a dezembro de 2014, da Revista Brasileira de Sexualidade Humana – RBSH, publicação oficial da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana – SBRASH. Os artigos publicados neste volume da revista percorrem uma diversificada e ampla gama de assuntos que se tornaram tema de interesse na pós-modernidade. As mudanças sociais abruptas, verificadas nas últimas décadas, fizeram com que a sexualidade passasse por transformações e ressignificações, e que alguns temas emergissem como dignos de serem pesquisados, compreendidos, debatidos, entre eles as questões e relações de gênero, os direitos humanos e sexuais de grupo antes marginalizados, a influência do mundo virtual na sexualidade, a reivindicação do que se passou a chamar de “gênero neutro”, para ficarmos apenas em alguns exemplos.

Dois artigos nessa perspectiva tratam, direta ou indiretamente, das questões de gênero. O artigo “Ideais de gênero em transição” investiga a visão feminina nessa transição e estuda como essas construções se relacionam ou não com a feminilidade e a masculinidade hegemônicas. Um segundo artigo investiga as dificuldades na formação de psicólogas(os) para a atuação na área da sexualidade, partindo-se das dificuldades na intervenção clínica das disfunções sexuais femininas, por meio de supervisão e como suas histórias de vida, enquanto mulheres, acabam por interferir em suas atuações profissionais.

O artigo que aborda a prática de sexo oral entre jovens e casais investiga a literatura sobre o assunto, revisitando informações científicas importantes que contribuem para a saúde sexual das pessoas, com orientações e alertas para se evitar condutas de risco.

Ao dar prosseguimento à discussão das questões em destaque da atualidade, o artigo “Sexualidade e modernidade” investiga a caracterização dos relacionamentos atuais na interface com os gêneros, no papel das redes sociais na busca do prazer imediato e da satisfação sexual no mundo virtual. Nesta mesma linha de problematizações, o artigo “Homossexualidade e homofobia” discute o conceito de homossexualidade sob uma visão crítica, e suas inter-relações com a homofobia, tema de grande destaque na pós-modernidade.

Na revista somos brindados com duas resenhas, a primeira sobre uma dissertação que aborda a questão da educação familiar na religião evangélica acerca da masturbação; a segunda sobre um livro: *Formação de educadores: adiar não é mais possível*. Temas importantes que despertam nossa atenção.

Para finalizar, publicamos uma entrevista realizada com a Dra. Maria Berenice Dias, que analisa com primazia a questão dos direitos homoafetivos; e o artigo do Dr. Miguel Alfredo Rivero, na condição de convidado, intitulado “Príapo: una versión mitológica”, na sessão Tópicos. Esperamos que façam bom proveito deste número da RBSH.

Hugues Costa de França Ribeiro
Editor Assistente

TRABALHOS DE PESQUISAS

**A SEXUALIDADE ADULTA: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DO(A)
PSICÓLOGO(A). DESAFIOS E CONTRADIÇÕES***Eliany Regina Mariussi¹ ; Sônia Cristina Vermelho²*ADULT SEXUALITY: A STUDY ABOUT THE PERFORMANCE OF PSYCHOLOGIST. CHALLENGES
AND CONTRADICTIONS**Resumo**

Esta pesquisa teve por objetivo analisar o tema da sexualidade na formação do psicólogo no Brasil. A pesquisa de campo ocorreu em dois momentos: primeiro, a realização de um curso de formação continuada para que o psicólogo pudesse trabalhar com as queixas de disfunções sexuais femininas dentro do seu consultório. Participaram dessa etapa cinco profissionais que atuavam em clínica. Após o curso, houve o acompanhamento delas com supervisão para auxiliar no emprego do conteúdo aprendido durante o curso, além de orientações para sanar as dificuldades que poderiam ocorrer. Ao final de dois meses de acompanhamento, elas declararam não se sentirem aptas para atender problemas sexuais. Na segunda etapa, foi realizada entrevista em profundidade com uma dessas psicólogas com a técnica "História de vida", para investigar possíveis relações entre as dificuldades encontradas na clínica e experiências durante a infância e adolescência. Os resultados nos permitiram considerar que a falta de educação sexual em casa e no âmbito escolar, somada às experiências pessoais frustradas e parceiros sem habilidades sexuais, acabou por reforçar as dificuldades e o despreparo da profissional para atuar nessa área com seus pacientes

Palavras-chave: educação sexual; sexualidade; disfunção sexual feminina**Abstract**

This research aimed to analyze the theme of sexuality in the formation of the psychologist in Brazil. The field research took place in two stages: first, a course on the complaints of female sexual dysfunction to work in the office. At this stage participated five professionals working in the clinic. After the course, they were supervised and guided by six months to assist in the use of content, solve doubts or difficulties. After this period, they said they did not feel able to meet sexual problems. In the second stage, interview was conducted with one of these psychologists with the technique of "Life Story", to investigate possible links between difficulties encountered in practice and their experiences during childhood and adolescence. The results allowed us to consider that sex education deficiency at home and at school, plus the frustrated personal experiences and partners without sexual abilities, reinforced the difficulties and the lack of preparation of professional about sexuality with their patients.

Keywords: sex education; sexuality; female sexual dysfunction

¹Psicóloga, doutoranda em Psicologia, mestra em Promoção da Saúde, terapeuta sexual, terapeuta de casais, psicopedagoga, especializada em Terapia Cognitiva Comportamental e Análise do Comportamento. Autora do livro Educação sexual começa em casa. E-mail: elianymariussi@terapiaintensivaparacasais.com.br

²Doutora em Educação e Ciências Sociais. Professora universitária há mais de 20 anos, orientadora de mestrado e doutorado, trabalha no Centro de Ciências da Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional da UFRJ. E-mail: cristina.vermelho@gmail.com

Introdução

O presente artigo é resultado da pesquisa realizada no mestrado e que teve sua problemática definida a partir de questões surgidas ao longo do exercício da profissão de psicóloga e docente do curso de Psicologia (Unipar). Nosso objetivo foi identificar e compreender como os psicólogos clínicos vivenciam e atuam diante das queixas da sexualidade adulta, pois compreendemos que essa temática tem sido cada vez mais presente nos atendimentos clínicos.

Partiu-se do pressuposto de que a questão da sexualidade não é devidamente tratada desde a educação básica, pois os espaços escolares ainda são cheios de tabus e informações deturpadas sobre sexo e sexualidade. Esse contexto, se não for problematizado de alguma maneira com a família ou em outro espaço de socialização, acaba por dificultar uma educação sexual a contento entre os jovens e, por conseguinte, pode interferir no desenvolvimento como um todo da pessoa. Para Kahhale (2009),

(...) a leitura histórica é a real possibilidade de compreensão dos tabus que caracterizamos o assunto e também a possibilidade de desenvolvimento de versões menos preconceituosas e moralistas do assunto, sem perder, no entanto, a perspectiva de que os homens, por necessidades sociais (algumas já superadas), "inventaram" regras e formas para a sexualidade (p. 185).

Diante da história sociocultural, pode-se considerar a repressão sexual, da qual nossa sociedade foi vítima, como justificativa para os impasses quando se fala em desenvolvimento afetivo sexual. De acordo com Kahhale (2009), todavia, a sexualidade coloca o desafio de se pensar, refletir, apropriar-se dos sentimentos, bem como aceitá-los, discuti-los, debatê-los, aprender a se comportar, assumir uma postura sobre tema.

Na sociedade atual, a sexualidade está cada vez mais aflorada e as pessoas, desinibidas. Situações proporcionadas pela dança do *funk*, por exemplo, que tem passos extremamente insinuantes à prática sexual, criam situações que colocam em evidência uma sensualidade e até uma atitude pornográfica. Além de questões importantes e atuais como a diversidade sexual, identidade e disfunções sexuais, os novos arranjos familiares, a adoção por parte das novas famílias (homossexuais), e também pelas famílias de segundo, terceiro casamentos, que envolvem filhos de diferentes pais e mães, a

transexualidade, travestilidade, bebês in vitro, entre tantos outros tópicos que estão em debate atualmente e complexificam ainda mais a questão.

Entende-se que a repressão sexual é todo controle que se faz ao exercício da sexualidade, esteja ela ligada aos órgãos genitais ou não (CHAUÍ, 1990). Vive-se em uma sociedade que ainda mantém cenários e bolsões de atitude sexofóbica, na qual ainda assistimos a situações de intromissão do livre arbítrio alheio. Uma das manifestações mais organizadas é a dos homossexuais. Há décadas que a homossexualidade é tema de movimentos sociais. No livro de Kinsey (1948), sua pesquisa apontou que 10% da população mundial sofria com as repressões aos seus direitos. Era negado aos homossexuais o direito de se casar; que foi conquistado, no Brasil, a partir de 2013, quando foi promulgada a lei que permite a união estável entre pessoas do mesmo sexo. Há tempos que este sofrimento vem provocando desigualdade e dor, por não serem considerados normais e aceitos com seus direitos, como qualquer outro cidadão.

Nesses 23 anos de atuação em psicologia clínica com o foco na sexualidade, a maioria dos pacientes relatou que os pais, ao falarem sobre sexo, informavam as consequências negativas advindas do ato sexual, como gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, abusos sexuais, entre outros. Os relatos colocavam em evidência a necessidade de criar mecanismos de defesa do sexo, e, com isso, mostravam que na vida dessas pessoas não se falava da sexualidade como um todo, apenas dos aspectos negativos.

Na formação superior, sabe-se que a psicologia se propõe a trabalhar o comportamento humano. Porém, durante o período de formação universitária, o suporte teórico acadêmico, necessário para que o psicólogo tenha conhecimento mais amplo e detalhado da sexualidade humana, parece não ser suficiente para fornecer apoio para o futuro profissional.

Em pesquisa realizada por Dias (2001), após a análise do currículo pleno de 60 cursos de graduação em psicologia da região Sudeste do país, foi possível observar a existência de um número de disciplinas que privilegiam, em primeiro lugar, a visão psicanalítica, em segundo a humanista, e em terceiro a comportamentalista. Ainda de acordo com o autor, é marcante a ênfase no estudo do indivíduo como ser isolado de seu contexto sociocultural, uma vez que o número de disciplinas que tratariam deste tema foi inexpressivo. Em apenas um dos currículos pesquisados estava presente o estudo da sexualidade humana.

Dias (2001), como supervisor da área clínica, identificou que um dos entraves para uma formação mais densa sobre o tema estava ligado aos próprios acadêmicos supervisionados, que desqualificavam o discurso relacionado à sexualidade. O autor também observou, por meio de diversos relatos de profissionais da psicologia que ignoravam queixas com demanda sexual em seus atendimentos. Em geral, eles contornavam os assuntos, minimizando a importância do que trazia o paciente ou até mesmo maximizando assuntos que em princípio, para o paciente, não tinha tanta importância, tudo isso para justificarem para si mesmos a não preparação para atender essas queixas. Tais aspectos nos levaram a pensar que a insuficiência dessa temática na formação superior, além dos tabus em torno da sexualidade do profissional da psicologia mesmo após sua formação profissional, pode dificultar o trabalho do psicólogo dentro do consultório. Não tendo preparação que lhe dê suporte em termos de conhecimento e entendimento sobre a sexualidade humana, ele provavelmente terá maior dificuldade para atender seu paciente no que tange as queixas sexuais.

Dias (2001) informa ainda que esse perfil de formação é percebido desde o estágio curricular em clínica, haja vista relatos de situações em que os estagiários desqualificaram o discurso dos pacientes nas ocasiões em que as experiências deles estavam além daquilo abordado nas teorias em sala de aula, sobretudo os conteúdos ligados à sexualidade. Diante dessas constatações, observa-se que sugere-se vulnerável a capacidade real dos profissionais da psicologia em trabalhar com os pacientes que estão em sofrimento, com queixas de ordem sexual, uma vez que os pacientes ouvem e levam em consideração as colocações dos(as) psicólogos(as). Consideramos que um dos aspectos que amplificam o problema é a falta de disciplinas com conteúdo programático ligado à sexualidade, pois isso acarreta fragilidade na formação desses profissionais que se propõem a trabalhar com a vida íntima de seu paciente.

Diante desse contexto, esta pesquisa propôs-se a analisar aspectos da atuação do profissional de psicologia clínica em relação ao atendimento de casos envolvendo sexualidade, com o objetivo de compreender melhor os aspectos críticos em torno dessa prática.

Fundamentação teórica

Para Picazio (1998), a relação do ser humano com o mundo inclui um processo de apropriação,

reflexão e expressão de aprendizagens dos sentimentos e desejos. Entendemos que a educação sexual faz parte da educação integral de um aluno, portanto, é importante sua inclusão na educação básica, pois é a escola que recebe sujeitos em plena fase de desenvolvimento físico, intelectual, social, espiritual e psicológico. Nascemos com um sexo biológico. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida (FACHINNI; SIMÕES, 2006, p. 163).

Casos envolvendo problemas de ordem sexual foram temas de várias pesquisas. No caso da mulher, Abdo (2004) encontrou resultados que mostraram que a resposta sexual é considerada baixa: 30% sofrem com problemas sexuais. Diante de uma avaliação mais específica sobre a vivência sexual dessas mulheres, foram percebidos muitos traumas, experiências negativas, medos, mitos, credices, problemas emocionais que atrapalhavam a sexualidade. São problemas advindos basicamente de uma educação sexual inadequada, deturpada, da não conversação sobre o assunto de forma legitimadora, da falta de liberdade até mesmo para se pensar no sexo – que é algo fundamental para a boa vivência da sexualidade –, do não conhecimento e não exploração do próprio corpo.

Para Bruns (2011), na vida pregressa está a importância singular de cada família em relação à erotização e à impressão criada e recriada pela sociedade no decorrer da história. Segundo a autora,

(...) o corpo é o habitat do erotismo, a força transgressora que triunfa sobre as interdições, valores, preconceitos, estigmas e tabus de cada sociedade. Visto ora pela perspectiva do sagrado, ora pela do profanado, ou ainda do interpretado, o corpo sempre esteve “capturado” pelos modismos de cada época, em consonância com as normas de cada sociedade (p. 70).

As manifestações sexuais inicialmente mais comuns são as curiosidades pessoais, a descoberta do corpo, o toque, a masturbação, as falas, as piadas, as brincadeiras, as músicas compostas por muitas palavras relacionadas com a sexualidade e que desperta o desejo. Após a vivência desta etapa inicial, os interesses continuam emergindo, mas agora são curiosidades, normalmente com alguma intenção implícita. Como relacionar-se com o outro sexo, como beijar, os carinhos, as carícias como fazê-las, o que falar na hora do ato sexual, quais são as posições, o que dá mais prazer, são questões que permeiam o cérebro do indivíduo. Após algumas experiências vivenciadas, os interesses apare-

cem em virtude das respostas sexuais, ou seja, a reação do físico e do emocional do indivíduo ao relacionar-se sexualmente³. Neste sentido, concordamos com Maia et al. (2012, p. 151) quando afirmam que “O trabalho de educação sexual formal é fundamental para romper ideias cristalizadas e construídas na sociedade.”

Segundo o Conselho Federal de Psicologia, do Ministério do Trabalho, o psicólogo é o profissional que procede ao estudo e à análise dos processos intrapessoais e das relações interpessoais, possibilitando a compreensão do comportamento humano individual e de grupo, no âmbito das instituições de várias naturezas, onde quer que se deem essas relações. Aplica conhecimento teórico e técnico da psicologia, com o objetivo de identificar e intervir nos fatores determinantes das ações e dos sujeitos, em sua história pessoal, familiar e social, vinculando-as também a condições políticas, históricas e culturais (CFP, 2013). Neste parágrafo está implícita e explícita a sexualidade da pessoa.

No entanto, falando da necessidade de disciplinas com conteúdo sobre a sexualidade na formação de profissionais da psicologia, essa premissa não tem a pretensão de invadir a intimidade do aluno, nem tomar o espaço da família na formação da personalidade e identidade (MARIUSSI, 2010), mas dar continuidade a esse processo formativo, dentro do espaço que se responsabiliza pela formação de um profissional que responderá por esta dimensão afetiva sexual, considerando o contexto sociocultural em que vivemos.

Estamos em um momento social, no Brasil, no qual as questões que envolvem as sexualidades estão evidentes, pode-se dizer que estamos passando por uma verdadeira revolução sexual. Dúvidas em relação ao ser feminino, masculino, gêneros, homossexualidade, transexualidade, explorações e abusos sexuais, posições contraditórias das igrejas, uma verdadeira falta de referências e de valores embasados na realidade sociocultural.

A ordem dos fatos em nossa sociedade está revelando uma contradição na prática do profissional da psicologia diante do tema sexualidade.

Dias (2001) elenca algumas questões que fazem parte da preocupação dos estudantes dos

primeiro e segundo anos de psicologia, dentre elas estão os conflitos relativos à prática da vida sexual e à identidade sexual, no sentido de que o psicólogo, além de profissional, é também um ser que busca compreender a si mesmo, assim como os pacientes, e também sofreram os impactos da exclusão acerca do conhecimento que deveriam ter de si.

Pensar na formação de um profissional da psicologia é pensar em muitos desafios e, ao mesmo tempo, parar para refletir sobre “os conhecimentos” presentes nessa formação. Na maioria das vezes os jovens estudantes não são e não se sentem contemplados em suas “angústias” (PIÉRON, 1987) por “Mal-estar, ao mesmo tempo psíquico e físico, caracterizado por temor difuso, podendo ir da inquietação ao pânico”, o que acaba influenciando na qualidade do estudo. A atenção que deveria estar na aula, foge para outros lugares, e, por conseguinte, não mantém a concentração naquilo que está sendo ensinado em sala de aula.

Ao analisar os currículos do curso de psicologia, verificou-se que foram estruturados visando garantir melhor preparação aos futuros psicólogos, mas ainda não é suficiente para assegurar uma formação isenta de críticas (DIAS, 2001). Segundo Silva (2005), a elaboração dos currículos dos cursos de psicologia objetiva o conhecimento, não levando em consideração também um de seus principais beneficiários, o estudante, que passa por constantes mudanças psicológicas, fisiológicas e pela construção da sua identidade.

Ainda há preconceitos em relação ao tema sexualidade. Segundo Mariussi (2010) é observável que quando se fala em sexualidade ocorre uma ancoragem imediata ao termo sexo. Apesar de os dois termos estarem atrelados, é importante destacar que sexualidade é todo o contexto que envolve o sexo, ou é tudo aquilo que envolve sentimentos, pensamentos e ações: o que necessariamente envolve todos os sentidos, ou seja, o ver, o ouvir, o cheirar, o degustar e o sentir (tato). Quando se fala em sexo, restringe-se, na maioria das vezes, ao genital propriamente dito, à questão de gêneros, do ser macho e fêmea. Pelo fato de os termos se aproximarem, geralmente ocorrem distorções dos conceitos por parte das pessoas, que não costumam buscar mais informações sobre o assunto, reduzindo-se o todo sexual apenas ao sexo (genital). É cer-

³Pode-se afirmar que há, hoje, material bibliográfico que pode dar suporte quando o tema é educação sexual. São muitos os livros na área que podem nortear pensamentos e comportamentos de maneira adequada. No entanto, como qualquer área, é necessária a dedicação e a busca de novos conhecimentos e entendimentos.

to que ambos fazem parte de nossas vidas, mas nos levam a trilhar caminhos diferentes (idem).

Método

Essas preocupações nos levaram a organizar uma pesquisa para compreender com mais propriedade a problemática em torno da atuação do psicólogo clínico. A opção das pesquisadoras foi pela pesquisa qualitativa. Como problema de pesquisa, foi recortado o tema da sexualidade em torno da pergunta: "quais são as dificuldades do psicólogo clínico para trabalhar com as queixas de disfunções sexuais femininas nos seus atendimentos?" Em torno desse questionamento, partiu-se da hipótese de que a falta de uma formação específica e direcionada levaria esses profissionais a negligenciar situações em que a sexualidade surgisse em suas práticas clínicas.

Com base nessa hipótese, foi estabelecida uma proposta de intervenção cuja referência metodológica se alinha com a Pesquisa Participante (ANGROSINO, 2009), para um grupo de psicólogas por meio de um curso sobre sexo e sexualidade. Tal estratégia foi proposta para que pudéssemos analisar posteriormente se esta formação daria melhores condições para a atuação da profissional nos impasses sobre o tema sexualidade nos consultórios.

Após a realização do curso, as psicólogas foram supervisionadas por um período de dois meses. Nesse período, foi sintomático o fato de nenhuma delas ter buscado auxílio da supervisão, o que nos motivou à segunda etapa da pesquisa: convidar os sujeitos que participaram da primeira etapa para aprofundar a relação entre as dificuldades do profissional em tratar das questões relacionadas às disfunções sexuais e a sua própria história de vida. Na segunda etapa utilizamos a técnica de história de vida e somente um profissional aceitou participar das entrevistas.

Resultados

Na primeira etapa, na entrevista final, as dez profissionais que realizaram o curso declararam que, mesmo após participar de um processo de formação continuada, ainda assim não se sentiram aptas para atender problemas sexuais; mostraram-se inseguras para o emprego do conhecimento em suas práticas clínicas. Para avaliar os resultados da primeira fase foram feitas entrevistas não-estruturadas com todas as dez participantes do curso. As entrevistas foram gravadas e realizada análise de conteúdo seguindo a metodologia proposta por

Bardin (1997).

Na segunda etapa, a entrevista em profundidade por meio da técnica de história de vida nos trouxe alguns aspectos interessantes. Essas entrevistas foram gravadas e alguns dados corporais e gestuais foram anotados pela entrevistadora. Para resguardar a identidade vamos chamar de S¹ a profissional que nos contou sobre sua vida e possibilitou compreender a problemática da pesquisa.

Dentro da casa de S¹, desde pequena (aos três anos, pelo que ela se lembra), a sexualidade sempre existiu, os pais se relacionavam afetivamente na frente dos filhos, deixavam se perceberem como adultos dotados da dimensão afetiva e sexual. Mas em contrapartida, a sexualidade que era explícita pelos pais era algo de que os filhos não participavam de nenhuma forma, ou seja, nem mesmo podiam perguntar sobre, era algo entre adultos apenas, os filhos não tinham nenhuma liberdade para perguntar sobre o assunto pois os pais não permitiam, consideravam falta de respeito e intromissão dos filhos caso perguntassem. Segundo Mariussi (2010), a informação através do diálogo desfaz a ignorância e ajuda a desfazer noções deturpadas sobre o assunto; a grande dificuldade dos adultos para falar sobre a sexualidade vem do fato de não terem recebido educação sexual. Na casa de S¹, quando a porta do quarto se fechava, ficava claro que era algo somente entre os pais e nunca foi dito o porquê. A troca de carinho entre os pais na presença dos filhos (com bom senso, é claro), ou seja, beijos, abraços, palavras carinhosas, andar de mãos dadas, o respeito no dia a dia, possibilitam atitudes positivas no futuro dos filhos, com mais autoconfiança e escolhas de parceiros com comportamentos mais saudáveis em relação à sexualidade.

Interessante observar que S¹ não se lembra dos fatos quando ficou nua aos três anos com um amiguinho, pois não havia o diálogo dentro da sua casa, a conversação sobre a sexualidade para dar o entendimento, alicerçar melhor as condições dos fatos que aconteciam ao redor de S¹, ela apenas imaginava, o que é mais passível de esquecimento, pois não tinha modelos e nem falas explicativas, o que seria adequado para a idade: saber que a sexualidade existe. S¹ teve a oportunidade de ver o sexo oposto nu, "abastecendo" a sua curiosidade sobre as diferenças do outro sexo. Ao mesmo tempo, tal episódio chocou S¹, pois foi uma situação aberta para pessoas envolvendo-a, o choque sugere também o causador do esquecimento, que funcionou como defesa, pois ainda estava imatura para lidar com situações de exposição, o que gera

muita vergonha, culpa e medo.

S¹ tinha em torno de cinco ou seis anos de idade quando viu, muitas vezes, cenas de sexo entre os pais, mas não entendia o que era aquilo, pois não tinha entendimento suficiente para compreender o que era sexo. Trata-se de uma contradição, pois se os pais faziam na presença dos filhos, mesmo que eles estivessem dormindo, fica implícito de que é algo “permitido”, mas sem a compreensão necessária para aquele ato sexual, gerava medo e incertezas, depois de adulta, acerca das próprias vivências sexuais. O ato sexual visto pela criança, quando sem informações, na maioria das vezes, é entendido como algo que machuca, em função dos movimentos do corpo, pelo fato de estarem um sobre o outro, pelos gemidos e suspiros mais profundos, o que é diferente do modo de as pessoas se expressarem no dia a dia.

Nas passagens em que S¹ levantou sobre o sexo entre seus pais, ficou claro que existia muita proibição sobre o assunto, como ela verbalizou “apesar de toda exposição, um assunto que não se falava”, não podendo existir clareza nos fatos, permitindo a fantasia tomar conta das indagações pessoais de cada criança envolvida. Para exemplificar, segundo S¹, em um momento que estava dentro do carro com os irmãos e seus pais e ela perguntou diretamente para os pais como era “ficar pelados”, uma vez que esta terminologia era comum a todos ali, recebeu uma reprovação dos mesmos, deixando claro que naquele assunto criança não deveria tocar.

Mais uma vez apareceu uma grande contradição vinda por parte dos pais: a filha S¹ não podia “se permitir” com seu namorado, mas o filho homem podia, e era incentivado a vivenciar a sexualidade com uma garota da mesma idade de S¹, e toda essa situação se passava dentro de casa. S¹ viveu em contato com essa realidade contraditória por muitos anos. Segundo Figueiró (2006, p. 107), uma mulher que vive em uma cultura marcada pela desigualdade sexual e pelo duplo padrão de moral sexual, não há condições para viver plenamente sua sexualidade.

S¹ foi abusada, ela lembrou-se que um homem vizinho passou a mão na sua vulva e, naquele momento, ela interrompeu o que fazia (visitando um cachorro, conforme o convite feito por ele), pois se incomodou com a atitude do vizinho. Segundo relatório da Unesco

sobre violência com crianças e adolescentes:

(...) o comportamento dos pedófilos varia de um exibicionismo sem contato físico até atos de penetração, visando ou não as zonas sexuais. Para alcançar seus objetivos, usam diferentes meios, bem como diferentes graus de coerção (UNESCO, 1999, p. 15).

S¹, quando indagada na primeira etapa da pesquisa, não relatou que havia sido abusada. Neste momento, S¹ nos mostra que já estava instalado um medo, pois ela se negou a dar continuidade no que tanto tinha vontade de fazer (ver o cachorro) e só quando sua irmã, abusada pelo mesmo vizinho, contou o ocorrido à sua mãe, que S¹ fez o mesmo. Importante notar que se encoraja a partir do encorajamento da sua irmã. Todo um esquema de culpa e pecado aparece neste momento, S¹ diz: “o pedófilo foi embora fugido de lá”.

Outra situação é o abuso por parte do avô, que as tias choravam toda vez que contavam as histórias, mas que a mãe de S¹ negou sempre, nos mostra a negação da sexualidade, o adulto abusa da criança, explora sua ingenuidade se utilizando da autoridade de pai e a criança não é esclarecida, não se tem detalhes sobre os acontecidos, pois a mãe se nega a falar do assunto, como se fosse uma inverdade inventada por suas irmãs. É importante resgatar as pesquisas sobre violência contra crianças e adolescentes quando nos ilustram que

(...) além da necessidade de sobreviver, outras causas facilitam ou pressionam meninas e adolescentes a se deixarem explorar sexualmente. Os estudos indicam que conflitos familiares, negligência e punições físicas levam-nas a sentir medo ou raiva permanente dos adultos. Incesto e abuso sexual nos primeiros anos de vida eliminam a auto estima da criança, que não se sente mais com direito de ser protegida nem com valor como ser humano. (UNESCO, 1999, p. 26).

Aparece aqui todo o repúdio, o medo, pois a recusa em falar da mãe de S¹ é clara e o choro das tias mostra que, neste caso, muito mais a dor, o medo, a culpa, o ódio são evidenciados em resposta aos abusos sofridos. O não entendimento por parte de S¹, o sentir-se desprotegida e mais uma vez a mãe dando continuidade à sua expressão sexual, que é negar com palavras os fatos frustrados ocorridos dentro de casa sentidos como ofensa, dor e pecado, podem justificar suas angústias apresentadas nas entrevistas.

Em sua primeira experiência sexual com um homem sentiu dor física, mesmo apaixonada, havia tantos “nãos” na cabeça que não conseguiu se liberar no ato, não conseguiu uma entrega total na relação. Não estava preparada para sexo, sua dor física sentida inicialmente mostra que é proporcionada pelo estado psicológico, conseqüentemente dispareunia, a penetração se tornou muito difícil gerando um atrito maior, provocando dor na relação, comprometendo o prazer, conseqüentemente o entendimento do que é uma relação sexual, ao iniciar sua vida sexual.

O namoro de S¹, que se tornou seu casamento, mostrou a falta de habilidades do parceiro, que faz com que ela continuasse a sentir dores durante a relação sexual. A vida sexual atual depende de vivências e experiências amorosas passadas, para que se possa permitir um envolvimento maior de entrega, principalmente para a mulher, é necessário todo o carinho possível, envolvendo os órgãos dos sentidos, ouvir coisa positivas, o tato tem que transmitir carinho e atenção, de alguma forma que o sentido da gustação seja ativado, que a pessoa e também o ambiente agrade aos olhos, pois a visão é outro sentido fundamental, assim como o olfato, para a construção do prazer. Tudo aquilo que se viu, ouviu e vivenciou de alguma forma se expressa também no momento do ato sexual.

(...) cada um de nós construiu ao longo da vida uma história singular de interações sexuais que condicionou nossos desejos; criou medos, inseguranças, crenças e esperanças; e depositou camadas de culpa e vergonha. Todos esses fatores inconscientemente moldam nossos desejos sexuais e determina nosso comportamento (CONRAD, 2002, p. 44).

O indivíduo é um receptáculo de tudo o que já viveu, o que foi vivido tem sua importância e trará influências para sua vivência sexual atual,

(...) quando nossas associações com sexo se mostram negativas ou desconfortáveis de alguma forma – porque fomos ensinados a sentir vergonha de ter desejos sexuais, porque fomos magoados ou humilhados em encontros sexuais passados, porque internalizamos imagens da mídia que nos levam a nos sentir pouco naturais em relação a nosso corpo ou até a abominá-lo, o sexo, que poderia ser prazeroso e dar sustento à nossa vida, torna-se problemático e insatisfatório (idem, p. 45).

S¹ expressou que seus pais controlavam bastante sua vida afetiva com os namorados, ela não podia fazer nada, e presenciava ocorrer o mesmo com sua irmã. S¹ em vários momentos disse que sua “mãe era controladora”.

S¹ relatou que sobre o assunto masturbação nunca foi falado, o autoconhecer-se, o tocar-se para daí aparecer sensações fisiológicas não foi experimentado. Na fase de desenvolvimento, por volta de 10 a 16 anos de idade, a exploração pessoal é indicada para as autodescobertas. Segundo Lins (2010),

A masturbação na adolescência é vista pelos sexólogos como uma prática fundamental para a satisfação sexual na vida adulta, por permitir um autoconhecimento do corpo, do prazer e das emoções. As adolescentes femininas que se iniciam na masturbação também apresentam o orgasmo clitoridiano, sendo isso um sinal de evolução sexual sadia (p. 365).

Para S¹ a sexualidade inicialmente teve a conotação do “par”, ou seja, era sinônimo de estar com alguém, apenas. S¹ não teve certeza do que era ter prazer até os 30 anos, que pelos seus relatos nos mostra que faltava informações adequadas para isso, explicações mais apropriadas para sua idade, com palavras de seu conhecimento pessoal.

Segundo Mariussi (2010), quando o adulto não verbaliza o que está acontecendo “é um desrespeito à criança, é uma negação do assunto”, o que vai permitir uma interpretação que pode não ser o melhor para a situação, no caso de S¹ os pais não falavam sua linguagem. Foram negadas explicações para seu entendimento sobre a sexualidade, como quando ela fez a pergunta diretamente (quando estavam no carro). O que resume tudo na falta de educação sexual dos pais e, por consequência, também na da sua filha, gerando consequências depois de adulta, ao não conseguir satisfação sexual porque não estava liberada pelos seus sentimentos, não teve entendimento suficiente nem liberdade para vivenciá-los em idade em que apareciam em episódios menores.

Outra questão importante a salientar é sobre seu parceiro com “ejaculação rápida”, o que não oferece tempo para S¹ conseguir se soltar e curtir o prazer, como ela relata, que quando via o esposo já ‘tinha ido’, e ela sobrava. SOARES (2001) diz que, para a progressão do estímulo erotizante na mulher,

(...) se faz de uma forma muito mais lenta do que no homem. Exige muito mais tempo. Não adianta ir entrando de sola, como as bestas na estrebaria. Há necessidade de que o cavalheiro a estimule por todos os meios de sua competência, seja com apaixonados beijos na boca, no pescoço, nos ombros, tórax, seios, abdome, cosas e genitais, principalmente no clitóris, seja coma a estimulação tátil com os dedos neste último, à maneira de como ela gosta de se masturbar (é preciso indagar dela quais as suas preferências de pressão e rapidez de movimentos), acariciar-lhe com sofreguidão todo o corpo, longamente, deixá-la sentir a sua respiração arfante junto aos ouvidos dela, morder-lhe as orelhas, afagar-lhe carinhosamente os seios, as nádegas e os genitais. E tudo mais que lhe possa parecer conveniente para levá-la às alturas. A penetração só deve ter início quando o varão perceber que sua parceira já está pra lá de Marrakesh e pronta para recebê-lo, tão sedenta disso quanto alguém perdido no meio do Saara, ao sol do meio-dia (p. 153).

O casal jovem não tinha compreensão sobre como lidar com a ejaculação rápida, quando acontecia ficavam irritados, ela se frustrava; o que configurou que seu prazer sexual mais uma vez fora negado, assim como os pais faziam: a impediam de vivenciar o prazer.

Quando seu esposo assiste filme pornográfico e quer que ela assista também, aparece uma rejeição por parte dela, pois é difícil vivenciar a sexualidade de forma mais ousada quando tudo está se voltando para a maternidade. Naquele momento ela estava sendo explorada de uma forma que não podia acompanhar em função das questões psicológicas que não permitiam enxergar prazer sexual na mesma intensidade que o marido mostrava desejar. A pornografia é algo muito explícita, forte para mulheres de uma cultura na qual o sexo é visto como pecado. Nos filmes pornográficos os corpos são explorados de forma a abstrair apenas prazer sexual, na maioria das vezes sem afetividade nenhuma, apenas o lado animal se pronunciando de forma mais exaustiva. Ao recusar-se a ver os filmes, S¹ tem um comportamento respeitoso a si mesma, mas posteriormente sente culpa por não acompanhar o esposo.

S¹ demonstrou possuir um sentimento persecutório com relação às filhas, ela relatou ter medo de que as meninas os vissem tendo relações, assim como aconteceu na sua infância. Ela tinha relações pensando nas filhas, na possibilidade de que elas pudessem acordar e

ouvir ou ver alguma coisa, e assim não se sentia à vontade, não tinha uma entrega total no ato.

A traição do marido com amigas e outras mulheres pela internet também abalou muito a autoestima de S¹, fazendo com que ela, como mulher, se sentisse diminuída.

S¹ relatou que se sentia problemática sexualmente por não sentir o prazer discursado pelas amigas; as cenas dos filmes pornográficos eram muito diferentes das suas relações e também por aquilo que ela percebia que o marido esperava. Disse que se sentia uma mulher assexuada. S¹ teve muitas experiências negativas com relação ao sexo, o que a tornou uma mulher com pouco desejos sexuais, sem fantasias. Segundo Soares (2001),

(...) as fantasias aumentam a excitação durante o sexo, criar fantasias deve ser uma propriedade exclusiva do homem na natureza, pois fazer amor, para ele não é, tão somente, um ato fisiológico destinado à procriação, exige criatividade, bom senso, diversificação no proceder, a fim de se alcançar uma bela performance a cada dia e fugir à mesmice e ao tédio (p.159).

Quando S¹ ficou sabendo da compulsão sexual ('vício', por ela verbalizado) do marido pelo material disponível na internet, se sentiu aliviada, entendendo que não só ela tinha um problema sexual, ou seja, o marido também tem sua parcela de contribuição nesse desarranjo conjugal. Mesmo com a separação do casal, S¹ diz que passou a se sentir melhor na questão sexual.

Depois que iniciou a prática da masturbação, S¹ passou a conseguir prazer nas relações sexuais mais e a reconhecer a falta que fazia o autoconhecimento para ter relações sexuais mais satisfatórias com o parceiro. Passa a perceber também que a sexualidade tem como base a afetividade, o cuidado um com o outro, a troca de carinhos no relacionamento enquanto casada. S¹ finaliza sua fala dizendo que foi extremamente importante para si o fato de ter passado a se masturbar, se sentia muito insegura enquanto mulher, mas a partir do momento em que passou a ter atividades sexuais mais satisfatórias com o ex-marido, começou a ter um referencial melhor de si própria.

Depois do divórcio, S¹ voltou para a casa dos pais e eles continuaram a ter o mesmo comportamento controlador e repressor de quando era uma adolescente, segundo ela. Ela não retomou sua vida social, pois ficou em função dos cuidados das filhas. Tem saído apenas para encontros sexu-

ais com o ex-marido, mesmo percebendo que volta com ele não seria a melhor alternativa.

Atualmente S¹ tem sonhado com orgasmos, consegue senti-los nos sonhos, aproveita o momento e passa a se estimular sexualmente. S¹ passou a ter uma vida sexual consigo mesma, a ter liberdade de se tocar e conhecer cada vez mais, o que aumenta o repertório de fantasias e desejos sexuais e melhora o desempenho sexual, se livrando da disfunção sexual anafrodisia (falta de desejo sexual), que apresentava. A anafrodisia, segundo Soares (2001), tem sua origem em causas como o vaginismo, dispareunia, falta de afinidade mental e amorosa com o parceiro, repúdio e nojo, formação de uma personalidade psicológica negativa construída em família, preceitos religiosos irreais e primitivos, experiências anteriores mal sucedidas, traumas de infância e psicopatias hereditárias ou adquiridas.

S¹ parou de atender casos clínicos por julgar que não estava bem em função dos trâmites do divórcio. S¹ se mostra ainda muito insegura como mulher, está vivendo na dependência dos pais e da ajuda do ex-marido.

Discussão

Para sintetizar esta discussão, pode-se dizer que a sexualidade encontra formas de se constituir nos espaços em que os sujeitos interagem. Por ser uma construção social e cultural, torna-se fundamental a compreensão dos aspectos críticos em relação à formação plena do sujeito que acontecem na atualidade, nesses vários lugares. Esse reconhecimento poderá ser bastante útil para a atuação dos profissionais da psicologia e da educação na formação das gerações futuras.

Diante da história de vida de S¹, nota-se uma hipertrofia no que tange a liberdade para a vivência da sexualidade, assim como demais indivíduos que nada ouviram ou viram dos seus pais sobre o assunto.

Foi possível verificar o quanto o silêncio, a falta de diálogo com relação a vivências sexuais interfere no processo de formação de uma pessoa, causando sofrimento psicológico e o exercício da sexualidade não satisfatório.

Neste sentido, esta investigação nos trouxe a possibilidade de considerar algumas questões em relação ao tema sexualidade e a atuação profissional.

Podemos reforçar a compreensão que a falta de educação sexual em casa, feita pelos pais, é um fator crítico na formação da sexualidade posterior-

mente na vida adulta; também a falta de educação sexual no âmbito escolar, que poderia suprir parte das lacunas deixadas na família, foi bastante precária com o sujeito pesquisado. Esses aspectos, somado às experiências pessoais frustradas e parceiros sem habilidades sexuais acabaram por reforçar o despreparo da profissional da psicologia para atuar com o tema na prática clínica.

Defendemos uma condição mais favorável para o processo de formação do psicólogo; é importante haver espaços nos quais se possam abordar as curiosidades e ansiedades, incluindo as dimensões afetivas, sociais e culturais de um processo formativo do sujeito e do profissional da psicologia, pois a "(...) psicologia como a ciência que tem como objeto de estudo, a subjetividade, (...) a psicologia clínica tornou-se o lugar eleito por excelência para "cuidar" da subjetividade" (SOUZA, 2007).

No entanto, falando da formação de profissionais da psicologia, essa premissa não tem a pretensão de invadir a intimidade do aluno, nem tomar o espaço da família na formação da personalidade e identidade (MARIUSSI, 2010). Propõe dar continuidade a esse processo formativo, dentro do espaço que se responsabiliza pela formação de um profissional que responderá por esta dimensão afetiva sexual, considerando o contexto sociocultural em que vivemos.

Diante dessas fragmentações da profissão, compreende-se a existência dos inúmeros cursos de especialização em sexualidade no Brasil, que se constitui um dos caminhos para a busca de conhecimento e da compreensão da sexualidade humana. Isso se estabelece como continuação à formação do psicólogo quando, na verdade, deveria fazer parte da formação profissional durante a graduação.

Conclusão

Concluimos que a falta de educação sexual formal somada às experiências pessoais frustradas, como parceiros sem habilidades sexuais, reforçam o despreparo dos profissionais da psicologia a atuarem de forma mais direta neste assunto.

Concluimos ainda que a vida pessoal está intimamente ligada ao exercício da profissão. Podemos reforçar a compreensão de que a falta de educação sexual em casa feita pelos pais é um fator crítico na formação da sexualidade, posteriormente também na vida adulta; a falta de educação sexual no âmbito escolar, que poderia suprir parte das lacunas deixadas na família, foi bastante precária com o sujeito pesquisado.

Esta pesquisa nos levou a indagar acerca das constantes mudanças e transformações no meio em relação à sexualidade do adulto – o amor e o sexo virtual, os novos arranjos familiares (dois pais ou duas mães, filhos de relacionamentos anteriores ou adotados), modificações nas relações de gênero e muitas outras situações construídas –, ao se falar em orientação sexual deve-se, primeiro, observar a necessidade de orientar/educar o adulto.

O resultado desta pesquisa problematizou nossa hipótese, de que mais informações e trabalhos mais específicos para a formação do psicólogo poderia trazer melhores condições para seu trabalho, defendido por esta investigação, ainda que não tivéssemos a pretensão de abarcar a sexualidade na sua plenitude, mesmo porque existe uma singularidade nos comportamentos e diferentes meios em que os sujeitos vivem em relação à área da sexualidade.

Referências

- ABDO, C. H. N. *Vida sexual do brasileiro* (EVSB). São Paulo: Bregantini, 2004.
- ANGROSINO, M. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009. Coleção Pesquisa Qualitativa/coordenada por Uwe Flick.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, PT: edições 70, 1997.
- BRUNS, M.A.T. Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivo-sexuais. *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.63, n.1, p. 64-74, 2011.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual: Essa nossa (des)conhecida*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CFP. Conselho Federal de Psicologia. *Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil*. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br>>. Acesso em: 18 maio 2013.
- CONRAD, S.; MILBURN, M. *Inteligência sexual*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002
- DIAS, C. A. Considerações sobre elaboração de currículos para formação de psicólogos: a partir de uma perspectiva didática. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 36-49, set. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2015.
- FACHINNI, R.; SIMÕES, J. de A. *Sexualidade: dimensão conceitual, diversidade, discriminação*. Rio de Janeiro: CLAM, 2006.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina, Pr: EDUEL, 2006.
- UNESCO. Coletivo. *Inocência em perigo: abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na internet*. Rio de Janeiro: Garamond. 1999.
- KAHHALE, E. M. S. P. Orientação sexual na adolescência. In: BOCK, M. B. (org.) *Psicologia e o compromisso social*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 185.
- KINSEY, A. *Sexual behavior in the human male*. Filadélfia: W. B. Saunders, 1948.
- LINS, R N. *A cama na rede*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller. 2010.
- MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n.1, p. 151-156, 2012.
- MARIUSSI, E. R. *Educação sexual começa em casa*. Maringá, PR: Clichetec, 2010.
- PICAZIO, C. *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.
- PIÉRON, H. *Dicionário de psicologia*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.
- SOARES, J. L. *Sexo: guia completo e ilustrado para mulheres*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 153, 159
- SOUZA, C. C. *A clínica que se vive: reflexões sobre a prática da Psicologia clínica na contemporaneidade*. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

ARTIGOS OPINATIVOS E DE ATUALIZAÇÃO

DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DO SEXO ORAL: VASCULHANDO A LITERATURA EM BUSCA DE EXPLICAÇÕES CIENTÍFICAS.

*Filipe Hille¹; Clóvis Marzola²*UNRAVELING THE MYSTERIES OF ORAL SEX: DIGGING THROUGH THE LITERATURE
LOOKING FOR SCIENTIFIC EXPLANATIONS.

Resumo: Falar sobre “sexo oral” na sociedade nunca foi algo tão simples, uma vez que é tema polêmico e visto de forma vulgar e comprometedor por muitas pessoas. Apesar dos vários conceitos vistos acerca do ato propriamente dito, sabe-se que tal prática é de caráter comum entre os adolescentes e casais. Muitos ainda têm dúvidas com relação ao risco que correm ou que podem correr ao realizar ou recebê-lo. Ainda, quando se fala em sexo oral, observa-se que existe certo “tabu” imposto pela sociedade desde décadas passadas, e muitas dúvidas surgem a respeito. Ao pesquisar sobre sexo oral em revistas, jornais e outros meios de comunicação, quase sempre se lê informações falsas e sem embasamento científico, discriminando totalmente o sexo ou tornando sua realização extremamente inofensiva. E você? O que você pensa sobre o sexo oral? Este trabalho tem como objetivo esclarecer dúvidas e definir conceitos básicos sobre um dos assuntos mais polêmicos da sexologia e odontologia.

Palavras chave: sexualidade; sexo; sexo oral; saúde; patologia oral; odontologia

Abstract: Talk about “oral sex” in the society in which we live has never been something as simple as this subject is controversial and visa vulgar and compromising way by many people. Despite several visas concepts about the act itself, it is known that such a practice is common character among teenagers and couples and many still have doubts regarding the risk they are taking or that can run to perform oral sex or forward to it. Yet when it comes to oral sex, we observed that there is a certain “taboo” imposed by society since the past decades and that many questions arise about. When searching on oral sex in magazines, newspapers and other media outlets almost always read false information and without scientific base totally discriminating sex or making harmless to end its realization. And you? What do you think about oral sex? This study aims to answer questions and define basic concepts about one of the most controversial issues of Sexology and Dentistry.

Keywords: sexuality; sex; oral sex; health; oral pathology; dentistry

¹ Graduação em Odontologia, pós-graduando em Odontopediatria pela Universidade de São Paulo (Fundectó/FOUSP). Atualmente se dedica à pesquisa científica e ao atendimento de gestantes, bebês, crianças e adolescentes, atuando nos seguintes temas: patologia oral, patologia geral, células-tronco de polpa dentária, odontologia para bebês, glândulas salivares e methotrexate. E-mail: filipehille@hotmail.com

² Professor titular de cirurgia da FOB-USP aposentado. Presidente da Academia Tiradentes de Odontologia. Membro titular da Academia Brasileira de Odontologia. Membro titular e fundador do Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Bucamaxilofacial. Comendador e Conde pela Câmara Brasileira de Cultura.

Introdução

O que é sexo oral?

Pode-se dizer que, ao pesquisar sobre sexo oral, pouquíssimas fontes esclarecem exatamente sua definição e história propriamente dita. Embora haja escassez de conteúdo científico sobre este tema, sexo oral nada mais é que uma prática sexual realizada com a boca, caracterizada como algo extremamente prazeroso e imprescindível na vida de um casal. A literatura classifica o sexo oral como receptivo e insertivo, sendo receptivo quando se refere à pessoa que recebe a ação e insertivo tratando-se de quem a pratica (VARGHESE; MAHER; PETERMAN et al., 2002).

Sexo oral e sua prática

Muitas pessoas questionam os médicos e cirurgiões dentistas para esclarecer dúvidas sobre a prática do sexo oral, e quase sempre as perguntas são as mesmas no consultório. O sexo oral se torna inofensivo apenas quando existe saúde recíproca na vida de um casal, isto é, tanto da parte de quem pratica o ato como também de quem o recebe. Neste caso em exclusivo pode-se garantir que o sexo oral seja 100% inofensivo, não oferecendo riscos ao patrimônio biológico (VARGHESE; MAHER; PETERMAN et al., 2002).

Benefícios do sexo oral

Tanto no Brasil como no exterior observa-se grande escassez de informações científicas quando o assunto é sexo oral. Muitas pessoas que visitam os consultórios médicos e odontológicos buscam esclarecer dúvidas sobre esta prática sexual, e uma das perguntas realizada com frequência é: [...] Doutor, eu já ouvi que o sexo oral pode causar benefícios para a saúde. Isso é verdade?

Frente às pouquíssimas informações científicas encontradas na literatura, ainda pode-se dizer que tal prática pode, sim, trazer benefícios para o homem, quando enxerga-se o grande trabalho muscular realizado durante a ação. O trabalho dos músculos orais e da língua durante o sexo oral acontece de forma intensa, uma vez que quase todos os movimentos realizados em si restringem-se à sucção contínua. Sugar envolve o trabalho de muitos grupos musculares da boca, como os bucinadores, orbiculares, língua e músculos do palato mole. Sugar vigorosamente tonifica a musculatura além de estimular a liberação de endorfina na corrente circulatória (WERNECK, BARA FILHO, RIBEIRO, 2005). A endorfina quando cai na corrente circula-

tória produz a sensação de bem-estar, alivia dores, produz por algum tempo certo êxtase momentâneo e atua no sistema límbico, deixando as pessoas mais felizes. Inúmeros são os benefícios da endorfina para o homem de acordo com a literatura, levando a entender que a sucção também pode ser benéfica por fazer trabalhar os músculos e produzir endorfina (PATTON; THIBODEAU, 2002).

Praticar sexo oral pode ser uma alternativa segura, prazerosa e até trazer benefícios para o organismo quando existe saúde recíproca na vida de um casal, porém, vale lembrar que tal prática também poderá ser totalmente comprometedor quando a saúde não está presente. Os cuidados devem sempre existir, afinal, não é tão simples confiar em outra pessoa e jogar a sua saúde no lixo por um prazer momentâneo (VARGHESE; MAHER; PETERMAN et al., 2002).

Vírus HIV

Em 1980 uma grande e grave epidemia apareceu, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, que provocava a destruição de todo o sistema imunológico. Ao penetrar no organismo, verifica-se que o vírus tem um certo tropismo por células do sistema imunológico, principalmente aquelas dotadas de receptor CD4+. Muitas células são alvo primário da infecção pelo HIV, como macrófagos, monócitos, células da glia, linfócitos T e B, linfócitos natural killer, endoteliócitos e epitelíocitos gastrointestinais. O vírus HIV pode levar à completa destruição do sistema de defesa humano e, conseqüentemente, desencadear o óbito (LORENZO 2004).

A transmissão do HIV pode acontecer por via parenteral, sexual e vertical. A transmissão parenteral é altamente eficiente em 90% dos casos. O número de partículas virais presentes em células sanguíneas é absurdamente maior do que em secreções sexuais e fluidos corpóreos. A transmissão por saliva, suor, lágrimas e urina não tem grande importância no ponto de vista epidemiológico devido à baixa concentração de partículas virais presentes nesses fluidos. A transmissão por via sexual é a mais significativa, principalmente quando existe a presença de úlceras genitais. Quando se fala de sexo oral e HIV, os pacientes desejam saber se é realmente verdade ou um simples mito o fato de que o vírus pode ser transmitido durante tal prática. De acordo com uma revisão sistemática da literatura, publicada em 2008 em uma revista de grande impacto, deve-se afirmar que o risco de transmissão do HIV pela prática do sexo oral é mínimo, porém existe, sim (BAGGALEY, 2008). A prática de sexo

oral receptiva apresenta risco de 1 a cada 10.000 exposições, e no sexo oral insertivo 0,5 chance a cada 10.000 exposições (VARGHESE; MAHER; PETERMAN et al., 2002).

Levando em consideração os dados nacionais e internacionais, conclui-se que o sexo oral não é 100% inofensivo na presença do vírus HIV, e mesmo o risco de infecção para esta prática sendo baixo, isso deve ser um alerta para todas as pessoas. Pesquisadores do Imperial College e do London School of Hygiene and Tropical Medicine afirmam que o sexo oral deve ser realizado com prevenção para que se possa minimizar seu risco, mesmo ele sendo baixo, e, para isso, o ideal seria praticar sexo oral com preservativo ou dental dams (BAGGALEY, 2008).

Os tecidos moles orais, assim como os do aparelho genital masculino, podem sofrer progressivos danos invisíveis aos olhos humanos durante

a prática do sexo oral. Ao sugar vigorosamente o pênis, o epitélio oral pode sofrer inicialmente uma pequena descamação que, por sua vez, levará à formação de pequenas fissuras tanto no pênis quanto na própria mucosa oral e, desta forma, levar à perda do epitélio de superfície ocasionando uma comunicação com o tecido conjuntivo subjacente. Em pacientes com doença periodontal, o risco para contração de HIV durante a prática de sexo oral aumenta, uma vez que o contato com sangue pode ser direto e maior (BAGGALEY, 2008).

A presença de HIV na saliva

A literatura mundial esclarece que a saliva apresenta baixíssima concentração de HIV, e sendo a saliva hipotônica e rica em enzimas, quase sempre se tem a inativação das partículas virais presentes, devido à destruição do envoltório viral (LORENZO 2004).

Protocolo Hille e Marzola 2015 (Minimizando o risco no Sexo Oral)
1. Use o bom senso na hora de praticar o sexo oral. Caso haja dúvida sobre o estado de saúde de ambos, não o pratique sem proteção.
2. Não escovar os dentes e passar o fio dental minutos antes de realizar o sexo oral.
3. Visite o cirurgião-dentista regularmente para verificar o estado de saúde bucal.
4. Indivíduos com doença periodontal não devem praticar o sexo oral sem proteção.
5. Indivíduos com cortes, ulcerações ou machucados no pênis, vagina ou mucosa oral não devem praticar o sexo oral sem proteção.
6. Não engolir o sêmen durante a prática sexual, evitando ao máximo seu contato com a boca.
7. Caso suspeite de um possível contato com o vírus HIV, procure imediatamente um serviço de saúde.
8. Após realizar o sexo oral não escovar os dentes ou passar o fio dental. Deve-se esperar no mínimo 30 minutos para realizar a higienização da boca.
9. Após realizar o sexo oral, faça uso de gomas de mascar, estimulando a produção de saliva, o que favorecerá a proteção e limpeza da boca.
10. Os cuidados com a higiene são imprescindíveis na hora de evitar infecções oportunistas.

⁴Dental Dams é um pedaço quadrado de látex, originalmente criado para procedimentos odontológicos, que pode ser utilizado para a prática de sexo oral seguro.

Conclusões

Diante deste trabalho, é possível concluir que:

1. O sexo oral pode ser benéfico ou maléfico dependendo da presença ou não de um agente agressor, seja ele viral, fúngico ou bacteriano.

2. O sexo oral com proteção pode minimizar o risco para doenças sexualmente transmissíveis como HIV, Sífilis, Gonorreia e Hepatite C.

3. A saliva possui uma baixa concentração de vírus HIV, e sua característica hipotônica (também por ser rica em enzimas) permite a inativação das partículas virais.

4. O sexo oral pode, sim, apresentar riscos na transmissão de HIV mesmo sendo mínimos.

5. A presença de doença periodontal, ferimentos na boca, úlceras ou demais lesões pode favorecer a infecção por HIV durante o sexo oral.

Referências

BAGGALEY, R. F. *et al.* Systematic review of orogenital HIV-1 transmission probabilities. *Int. J. Epidem.*, v. 37, p. 1255-1265, jul. 2008.

HILLE, F.S. ; MARZOLA, C. Sexo oral e sua relação no processo saúde e doença: Mitos e verdade sobre sua prática. *Rev. de Odontologia ATO.*, São Paulo, SP. v.15, n. 12, p. 795-801, nov, 2014.

LORENZO, J. L. *Microbiologia para o estudante de odontologia*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2004.

PATTON, T. K.; THIBODEAU, G. A. *Estrutura e funções do corpo humano*. 11. ed. São Paulo: Manole, 2002.

VARGHESE, B.; MAHER, J. E.; PETERMAN, T. A. *et al.* Reducing the risk of sexual HIV transmission: quantifying the per-act risk for HIV on the basis of choice of partner, sex act, and condom use. *Sex Transm. Dis.*, Nova York, v. 29, n. 1, p. 38-43, ago. 2002.

WERNECK, F. Z.; BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. C. S. Mecanismos de melhoria do humor após o exercício. Revisitando a hipótese das endorfinas. *Rev. brasil. Ciên. Movim.*, Juiz de Fora, MG. v. 13, n. 2, p. 135-144, ago. 2005.

IDEAIS DE GÊNERO EM TRANSIÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DO FEMININO*Mariana Ghetler¹*

GENDER IDEALS IN TRASITION: A LOOK FROM A FEMININE PERSPECTIVE

Resumo: O presente estudo almeja perceber a visão feminina sobre a transição de ideais de gênero na relação dialética entre a vivência e a construção da transição, e entender como a feminilidade e masculinidade hegemônicas se relacionam, assim como suas decorrências nas possibilidades de ser e as relações que estabelecem. Fizemos um estudo histórico e transcultural sobre o feminino chegando até os dias atuais. Então, elaboramos um questionário qualitativo e aplicamos em pessoas que se consideram do gênero feminino de diferentes regiões brasileiras, idades, identidades sexuais e de gênero além de religiões e profissões diversas. Percebemos então que a feminilidade está passando realmente por um processo de transição pelo relato das próprias entrevistadas, seja vivendo-a ou lutando pelos seus direitos. Também fica clara a transição que os ideais de gênero estão passando, migrando para uma igualdade de gênero em que cada pessoa possa exercê-la da forma que quiser.

Palavras chave: gênero; feminilidade; brasil; relacionamentos; pós-modernidade

Abstract: This study intends on understanding the feminine point of view of transitioning gender ideals by the dialectic relationship between living and the construction of change and getting to know how hegemonic femininity and masculinity relate, as well as their roles in possibilities of being and the establishment of bonds. We have done a historical and transcultural study to better understand feminine roles. Then we applied a qualitative questionnaire to people who considered themselves women in different Brazilian regions, with various ages, biological genders and sexualities, as well as religions and professions. This study shows that femininity is really passing through a period of transition noticed by our subjects, whether by living it or struggling for their rights. It is also clearly understood that gender roles as a whole are changing, and freeing each and every one to live gender as it pleases.

Keywords: gender; femininity; brazil; relationships; post-modernity

¹ Especialista em Educação Sexual pela Universidade Salesiana de São Paulo. E-mail: maghetler@hotmail.com

Introdução

Nos estudos de gênero é perceptível a quantidade de visões possíveis dos mesmos fenômenos. Cada qual vivencia seu gênero de forma diferente, enquanto aspecto identitário, e é quase impossível definir uma visão única, ou mesmo generalizar. É claro que os estudos existem exatamente para tentar estreitar o relacionamento da ciência com a vivência, e que as estatísticas possam dar voz única a um fenômeno pelo qual passam atualmente pelo menos 7,2 bilhões de pessoas. Mas a verdade é que a verdade não existe, é apenas um fogo-fátuo rápido e inconstante na história.

Pensando desta forma, o único jeito de conhecer um pouco mais sobre o gênero, capturando-o neste fluido período pós-moderno em que vivemos (que complica ainda mais termos dados estáticos sobre um tema, seja ele qual for) é entendendo a falibilidade do método quantitativo por um instante e abraçando o relato, o qualitativo, a fotografia de um momento importante para o gênero e as identidades. Segundo Flick (2002), a pesquisa qualitativa tende a capturar de forma mais abrangente o momento atual, em relação a uma população específica, sem deixar de investir do aprofundamento dos dados.

É através dessa visão que decidimos entender como as mulheres na atualidade encontram-se neste momento de transição dos ideais de gênero, como elas vêm contribuindo para a transição desses ideais e o que essas modificações implicam em suas vidas. Além disso, quisemos, com este estudo, entender como a relação entre a feminilidade e a masculinidade hegemônicas tem ocorrido e como isto altera as possibilidades do ser social e as relações que estabelece.

É importante citar que o feminino vem tomando formas diversas de outros períodos históricos, (HIME, 2004; PERROT, 1995 entre outros) pois engloba atualmente grupos antes marginalizados, como as travestis e as transexuais. Além disso, o ideal de gênero feminino vem em contrapartida se estreitando em detrimento da imensidão de possibilidades de vivências que a feminilidade em si vem englobando, como as mulheres em situação de rua, as mulheres negras, as tomboys² ou com problemas genéticos/fenotípicos. É nesse contexto confuso que procuramos responder nossas dúvidas.

Utilizamos-nos da vertente de gênero para abordar o tema proposto, principalmente os conceitos de performatividade de gênero de Judith Butler e a teoria *Cyborg* de Donna Haraway. Além disso fizemos uma revisão bibliográfica vertical (histórica) e horizontal (cultural) para entender as raízes das vivências de gênero atuais, de modo a anteciparmos-nos ao fenômeno que se apresentaria nos questionários e também analisá-lo de forma mais embasada. Assim, fomos do geral ao específico, respeitando as vivências individuais sem deixar de lembrar que fazem parte de um todo que atende à cultura em que se insere.

Então, através das possibilidades relacionais que as mulheres de nossa pesquisa poderiam realizar, fizemos perguntas focando em como essas mulheres se relacionam com o mundo à sua volta: sua relação consigo mesma, com homens, com outras mulheres, em relação à sua sexualidade, com filhos e família, no trabalho e na sociedade como um todo. Dessa forma, poderíamos encontrar a feminilidade enquanto ela se manifesta e se demonstra. Através de estudos anteriores (GHETLER, 2011), percebeu-se que esse método se torna efetivo em perceber o gênero dentro do contexto relacional e, portanto, mais apropriado do que de forma isolada, em "laboratório".

A pesquisa se torna relevante no momento em que nos deparamos com a realidade do século XXI a respeito dos relacionamentos humanos, em especial no caso da feminilidade. Segundo Zygmunt Baumann (2007), a forma com a qual os seres humanos vêm interagindo tem se revelado fluida e frágil, devido às novas conjunturas sociais, econômicas, tecnológicas e globais, através das novas formas de comunicação, as tecnologias com as quais temos contato constante, o individualismo e o foco na objetividade (e não no sujeito ou nas relações que permeiam ambos) tão próprios deste momento histórico. Donna Haraway em seu manifesto *Cyborg* completa essa visão ao perceber o intenso relacionamento do ser humano com a tecnologia, que possibilita não apenas mudanças corporais importantes para o exercer do gênero, mas também traz como questão se existe realmente um fim e um começo em relação ao feminino e ao masculino, uma vez que essas características podem ser inseridas ou retiradas através da tecnologia que os próprios humanos que a vivenciam fizeram.

Isso tem acarretado vários resultados para o

² Tomboy: mulheres que realizam atividades comumente vistas como masculinas; podem se vestir de forma masculina, brincar com brinquedos dados aos meninos ou mesmo atuar como meninos em situações diversas, mas ainda se sentem do gênero feminino.

modo como o ser humano interage consigo e com o outro, inclusive como ele percebe o gênero e como o exerce nas variadas relações que estabelece. Desta forma, é importante para o trabalho de profissionais da saúde dentro ou fora de instituições entenderem como esses fenômenos vêm ocorrendo de modo a aprimorar-se em sua prática, tendo informação em relação ao que possa ser benéfico ou não ao paciente segundo aquilo que o aflige.

Ademais, exatamente pelas várias possibilidades de exercer a feminilidade, é importante entender feminilidades não hegemônicas como as transgeneridades e mulheres que não se identificam com o ideal feminino de alguma forma e como são as relações possíveis com essas pessoas em comparação com feminilidades mais próximas das hegemônicas, se é que há alguma diferença digna de nota. Isso até para lidarmos com a incompreensão destas possibilidades vivenciais pela sociedade, como comenta Kimmel (2000).

Finalmente, ao realizar uma pesquisa qualitativa e com várias mulheres, é interessante que haja um momento de reflexão sobre a feminilidade, a masculinidade e a estigmatização de certas características ou seu trânsito, visando criar um espaço para a mudança de opinião e de paradigmas que mesmo estando em transição, precisam de ressignificações radicais para que nossa sociedade atinja a equidade de gênero. Pudemos ver durante a pesquisa que muitas das colaboradoras tiveram dificuldades para responder as questões, uma vez que a vivência é muito diferente da consciência da vivência (BUTLER, 1990).

Este artigo refere-se ao trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Educação Sexual pela Universidade Salesiana de São Paulo, e foi orientado pelo professor doutor Francisco Maciel Silveira Filho.

Histórico

É importante que fique claro o quanto a história ocidental foi escrita “por homens para homens” (PERROT, 1995). Isso significa que por muito tempo os historiadores eram homens e analisavam os fenômenos que aconteciam segundo seus padrões culturais, e através disso não conseguiam perceber como a história se passava para seus subjugados. Isso também significou que os historiadores escreveram para um público essencialmente masculino, pois em grande parte da história, as mulheres não tinham acesso a tais relatos (GUGGENBÜHL, 1997). Havia um predomínio da visão positivista na cons-

trução da ciência, da qual não escapou nem mesmo a área das humanas, e isto prejudicou nossa percepção histórica de povos anteriores. Apesar disso, tentamos nesta parte da pesquisa procurar ao máximo fontes fidedignas para entendermos as bases do patriarcado e das identidades de gênero hegemônicas atuais, percebendo-as como um montante de marcas d’água estampadas pelo tempo; segundo Oliveira (2004),

“Assim como nada na história é fruto de apenas uma causa simples e imediata, penso que o ideal de masculinidade, bússola de orientação para a formação de comportamentos assumidos no Ocidente como autenticamente masculinos só pode ser o resultado de complexas elaborações culturais” (p. 19);

Acreditamos que o mesmo processo se deu com a feminilidade.

As mulheres já tiveram grande prestígio social antes da criação do patriarcado. Conforme pesquisado por Eisler (1996), em escavações, foi possível encontrar diversas evidências que as mulheres possuíam templos e eram vistas como mais próximas das divindades que os homens, dada a valorização de sua capacidade de geração da vida. Esculturas, artefícios de barro e reminiscências de construções antigas revelam não apenas relações muito mais igualitárias, mas complementares entre homens e mulheres no período Neolítico e Paleolítico (FERNÁNDEZ, 2007). Porém, logo que a participação masculina foi percebida na geração dos filhos, os homens impuseram a monogamia de modo a garantir a paternidade dos filhos e o patriarcado para manter por muito tempo o papel de produtor (de filhos, à semelhança divina, e depois do conhecimento) nas mãos masculinas (BANDEIRA, 1999).

Segundo Corino (2006) a Grécia antiga teve um período curto em que as mulheres eram as sacerdotisas e muitas das deusas, figuras femininas. Porém com a ascensão do patriarcado, elas foram cada vez mais rechaçadas e vistas como seres inferiores, cuja função principal e valorizada era apenas a procriação, e a tradição grega foi muito importante para a visão ocidental sobre a mulher: inferiores intelectualmente, incapazes da amizade e do amor, feitas para serem servos de um homem narcísico e atlético.

Essas características se atenuaram aos poucos, pois como estudou Feitosa (2010), na Roma Antiga as mulheres já possuíam alguma liberdade de cuidar da casa enquanto seus maridos iam

para a guerra. Logo após as primeiras Guerras Púnicas, as mulheres já tinham profissões e, quando mais abastadas, tinham algum poder perante a sociedade romana quando seus maridos se encontravam em batalha.

Com a queda do politeísmo e do império romano, a Idade Média foi um dos períodos de grande importância para a visão dicotômica sobre a mulher que nossa sociedade ainda assume em alguns casos (ROSE, 1986). Ao ser uma mulher recatada, frágil, boa de coração, passiva, casada, com filhos aos borbotões, e essencialmente monogâmica, porém sem desejos exacerbados, teríamos a mulher virtuosa, a Maria, mãe de Jesus e de todos os homens. Qualquer característica que fugisse um pouco a isso como a independência, a inteligência, a força física, a retórica, e a vontade própria transformava-as em bruxas, diabólicas serpentes a serem duramente penalizadas ou mortas; com o cristianismo em alta, a igreja validou diversas vezes a dicotomia entre Eva e Maria como estuda Rose (1986), vista até hoje em nossa cultura. E era exatamente por essa dicotomia, e a possibilidade feminina de se encontrar em qualquer um desses opostos que o controle sobre a mulher naquele momento era tão importante, e ela perdeu sua liberdade gradativamente nesta época principalmente por influências religiosas (DUBY, 1996).

O Renascimento trouxe também várias características em relação às identidades de gênero, principalmente estéticas, devido ao florescimento das artes no período e das visões filosóficas em detrimento das religiosas. Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Giotto, René Descartes entre muitos outros inovaram e reinventaram a forma de retratar os pensamentos e os padrões da humanidade até então, assim como começaram uma visão antropocêntrica mais que teocêntrica, muito presente na era medieval (ROSE, 1986). Além disso, é através do florescimento da ciência que muito do que a igreja pregava na época foi sendo colocado em segundo plano, por isso também a busca por respostas mais humanizadas do que divinas (FOUCAULT, 1984).

Da época do fim da monarquia até a ascensão da burguesia na Idade Moderna mudaram-se vários paradigmas em relação à religião, a economia, a filosofia, a visão sobre o mundo físico, o que era ou não fidedigno, porém valores antigos se mantiveram em cápsulas novas, principalmente quando falamos sobre as mulheres e outros grupos marginais (BENTO, 2006); a ciência veio substituir a religião em importância, porém não diminuiu o controle exercido em relação às mulheres, dando novos motivos para sua dominação.

As mulheres para Rousseau significavam a passividade e a fraqueza, uma vez que o homem deveria ser ativo no mundo, a mulher deveria ser seu oposto. A liberdade da qual todo cidadão usufruía ao nascer para este autor não considerava as mulheres e, portanto, elas deveriam seguir seu papel natural, de mães e esposas para que a ordem fosse mantida. Segundo Barboza (2009), Kant concordava com Rousseau, pois também acreditava que homens e mulheres eram desiguais segundo sua própria natureza e, portanto, fadados a ela. A mulher era “predestinada” pela sua natureza a servir ao homem, e ele a ser seu senhor. O “Belo sexo”, segundo o filósofo, era passivo, absorto em beleza (não passível de ser possuída da mesma forma que o homem) e sem profundidade mental, portanto também não poderia para este autor fazer reflexões sobre o mundo, a política ou a legislação.

Apesar disso, foi neste período que surgiram as primeiras precursoras do feminismo (o qual não nos estenderemos neste artigo), como Mary Wollstonecraft, uma das mulheres corajosas o suficiente de desafiar toda a ordem vigente da época em prol de alguns direitos hoje angariados.

A Idade Moderna foi condição *sine qua non* para o avanço de novas feminilidades, assim como a possibilidade de expressão das mesmas fora do ambiente privado. Além disso, é quando surge também a formulação de teorias que demonstrasse central atenção à questão feminina, ainda focando principalmente em atributos físicos. É também o momento em que vários países lutam para que suas mulheres tivessem direito ao voto, demonstrando a necessidade de percebê-las como cidadãs tão capacitadas quanto os homens.

No mundo Contemporâneo tivemos também várias mudanças de paradigmas sobre a representação das mulheres e das feminilidades. No período das grandes guerras, o papel das mulheres foi decisivo nos fronts, no comércio, nas universidades e perante o poder público da época. Mas ainda assim, até então, o motivo da dominação feminina e subjugo foi apenas realocado nos livros científicos (FOUCAULT, 1984; BENTO, 2008). A biologia agora ditava o quanto as mulheres eram inferiores aos homens. É então que surge Simone de Beauvoir, lutando contra essa visão inferiorizante biológica, para dar margem a diferentes pensamentos sobre a questão. A autora foi um marco na visão sobre o feminino; não éramos mais apenas reprodutoras: poderíamos ser produtoras também. Segundo ela,

On ne naît pas femme: on le devient.
Aucun destin biologique, psychique, éco-

nomique ne definit la figure que revêt au sein de la société la femelle humaine; c'est l'ensemble de la civilisation qui elabore ce produit intermédiaire entre le mâle et le castrat qu'on qualifie de féminin. (...) Chez les filles et les garçons, le corps est d'abord le rayonnement d'une subjectivité, l'instrument qui effectue la compréhension du monde." (BEAUVOIR, 1949, p. 13)³

Isso significa que é através da vivência (e não apenas de uma determinação biológica, psíquica ou econômica) que ela se torna a mulher que é, e isto também endossa o fato de a feminilidade ser algo plural, relativo à subjetividade. Não que a filósofa não percebesse o quanto os seres humanos podem ser diferentes entre si (como por exemplo, a capacidade de gestar um filho ou mesmo caracteres sexuais secundários corporais); ela apenas relativizava o quanto isso teria importância para a sociedade na qual aquela mulher estava inserida.

Esse movimento filosófico foi destoante do *American Way of Life*, movimento cultural americano no pós-segunda guerra mundial. Segundo Ariès, (1987) como era ideal que as mulheres, na interpretação desse movimento cultural, ficassem em casa cuidando do marido e filhos enquanto ele trabalhava, elas teriam grandes obrigações desde o começo do século XX até meados dos anos de 1960; várias foram demitidas de seus empregos anteriores (a não ser que trabalhassem em meio educacional ou hospitalar) para reproduzir o conhecimento para as crianças e manter os valores familiares dentro de casa. A ela que é dado o papel de educadora das crianças, cuidadora, portadora das emoções e do "sexto sentido", uma intuição só feminina... Uma sensibilidade que só ela poderia ter. E ao homem, seu oposto: produzir conhecimento, ser forte, cheio de razão, nunca chorar (ao menos não ser visto chorando). Até os anos 1960 do século XX o homem era alocado no espaço público, a mulher, no privado. O homem, o *self-made-man*. A mulher, a rainha do lar. Cada um com seu papel determinado.

Em compensação, diversidades de gênero e sexuais não faziam parte do retrato da família do *American Way of Life* (SULLIVAN, 2003). Foi então que surgiu a articulação do movimento homossexual com suas propostas de inclusão social de gays

e lésbicas, sendo seguido nos anos 1990 pelo movimento Queer.

O início do movimento homossexual propriamente dito, pois houve tentativas anteriores de modificação dos estigmas sociais de grupos LGBT, vide o descrito por Sullivan (2003), que teve como marco o incidente no bar Stonewall In em 1969, frequentado por grupos marginalizados em relação ao gênero e sexualidade. Através da resistência criada frente a opressão policial e legal da época, houve um fortalecimento e crescimento de grupos e associações de militância homossexual, cuja proposta de integração social de gays e lésbicas sugeria um modelo de identidade tido como "assimilacionista" por certos grupos (o gay masculinizado e a lésbica feminina), que deixava identidades sexuais e de gênero destoantes dos modelos estabelecidos de fora (SULLIVAN, 2003).

A escolha da palavra *Queer*, usada até então como um xingamento, foi ressignificada de modo a apontar para um segmento da diversidade sexual que não aceitava esse modelo sugerido e insistia em não se moldar nesse enquadramento, iniciando uma dissidência que clamava por uma aceitação da diferença que não queria ser assimilada, mas sim percebida e respeitada.

Logo a teoria *Queer* se fez presente no campo dos trânsitos de gênero, de sexo e de sexualidade, pondo à prova até os termos "homem" e "mulher". Os estudos Queer revolucionaram o modo de olhar para como se forma a identidade de alguém e influenciaram áreas do conhecimento diversas, como as ciências psi, as ciências sociais, a história, o direito, e várias outras, mudando o foco da interpretação sobre as desigualdades entre os gêneros, como fazia o feminismo, para quais as vivências que as pessoas teriam ao serem de qualquer forma diferentes (SULLIVAN, 2003).

Teóricos importantes dos estudos *Queer* são Jaques Derrida, Judith Butler, Eve K. Sedgwick, Beatriz Preciado, Teresa de Lauretis entre outros. Apesar do pós-feminismo atual incorporar vários aspectos dos estudos *Queer* (como o foco nas diferenças individuais e não nas desigualdades (BOLOTIN, 1982)), os autores supracitados seguiram um caminho divergente.

Butler (1993), por exemplo, afirma veementemente que a construção de gênero na perspectiva feminista utilizou-se da analogia do sexo bio-

³ Não se nasce mulher: torna-se. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a figura que leva ao seio da sociedade a fêmea humana; é o todo da civilização que elabora este produto intermediário entre o macho e o castrado que se caracteriza de feminino. (...) Nas moças e nos rapazes, dos corpos primariamente irradia uma subjectividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo."

lógico para fazer uma leitura crítica da situação da opressão feminina, e isso na verdade foi inclusive moldado em uma construção já autorizada socialmente e, portanto, não isenta realmente dos preconceitos aos quais o gênero era submetido. Judith Butler afirmou ainda que o gênero, do jeito em que as feministas o percebiam não quebrava a “ditadura” do discurso, linguagem que molda os corpos ao bel prazer de grupos hegemônicos e que desta forma, não iriam revolucionar o conceito de gênero, até por que ele não abarcaria outras possibilidades de expressão do gênero que existiram, existem e sempre existirão ao redor do mundo.

Atualmente, a fluidez pós-moderna se encarrega de modificar constantemente os movimentos, os pensamentos e as ações. Como afirmou Bauman (2007),

Seria imprudente negar ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da “modernidade fluida” produziu na condição humana. O fato de que a estrutura sistêmica seja remota e inalcançável, aliado ao estado fluido e não estruturado do cenário imediato da política-vida, muda aquela condição de um modo radical (p. 15).

Os conceitos, as rajadas de informação retiram as bases morais e os valores antes tão importantes e dogmáticos, facilitando mais insurgências de identidades de gênero não hegemônicas. Valores religiosos, bases ideológicas e formas são apenas características mutáveis das vivências individuais. A liberdade e a solidão são inerentes a nós, geração X, Y e Z, uma vez que não nos prendemos a nada e nada nos prende a algo, apesar de sermos influenciados por pela história até agora. Portanto, a visão do gênero também é tão fluida quanto à possibilidade de modificação do corpo, da mente e do espírito.

Neste sentido é que a teoria *Cyborg* e da Performatividade de Gênero acabam sendo abordagens produtivas e complementares para entendermos a sociedade atual. Enquanto pós-moderno, pode-se ser o que quiser, e a responsabilidade sobre nós mesmos é completamente nossa, dos discursos, dos atos e das mudanças que nos impomos, podendo também sofrer as consequências de nossas atitudes e pensamentos segundo a cultura em que estamos inseridos (BAUMAN, 2009).

Isso não quer dizer que o ideal de gênero não seja algo perceptível ou mesmo incentivado; mas ele se torna mais longínquo das realidades individuais e, portanto, mais inatingível ainda, tornando sua busca extremamente cansativa e muitas

vezes até mortal (vide o aumento de casos de anorexia, bulimia e cirurgias estéticas agressivas tanto para homens quanto para mulheres).

Percebendo o amplo espectro de possibilidades vivenciais no atual momento social e histórico, escolhemos o método de pesquisa seguinte de forma a abranger o objetivo da pesquisa.

Metodologia

Pensando nos objetivos de pesquisa citados na introdução e com o intuito de solucionar essas e outras questões que surgiram no caminho da pesquisa bibliográfica, era preciso uma pesquisa nos moldes qualitativos, ouvir o que mulheres brasileiras tinham a dizer sobre serem mulheres e a feminilidade, tanto imposta quanto intrínseca a elas. Segundo Flick (2009)

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida. (...) Esta pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. (p. 20)

O questionário foi testado em pesquisas anteriores (GHETLER, 2011) e se provou útil para destrinchar as esferas relacionais onde a masculinidade se apresentava a homens heterossexuais, homoafetivos e transgêneros. Então fizemos dois pré-testes de modo a validar a ferramenta para a atual pesquisa e verificamos que esta (com as devidas alterações em relação ao gênero) era válida para o alcance dos resultados esperados.

Nossa escolha de sujeitos de pesquisa abrangeu pessoas que se consideram mulheres brasileiras de idade adulta (acima de 18 anos), indiferentemente de que classe social, sexo, sexualidade, grupo étnico, religião, características físicas, profissão, estado civil, estado natal, ou qualquer outra característica que possam ter ou pertencer à. Desta forma, pudemos ter uma visão mais despreendida, clara e ampla sobre como os padrões de gênero ocorrem, focando principalmente na possibilidade que o ser humano tem de ser diferente, único, e como o que Connel (2000) pode entender sobre as masculinidades, as feminilidades, também podem ser traduzidas desta forma.

Para encontrar os sujeitos de pesquisa, o questionário foi divulgado em meio às redes sociais das quais a pesquisadora participa, e após um primeiro período de pesquisas, as próprias pesquisadas indicavam que suas amigas, irmãs, mães,

colegas de trabalho, também fizessem parte da pesquisa. O método "bola-de-neve" é bastante útil, pois garante maior amplitude da pesquisa, traz dados mais diversos (pois as entrevistadas não são as primeiras escolhas da pesquisadora) e por dar divulgação à pesquisa, uma vez que seu objetivo é também trazer a reflexão às mulheres que responderam ao questionário. Após o término da pesquisa, se propôs a divulgação da mesma perante as pesquisadas, de forma a também dividir o resultado com aquelas pessoas que realmente tornaram a pesquisa possível.

O método de análise escolhido foi a análise de conteúdo, uma vez que decidimos por uma análise que nos trouxesse dados contidos no discurso sem grandes elucubrações sobre sentidos e significados, de modo a garantir menor possibilidade de vieses e maior análise dos dados contidos nas palavras utilizadas por nossas pesquisadas.

Nesta pesquisa destacam-se também as questões éticas, pois as informações obtidas envolvem um elevado grau de intimidade. Consideramos portanto, as normas previstas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96): garantindo o sigilo profissional pelo comprometimento de não revelar a identidade dos participantes, bem como a utilização dos registros obtidos apenas no âmbito acadêmico. O termo de consentimento livre e esclarecido foi lido e explicado a cada um dos participantes para obter sua concordância. Também estamos de acordo com a Declaração dos Direitos Humanos e Bioética da Unesco, quando esta preza pela dignidade e os direitos humanos, a preocupação com possíveis efeitos nocivos e benéficos, a autonomia do participante, o consentimento, o respeito pela vulnerabilidade humana e a integridade pessoal, o conceito de vida privada e a confidencialidade, a igualdade, a justiça e a equidade, a não discriminação, o respeito pela diversidade, a solidariedade e a responsabilidade social e pela saúde.

Resultados

Os dados foram analisados de forma qualitativa e comparativa, respeitando as diversas formas de exercer o gênero, mas entendendo seus padrões em relação à teoria. A coleta de dados foi feita através dos questionários e contatos telefônicos ou por e-mail quando surgia alguma dúvida sobre as respostas, e tivemos dificuldades no aspecto de que muitas mulheres pediam o questionário, porém não o entregavam; dentre os mais de 250 contatos feitos, apenas 39 responderam o questionário de

fato. Três das pesquisadas são mulheres transexuais, uma já tendo realizado a cirurgia de transgenitalização. Os questionários foram analisados através da análise crítica do discurso (MELO, 2009) e então cruzamos estes dados com a teoria.

As questões foram semiabertas para delinear de forma sutil o andamento das respostas, dando a liberdade necessária sem necessariamente forçar caminhos desconhecidos, dolorosos às colaboradoras e de pouca utilização perante o extenso e intrigante conteúdo. Primeiramente escolhemos 20 questionários para nos focarmos em questões individuais de cada uma das mulheres (pois cada vivência é um mundo de informações nos quais poderíamos nos ater através da análise do discurso, significados e sentidos expressados) e então cruzamos as vivências entre si alinhando-a com a teoria. Neste artigo, constarão apenas as constatações realizadas através deste cruzamento de informações em relação aos campos relacionais aos quais pertencem.

Mulheres consigo mesmas

A maior parte das mulheres pesquisadas afirmam pontos cruciais no ser mulher: a aparência faz toda a diferença em mais de 70% dos casos, como se vestem, acessórios que usam, vestimentas que as identifiquem como mulheres para o mundo. Desta forma, algo muito utilizado é, por exemplo, roupas mais apertadas que demonstrem as curvas femininas, o decote, a silhueta. O ser mulher representa muito mais o que elas demonstram para o mundo do que características físicas primárias ou secundárias, diferente do que se percebe na literatura, em que o foco para estas características é maior.

Existe socialmente a percepção de papéis definidos e a tentativa de encaixe nos mesmos para demonstração da feminilidade. Também existe em seus discursos a necessidade de buscar seu lugar na sociedade (tanto em relação ao ofício quanto ser vista como ser humano, igual em direitos), se sentir aceita enquanto mulher, se sentir respeitada pelo que é; em alguns casos, também é ser respeitada pelas funções como ser mãe e esposa, ou mesmo funções externas ao lar, como no trabalho, por exemplo. Características socialmente femininas para nossas pesquisadas são a religiosidade, a postura sempre impecável (sem o desleixo, considerado masculino), o "romantismo inerente" e a constante mudança (tanto pelo ciclo menstrual quanto pelo ciclo da vida). Como afirma uma das pesquisadas,

O que faz a pessoa ser feminina é a identificação com os padrões de gênero estabelecidos para o que chamam de "feminino". O que faz um homem ser feminino e uma mulher ser feminina é o jeito e a internalização destas normas. Entendo que estas normas venham de fora e encontram identificação com os desejos que temos intimamente. Se é convencionalizado que usar salto alto é uma coisa feminina, quando eu quero e sinto prazer e desejo em usar salto, isso é uma ação feminina, independente de ser homem ou mulher. Mas se a moda cria um sapato de salto masculino e diz que isso é masculino, aqueles homens que usam aquele sapato são masculinos, ainda que usem salto alto. O Feminino e o Masculino é a forma com que "comparamos" estas convenções e as vivenciamos. (sic.)

Quando vemos o discurso de nossa pesquisada podemos perceber claramente que os padrões de gênero são conscientes para algumas e que eles influenciam diretamente no comportamento e no exercer do gênero.

Relação mulher-mulher

Uma característica muito interessante da pesquisa sobre gênero é que a vivência se torna discurso e então consciência da vivência. Muitas das pesquisadas conseguiam perceber-se femininas através da distinção entre elas e homens, ou mesmo de mulheres que expressavam mais ou menos sua feminilidade. Apesar disso, quando tabulamos as características inerentes aos gêneros percebemos várias contradições, e em vários casos as características que estão colocadas como masculinas reaparecem com outras pesquisadas no âmbito feminino. Isso demonstra o quanto não existe uma visão clara sobre a distinção entre homens e mulheres. As conversas entre mulheres para nossas pesquisadas se tratavam muito mais de assuntos de teor emocional do que racional, o que pode significar a necessidade de manter o estereótipo de gênero entre mulheres estabelecido nos períodos descritos por Eisler (1996) e Corino (2006), em que mulheres são vistas como seres mais emocionais, mais superficiais e incapazes de realizar diálogo com a filosofia ou assuntos como política, principalmente em relacionamentos mais superficiais.

Relação da Mulher com os Homens

Como comentado anteriormente, muitas vezes acabavam também se descrevendo em relação a eles, ou seja, através das diferenças e igualdades, iam constituindo também o ser mulher e o ser feminino, de forma que as duas perguntas (o que as fazia diferente de um homem, e o que as fazia parecidas com um) foram também bastante válidas no processo de percepção de características próprias, que remetessem a um sexo "diferente" do seu.

Em relação a como as mulheres se comportam com homens, percebe-se uma necessidade em respeitar os mesmos quase de forma hierárquica, tentando ouvir seus pontos de vista e em alguns casos, acatando as dicas (ou ordens, dependendo do tipo de relação estabelecida), de forma quase que receosa em relação à resposta que poderia ser recebida, assim como também tentando colocar presente, mesmo que timidamente, suas ideias e convicções. O receio talvez tenha base cultural, onde numa sociedade patriarcal, o homem é em vários ambientes mais valorizado que a mulher (KIMMEL, 2000). E até por este aspecto a confiança nos homens também é dificultada para algumas de nossas pesquisadas, uma vez que também é difícil estabelecer uma relação sem a hierarquia.

Relação da Mulher com sua sexualidade

Houve também confusão em dados sobre o que diferencia a sexualidade feminina e masculina, visto que poucas puderam atrelar características específicas de feminilidade à sexualidade e em grande parte concordam que existe diferença entre sexo e amor, como grande parte dos homens percebe (GHETLER, 2011). É também clara então a importância da performatividade na construção dos gêneros, como destaca Butler (1993). Repara-se que as contradições verificadas atestam a dinamicidade dessas construções sempre prontas a serem modificadas, resignificadas, mostrando a importância da cultura (mais especificamente da linguagem) nessas construções, sobremaneira na pós-modernidade.

Na maior parte dos casos, foi afirmado que a conquista é mútua, considerando-se o olhar como investida, mas existe a necessidade que a segunda intervenção seja masculina. Todavia, não houve desaprovação ao fato de que mulheres poderiam ser mais ativas neste processo. Além disso, algumas pesquisadas afirmaram que a conquista é um

processo contínuo, que deve se manter ao longo do tempo e tem que ser recíproca. Percebemos aí uma tentativa de abandono à visão passiva sobre a mulher apresentada em períodos anteriores.

De certa forma, ainda existe bastante prioridade em relação à primeira relação sexual, como ela deve ser, com quem deve ser, e com quantos parceiros se deve transar ao longo da vida. Algumas de nossas pesquisadas também afirmaram que regularmente se confrontam com valores mais tradicionais e românticos sobre o sexo, e isso atrapalha de alguma forma seu desejo por receber prazer, também sendo um expoente dessa transição de valores tradicionais e novos.

Relação entre Mulher e Filhos

Em compensação, a posição em relação a ter filhos é categórica enquanto adotado ou gestado. Apenas duas pesquisadas afirmaram não querer ter filhos, e que por ter essa postura sofreram preconceito. Algumas mulheres valorizam tanto a maternidade que afirmam que a mesma dá um tom de precioso à feminilidade, como se fosse uma linda realização.

Importante perceber que para a maior parte das pesquisadas o desejo de ter filhos faz parte do ser mulher apesar de assumirem em sua maioria que uma mulher pode não querer ter filhos. Portanto, fica a impressão do seguinte implícito: “ah, não há problemas uma mulher não querer ter filhos, mas se ela não os tiver, algo vai ficar faltando de feminino na vida dela” e talvez por isso as duas pesquisadas que disseram não querer ter filhos teriam sido discriminadas. A mudança da visão da mulher sobre a criação dos filhos descrita por Ariès (1982) traduz muito a percepção de que a mulher tem como grande meta ser reprodutora (tanto fisicamente quanto dos valores principais de uma sociedade) e não produtora. Mas para a maior parte delas isso não gera grandes conflitos; como afirma uma de nossas pesquisadas,

Qualquer que seja o gênero a pessoa pode se sentir mãe. Mãe jamais é a que pariu a criança e só. Mãe é um conceito amplo que envolve sentimentos e aprendizados. Pretendo adotar duas crianças, já que não posso ter filhos biológicos. Acredito que para ter filhos é necessário planejar e ter uma estrutura. Ainda mais pra quem pretende adotar, que

tem um tempo para se programar. (sic).

Relação da Mulher com sua Família

Já em relação ao papel da mulher na família, houve visões bastante divergentes. Existem pesquisadas que não se sentem pertencentes a uma família que não seja “modelo propaganda de margarina” demonstrando ainda uma manutenção de valores mais tradicionais inerentes ao período descrito por Priore (2013). Já outras se percebem em uma família sendo filhas, ou apenas morando junto. Até ter apenas cachorros foi considerado família. Mas, em sua maioria, existe a idealização da família formada por mãe, pai e filhos, o que é algo alarmante no sentido de que as conformações familiares atuais são bastantes diferentes e tal modelo já não corresponde à realidade da maior parte das famílias brasileiras, segundo Amazonas e Braga (2006).

Também é perceptível o papel da mulher dentro da família e a impossibilidade de ela não ter responsabilidades perante sua família de origem ou a que formou, o que traz muito da percepção da mulher como pertencente ao lar e ao mundo privado, seja para cuidar dos filhos ou dos pais quando idosos.

Relação com o Trabalho

Em relação ao trabalho, percebe-se que não há grande apropriação do papel profissional no caso da maioria; são poucas que vêm o trabalho como fundamental para exercer um papel importante na sociedade, mesmo aquelas que são gerentes ou líderes nas organizações em que atuam; algumas inclusive comentam que a feminilidade e o trabalho são coisas distintas, assuntos separados que não devem influir um no outro. Isso confirma que apesar do gênero se postar em transição, valores relacionados à percepção do papel social feminino são basicamente retrógrados e denotam a busca por um papel de reprodutora de conhecimento, e não produtora. (BENTO, 2008)

A Mulher e a sociedade

Finalmente, em relação ao papel exercido pela mulher na sociedade, verificamos que a maioria delas nota grandes modificações que vem acontecendo ao longo dos anos. O foco é dado principalmente para ao fato de que as mulheres têm cada vez mais sido vistas com igualdade perante os homens. Reconhecem também em sua maioria que ainda existe grande machismo presente, e

que ainda há um longo caminho a ser percorrido para estabelecer a igualdade de gênero, mas que é questão de tempo e esforço para que isto seja alcançado.

Algumas frases emblemáticas transcritas dos questionários para refletirmos na condição feminina vigente são:

Acredito em lutar para sermos aceitas, respeitadas, compreendidas. Mas antes de tudo, precisamos nos aceitar como mulheres. A mulher tem uma mania de querer ser homem quando chega em cargos de autoridade. Ela deixa de ser ela mesma para virar quase um homem. Não concordo com isso, tendo em vista o comprometimento com outros setores da vida da mulher. (Fani)

Há uma corrente teórica que diz que são as mulheres que criam as formas machistas na sociedade, porque são elas que educam os filhos homens e mulheres. Bom, concordo em parte, então lanço uma pergunta: porque cobrar apenas das mulheres a educação dos filhos? Vamos cobrar também dos homens, afinal, a sociedade é formada por homens e mulheres. As mulheres ganham dinheiro, ajudam nas despesas domésticas. O homem precisa mergulhar na educação dos filhos. E isso precisa ser visto com outros olhos. (Fani)

Apesar das mulheres chegarem nos espaços, muitas tem de se render ao convencional padrão masculino. Não à toa temos uma presidente masculinizada como primeira gestora mulher do país. Tenho certeza que se passasse uma ideia de delicadeza, não seria ela a presidente. O poder ainda é "macho"! Ainda vivemos numa sociedade que valoriza o poder pela força, e vejo muitas mulheres se "masculinizando" há séculos para exercer algumas funções. (Bianca)

Mulheres são mais submissas que os homens e aceitam melhor a hierarquia. (Bárbara).

Mas também penso que os conceitos machistas internalizados nas mulheres ainda atuam, principalmente no seio da família. As mulheres, mesmo que uma grande parte seja "chefe de família", quando estão com um homem em casa, ainda apanham dele. O papel do feminino na nossa cultura, como em todas, é construído/desconstruído por todo o grupo social. (Frida).

O papel da mulher na sociedade ainda é combater o machismo ridículo e absurdo no qual ainda vivemos. Transformar o mundo num lugar melhor, criar filhos decentes que saibam respeitar e valorizar a mulher, mostrando que trabalho doméstico não é necessariamente um dever feminino. Fazer com que as filhas entendam que a beleza não é tudo e o casamento não é a única opção para um final feliz. O papel da mulher é lutar para que assuntos como aborto, estupro, assédio sexual e violência doméstica sejam discutidos em favorecimento dela. É mostrar para as empresas que ela tem todo o direito de ser mãe sem ter a sua vida financeira prejudicada tanto quanto seus colegas homens têm o direito de ser pai a qualquer momento da vida. É jamais aceitar dogmas religiosos que ferem seus direitos constitucionais. É não deixar que o falso moralismo social interfira no seu jeito de se vestir e comportar. Entender que o sexo é natural e não tabu e ela pode escolher quando, hoje, com quem, e ninguém tem o direito de feri-la com agressões físicas ou verbais. É mostrar para o marido que eles também têm a sua parcela de responsabilidade na educação dos filhos e não é uma pensão que irá consertar tudo. (Nívea)

Muitos dos problemas enfrentados pelas mulheres vem das próprias, uma vez que a sociedade (da qual elas fazem parte) define que não são capazes, aptas ou corretas para exercer cargos, gostar de determinadas coisas, ou agir de um modo menos comum. Acredito que quem constrói o papel feminino na sociedade é a própria sociedade. Cabe a nós mesmas definirmos o que somos e queremos, onde e quando. Competitividade existe em todo e qualquer lugar, até certo ponto é algo saudável pois permite que busquemos melhora e crescimento (pessoal e profissional) a cada dia. (Daiane)

O papel da mulher, por ser vítima do sistema patriarcal, tem de ser revolucionário. Todos os âmbitos em que o homem deveria dominar simplesmente por ser homem, e não por ser realmente o melhor no que faz, têm de ser revistos e dispersados da sociedade. Como eu disse, a mulher tem tanto potencial quanto o homem, tirando trabalhos que exijam força exclusivamente bruta, para realizar qualquer coisa. Desde sustentar uma família, até ser ícone mundial por campeã de boxe (só um exemplo...risos). Embora pareça, eu acredito que a mulher não deve ser

superior ao homem (embora acredite que isso faria muito bem para o ego da mulher e diminuição do machismo). Eu acredito que o papel da mulher na sociedade tem que ser de mostrar a força que nós temos, para, num processo de espelhamento e antagonização, os homens aprendam a ser mais dóceis. Infelizmente, quem constrói os estereótipos e, assim, molda o papel a ser exercido pelas mulheres em sociedade ainda é a mídia (majoritariamente dirigida por homens), porém, mais importante do que o papel que a mulher desempenha em sociedade, é a força da crença de que o que fazemos da porta pra fora é só uma personagem a ser, por hora, interpretada. A mulher precisa, mais do que urgentemente, aprender que o lugar dela não é abaixo do homem ou atrás dele (“por trás de um grande homem, sempre existe uma grande mulher” não é suficiente), mas ao lado. Metaforicamente, claro. (Ubiraci)

Percebe-se realmente uma mudança acontecendo na construção do gênero, que ao mesmo tempo é rebatida pelo afimco em se manter de forma estática. Modificar-se ou não é de responsabilidade tanto dos homens quanto das mulheres. É possível manter-se como Bárbara, aceitando sua condição de inferior, assim como posições como as de Ubiraci são possíveis na procura de relações mais igualitárias.

A afirmação de Bianca também nos faz pensar sobre a atual presidente do Brasil. Masculinizá-la também não é uma forma de manter um poder patriarcal, uma vez que a mulher considerada feminina não poderia governar de forma eficaz um país? Ou mesmo considerá-la como “vagabunda”, que foi o modo como grandes grupos de pessoas se referiram à presidente durante a onda de protestos que aconteceu em todo o país ao longo de 2015 e 2016, não é uma forma de denegrir sua condição feminina, ao invés de desmerecer suas capacidades para governar, caso esta fosse a intenção de seus adversários?

Discussão

A pesquisa foi extremamente rica e nos aproximou das problemáticas iniciais. Notamos que o momento atual é realmente de transição da visão sobre o gênero, uma vez que cada feminilidade pesquisada acompanha padrões tradicionais e pós-modernos em si. A falta de tendências fixas em vários âmbitos relacionais só demonstra a construção individual da subjetividade feminina em detri-

mento da forma hegemônica, o que gera menos expectativas e, portanto, menos frustrações sobre o papel de gênero, pois a vivência é mais enfatizada que a busca por um ideal inalcançável.

A participação de pesquisadas passando por cirurgias estéticas de forma a adequarem seu corpo à seu gênero trazem à tona a possibilidade de alterarmos nossos corpos para adequarmos os mesmos à nossa realidade mental, como descrito por Haraway (2009); isto não quer dizer que nossa realidade mental se adequa tão rápido às mudanças corporais quanto elas estão se tornando cotidianas (HIME, 2004), e muitas vezes é importante refletirmos o quanto a onda de silicones e lipoaspirações também não auxilia na manutenção de certos estereótipos de gênero, na tentativa maior de adequação a um padrão social do que um desejo individual.

A questão da maternidade e do estabelecimento de família trouxe questões bastante críticas em relação ao ser mulher; apesar de muitas de nossas pesquisadas juntarem ambas as coisas, ao analisarmos o discurso, existe um paradoxo forte entre o que se sente e o que se considera sobre querer ter filhos. Uma mulher pode ser feminina sem ter filhos ou sem formar uma família, o que significa que ser feminina vai além disso; vai além do que o ideal hegemônico de feminilidade exige, e nossas pesquisadas em maioria percebem isso, mas em compensação, várias delas afirmam que a potencialidade de ser mãe é algo inerentemente feminino. Comparando à visão de Butler (1993), este paradoxo é um exemplo elucidativo do quanto a performatividade de gênero não se desvincula dos padrões do discurso vigente no ser mãe.

Além disso, as pesquisadas convidam os homens e mulheres à experiência de ter um filho no momento em que afirmam que a maternidade não é apenas gestacional, ou seja, a criação também importa. Isto se relaciona bastante ao discurso de Fani, por exemplo, que considera que a criação deve ser feita por homens e mulheres, e não apenas mulheres, como era no passado. Além disso, é impossível, segundo elas, não pensar no cuidado e no sustento dessas crianças quando se desenvolvem. A responsabilidade pela criação dos filhos é inegável, segundo elas, e, portanto, o uso de métodos contraceptivos se faz obrigatório até o momento ideal para aquele núcleo familiar, diferente do que até pouco tempo atrás (50 anos apenas) se percebia na ausência dos mesmos.

As pesquisadas percebem a diversidade das mulheres ao seu redor, e isso significa que, assim como um ex-escravo não quer escravizar, elas que-

rem ter os direitos de serem livres em escolher o que quiserem, poder tranquilamente se perceber de forma diferente e não se recriminarem por isso, nem serem recriminadas caso queiram ocupar uma posição diferente. De certa forma, fica subentendido que as pesquisadas têm grande consciência de suas realidades e da realidade de outras mulheres, o que faz com que se sintam na obrigação de prezar pelos direitos iguais para todos.

Apesar disso, em relação às feminilidades e masculinidades hegemônicas, elas ainda existem e fazem bastante diferença nas escolhas dos papéis de gênero que nossas colaboradoras utilizam para viver, porém percebe-se que esses dois opostos estão cada vez mais se aproximando e diminuindo problemas comuns às mulheres de épocas anteriores.

Conclusão

Concluimos que as mulheres de hoje estão conscientes e se livrando, em doses homeopáticas, do binarismo de gênero; elas querem poder escolher o que as faz felizes e não seguir rigidamente padrões que não formularam. Neste aspecto, a pesquisa foi bastante desafiadora, pois muitas das mulheres que responderam ao questionário afirmaram ter sido difícil responder todas as questões, exatamente por que vivencia-se o gênero, mas é muito incomum termos que refletir sobre ele, ainda mais nos dias de hoje, quando dificilmente paramos uma a duas horas para refletir quem somos, de onde viemos e o que queremos ser. Mas várias agradeceram por ter participado da pesquisa, uma vez que isto as fez pensar sobre sua identidade. Se as mulheres desta pesquisa conseguiram refletir sobre suas feminilidades, como são diferentes da norma vigente e o quanto elas mesmas podem construir esse papel, então um dos objetivos da pesquisa foi concluído com sucesso (trazer mais clareza sobre os papéis de gênero).

É importante citar que a percepção do gênero através de sua vivência leva-nos a perceber padrões e também a atuar sobre pontos mais cristalizados, rígidos e estereotipados, portanto a pesquisa obteve sucesso em facilitar a análise e, então, a desconstrução do gênero enquanto se apresenta.

É crucial citar que esta pesquisa dá margem a ainda mais questionamentos por sua abrangência e, portanto, traz em pauta a necessidade de mais estudos sobre este período tão confuso e encanta-

dor em que estamos vivendo para esta característica identitária, seus ideais em transição e as vivências cada vez mais únicas.

Referências

AMAZONAS, M. C. L. A.; BRAGA, M. G. R. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora*, v. 9, n. 2, p. 177-191, 2006.

ARIÈS, P.; DUBY, G. *História da vida privada*. v. 3, 4 e 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BANDEIRA, L. Relações de gênero, corpo e sexualidade. In L. Galvão e J. Diaz (Orgs.). *Saúde sexual e reprodutiva no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 180-97.

BARBOZA, J. O discurso filosófico sobre as mulheres e o amor em Kant, Schopenhauer e Nietzsche. *Natureza Humana*, v. 11, n. 1, p. 59-74, jan.-jun. 2009.

BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BEAUVOIR, S. *Le deuxième sexe*. v. I e II. La Flèche, França: Folio Essais, 1949.

BENTO, B. A. *Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

BENTO, B. A. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BOLOTIN, S. Voices from the post-feminist generation. *New York Times Journal*, New York Times Book Review, 1982. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1982/10/17/magazine/voices-from-the-post-feminist-generation.html?pagewanted=all> Acesso em: 01 mar. 2016.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. Nova York: Routledge, 1993.

⁶ Responsabiliza-se por garantir os princípios ideológicos do Movimento, manter a ordem/disciplina pautadas nas normativas internas, promover o envolvimento e cumprimento das tarefas no acampamento.

- CARVALHO, L. P. de; LOPES, L.; GHETLER, M. *O ideal de mulher de transexuais MtF*; trabalho elaborado para a matéria de Modelos de Investigação Psicológica II da PUC-SP, São Paulo, 2008.
- CONNEL R. W. *Gender*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- CORINO, L. C. P. Homoerotismo na Grécia antiga: homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *Biblos*, v. 19, p. 19-24, 2006.
- DUBY, G. *As damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- EISLER, R. *O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FEITOSA, L. C. Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. *Curitiba. História: Questões & Debates*, v. 48/49, Rio de Janeiro, Editora UFPR, p. 119-135, 2010.
- FERNÁNDEZ, C. M. Bases para una nueva interpretación sobre las mujeres en la prehistoria. *Madrid. Periódico Complutum*, v. 18, p. 209-215, 2007.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. São Paulo: Artes Médicas, 2002.
- _____. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GHETLER, M. *A expressão na masculinidade, em homens hetero, homo e transexuais*. São Paulo: PUC-SP, 2011.
- GUGGENBUHL, A. *Man, power and myths: the quest for male identity*. Nova York: Continuum, 1997.
- HIME, F.A. *A biografia feminina e a história das relações amorosas: o voo da fênix*. Tese (Doutorado) em Psicologia Clínica, São Paulo, PUC-SP, 2004.
- HOBBSBA, W.M. *Era dos extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KIMMEL. *The gendered society*. Nova York: Oxford University Press, 2000.
- MELO, I. F. de. *Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções*. São Paulo: Letra Magna. 2009.
- OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2004.
- PADILHA, A. *Resolução n. 196/96, versão 2012*. Brasília, Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. p. 3-9.
- PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Campinas. Cadernos Pagu*, v. 4, p. 9-28, 1995.
- PRIORE, M. Del. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo, Planeta, 2013.
- RAGO, M. (1998) *Descobrimos Historicamente o Gênero*. *Cadernos Pagu*, v. 11, p. 89-98, 1998.
- ROSE, M. B. et al. *Women in the middle ages and the renaissance: literary and historical perspectives*. Estados Unidos: Syracuse University Press, 1986.
- SULLIVAN, N. *A critical introduction to queer theory*. Nova York: New York University Press, 2003.
- TADEU, T., KUNZRU, H.; HARAWAY, D. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ARTIGOS OPINATIVOS E DE REVISÃO

SEXUALIDADE E MODERNIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE OS RELACIONAMENTOS INSTANTÂNEOS NA ATUAL CONJUNTURA DE UM MUNDO MODERNO*Ricardo Desidério da Silva¹*

SEXUALITY AND MODERNITY: A REFLECTION ON THE CURRENT SITUATION IN RELATIONSHIPS SNAPSHOTS OF A MODERN WORLD

Resumo: A partir das aulas e seminários apresentados na disciplina “Fundamentos de política e gestão educacional” durante o primeiro semestre de 2013 no Programa de Educação Escolar na Unesp-Araraquara, principalmente quando iniciamos as discussões sobre modernidade, pós-modernidade e as consequências da globalização, percebemos a necessidade de uma compreensão/reflexão dos temas atrelados às linhas do programa, especificamente a linha de pesquisa “Sexualidade, cultura e educação sexual”. Foram várias as indagações iniciais que nos levaram a pensar e brevemente apresentamos alguns apontamentos neste texto: como são/estão os atuais relacionamentos, sejam eles entre quaisquer gêneros, nesta modernidade ou pós-modernidade? Há traços culturais que se mantiveram? As redes sociais (que efetivamente marcam este período) têm (im)possibilitado contribuir para a busca do prazer imediato? Quando podemos fazer uso deste recurso? O mundo virtual satisfaz (sexualmente) os relacionamentos? Fundamentados principalmente a partir das discussões do livro “As consequências da modernidade”, de Anthony Giddens, o autor nos provoca e nos faz refletir a partir de uma citação de John Donne, questionando-nos: “E se este presente fosse à última noite do mundo?” (1991, p. 6). A partir desta citação e dos questionamentos já mencionados, tomando como base os seminários e discussões apresentados no decorrer da disciplina, apresentamos inicialmente neste texto um breve relato sobre o que é modernidade a partir de Giddens (1991), e em um segundo momento apresentamos uma discussão sobre o que denominamos de “fast love” – amor instantâneo da nossa atual cultura, além de discorrermos sobre a insegurança gerada pela busca do prazer imediato.

Palavras-chave: sexualidade; relacionamentos; relacionamentos instantâneos; modernidade

Abstract: From classes and seminars presented in the discipline “Foundations of Educational Policy and Management” during the first half of 2013 the School Education Program at Unesp-Araraquara, especially when we began discussions on modernity, postmodernity and the consequences of globalization, we realized the need for an understanding / consideration of the issues tied to the lines of the program, specifically the research line “Sexuality, culture and sexual education”. There were several initial questions that led us to think and briefly present some notes in this text: how they are / are the current relationships, whether between any genders in the modernity or postmodernity? There are cultural traits that remained? Social networks (which effectively marks this period) have (dis) enabled contribute to the pursuit of immediate pleasure? When we make use of this feature? The virtual world meets (sexual) relationships? Based mainly on the discussions of the book “The consequences of modernity,” Anthony Giddens, the author challenges us and makes us think of a quote from John Donne, asking us: “What if this present were the world’s last night?” (1991, p. 6). From this initial quote and the questions mentioned above, based on the seminars and discussions presented in the discipline, we first present in this paper a brief account of what is modernity from Giddens (1991) and in a second phase, we present a discussion on what we call Fast love - instant love of our current culture, and make speeches about the insecurity generated by the pursuit of immediate pleasure.

Keywords: sexuality; relationships; relationships snapshots; modernity

¹ Pedagogo, doutorando em Educação Escolar, na linha “Sexualidade, cultura e educação sexual” pelUnesp-Araraquara-SP. Bolsista CAPES, contato@ricardodesiderio.com.br

Introdução

Na “Introdução” de seu livro, Giddens (1991) tenta definir inicialmente o que seria modernidade, afirmando que “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiam na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (p. 11). Deste modo, estaríamos assim, no início de uma nova época.

Alguns autores destacam a emergência de um novo sistema social, mas a maioria chama a atenção para um estado de coisas que está chegando ao fim, através da qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro que é possível antecipar. Assim, a sensação de que vivemos diante de um universo de fatos que não podem ser inteiramente compreendidos e que estão fora do nosso controle gera a ideia de que não se pode obter um conhecimento sistemático sobre a organização social (p. 12) – não bastando inventar novas palavras para explicar este redemoinho, mas sim olhar com atenção à própria modernidade e analisar as suas consequências. Eis a sua tese:

Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é “pós-moderna”; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de “pós-modernidade”. (GIDDENS, p. 12-13)

Segundo o autor, os modos de vida produzidos pela modernidade nos afastam de todos os tipos tradicionais da ordem social de uma maneira sem precedentes. As transformações produzidas pela modernidade seriam mais profundas tanto em seu aspecto vertical quanto do ponto de vista horizontal (p. 14).

Giddens também observa que vivemos uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que não compreendemos plenamente os eventos sociais e que perdemos o controle. Hoje, somos bombardeados por informações que chegam rapidamente até nós. A internet ao alcance de quase metade da população vem mudando muitos paradigmas, sejam eles formais ou informais. Com ela podemos aprender e/ou buscar alguma informação útil ou apenas dispor de informações

cotidianas para satisfazer apenas uma curiosidade momentânea.

Entre tantos avanços, a internet – parte desta pós-modernidade – trouxe os relacionamentos reais para pautas de grandes discussões no mundo virtual. Bate-papo, chamadas de vídeo, troca de mensagens, são apenas alguns dos meios que possibilitaram o aumento da vivência real para a experiência virtual. Experiências estas que deixaram também de ser apenas uma conversa em busca de uma amizade, passando até mesmo pelo desejo e/ou curiosidade do sexo virtual, por exemplo, deixando-o de ser real para ser uma experiência virtual.

E quando o sexo é virtual – do que estamos falando?

A expressão sexo virtual mantém uma relação conflituosa com os termos que a compõem, uma vez que virtual é potência, força de vir a ser, o que de fato só existe enquanto potência, não como ato (LEVY, 1996). Assim, sexo virtual seria a força de ocorrer e não o ato atualizado do sexo no ciberespaço, cujo termo mais usual é cibersexo. Cibersexo denomina o sexo no ciberespaço, suas práticas gerais e específicas.

A despeito de várias discussões sobre o erotismo on-line, nas formas verbais – contos, romances e assemelhados – e visuais – desenhos, fotos, animações e vídeos -, todos estes conduzindo o usuário a uma excitação sexual que pode resultar ou não em masturbação, compreende-se aqui que tais artifícios somente diferem das mídias originais – impresso e vídeo – pelo acesso e quantidade disponível, e não por sua relação ontológica de representação verbal e visual de atos sensuais, eróticos ou pornográficos. Assim, sites com tais conteúdos não diferem, na qualidade do material disponibilizado, dos meios tradicionais. Ainda assim, sua prática se aproxima da primeira concepção de interface computacional, embora não seja exemplar, visto que o usuário está atento não ao ciberespaço, mas ao conteúdo verbal e visual apresentado ali, como estaria com uma revista ou um DVD.

Segundo Rocha (2011), quando o usuário se encontra com um outro usuário on-line, seja em chats ou mensagens instantâneas, abrem-se novos horizontes, proporcionados pela interatividade on-line, a vivência do ciberespaço. “É certo que não há uma preocupação com o sujeito com quem se fala, apenas com os atos ali relatados, construídos. Seria como se houvesse, de fato, avatares que satisfazem os desejos carnis, não importando se há efetivamente alguém por trás do avatar” (ROCHA,

2011, p. 135-136). Para o autor, existem três concepções de interface frente a esta vivência do ciberespaço, a primeira

[...] quando o próprio ambiente criado pela tecnologia fosse, de fato, um mundo à parte, onde é possível tirar ou colocar máscaras, assumindo perfis distintos de comportamento. As pessoas não se reconhecem, sequer gostariam. O ciberespaço é um não-lugar, onde os processos de subjetivação cedem lugar para os processos de erotização, com comportamentos no mínimo contraditórios: o tecnológico torna-se animalesco, primitivo; o código demonstra sua maleabilidade na composição de desejos carnisais, de satisfação igualmente mundana. O ciberespaço é um campo livre para fantasias, desejos e comportamentos que se escondem na janela de interfaces gráficas. Talvez seja esta primeira concepção a mais buscada pelos usuários da internet, pelo anonimato possibilitado nas relações de interação social de cunho sexual (ROCHA, 2011, p. 136).

Já na segunda concepção de interface, o anonimato não tem o mesmo espaço, muito embora as pessoas envolvidas possam ser, de fato, desconhecidas (ROCHA, 2011). Com o uso de uma webcam, por exemplo, o interesse está voltado não para o espaço de uma sala de bate-papo, mas na pessoa apresentada pela câmera. As máscaras, aqui, são menos usuais, visto que a imagem do outro está presente, sendo mais difícil sua alteração. O interesse, então, está voltado para o outro lado da câmera, o foco está na pessoa com quem se fala, não no espaço de um aplicativo do computador. Essa diferença sustenta a mudança de orientação da primeira para a segunda concepção de interface: o foco não está no ciberespaço, mas no mundo natural do outro lado da tela, como se minha tela fosse um vidro que me deixasse ver através dele, não o ciberespaço, mas outro ponto do mundo natural.

Aqui as relações estão no nível da interação social mediada pelo computador, em que aspectos da pessoa com quem se fala estão presentes, como sua imagem ou timbre de voz. O conceito de tele – remoto – faz-se presente, retomando a prática do telesexo, agora em ambiente telemático. A experiência é mais presente e densa que na primeira concepção, satisfazendo mais as necessidades corpóreas das sensações e percepções para a construção da experiência sensual. Lembremos que sensual tem o mesmo radi-

cal de sensação, aquilo que o corpo sente, ou as impressões causadas pelos elementos externos ao corpo. Audição e visão conquistam o lugar da imaginação, tornando a interação mais sensual, mais sensória, mais corporal e intensa. As relações eróticas têm no corpo o lugar de sua ocorrência, tanto no corpo que vê e ouve, quanto no que é visto e ouvido, ainda que continue havendo a mediação tecnológica. As interfaces tornam-se invisíveis (ROCHA, 2011, p. 136-137).

Na terceira concepção de interface, Rocha (2011) considera que o ciberespaço se mescla com o mundo natural. As ações espontâneas, não necessariamente direcionadas ao usuário, repercutem diretamente no sistema, em uma mediação mais “natural”, a partir da fala, de gestos, do comportamento. O sistema mantém a atenção no usuário, realizando tarefas a partir do reconhecimento dessas ações. Aqui a excitação sexual pode vir na forma de um brinquedo sexual como interface, ligado ao sistema. Para o autor, “esta concepção de interface difere das duas anteriores basicamente por não haver a interação com outro usuário, mas com o próprio sistema, sem o reconhecimento do ciberespaço como metáfora do espaço físico” (2011, p. 137). Perde-se a ideia de representação, ainda presente na primeira concepção de interfaces computacionais, assumindo em definitivo a simulação. Embora não haja um interlocutor humano, esta concepção de interface é verdadeiramente a mais intuitiva, portanto tecnicamente capaz de provocar sensações mais complexas, tornando-se experiências mais completas, do ponto de vista sensório.

Fast love: amor instantâneo da nossa atual cultura

Nos últimos anos, os quesitos sensualidade e erotismo têm se destacado na mídia. Morin (1997), em seu livro *Cultura de massas no século XX*, afirma que nunca houve, na história da humanidade, um apelo tão maciço e tão intensivo à felicidade que é conquistada através do amor erótico. Para ele, o homem atual busca insistentemente o amor, que se tornou tema central da felicidade moderna que integra e traz uma série de alterações sensíveis – amor que exala e é universalizado através da cultura de massa mantém a mitologia olimpiana. O amor aclamado, fotografado, entrevistado, falsificado, que parece natural e evidente, é hoje o tema da felicidade moderna – dos relacionamentos instantâneos e da busca do prazer imediato.

Conhecer alguém, flertar, namorar, noivar, casar e constituir uma família é, então, uma trajetó-

ria típica de um relacionamento antiquado para o nosso líquido mundo moderno, segundo Zygmunt Bauman (2004). Hoje, os relacionamentos virtuais surgem e desaparecem a uma velocidade incrível: podemos entrar e sair facilmente de um relacionamento. Afinal, são fáceis de usar, compreender e manusear. E o melhor, podemos “deletar” literalmente na hora em que acharmos mais conveniente. Isto é exatamente o que acontece hoje com os jovens e, por que não dizer, também entre adultos.

As pessoas pela manhã conhecem o outro, trocam meia dúzias de palavras nos sites de relacionamentos – que hoje são muitos – e em poucos instantes juram amor eterno e afirmam ter conhecido o amor de suas vidas. Se falam ao longo do dia, muitas vezes até se vendo através de chamadas de vídeo e chegam a esquecer do “mundo lá fora” – do real. Como num passe de mágica, no final do dia todo esse sentimento simplesmente acaba, deleta-se do facebook, apaga-se do celular e da memória – é o fim – a morte diante da instantaneidade do amor virtual.

Em *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, Bauman (2004) afirma que tudo isso é decorrente de “uma cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro” (p. 21). Para ele, amar então seria investir em um futuro incerto, porém nos atuais relacionamentos instantâneos não há a vontade de cuidar, e de preservar o outro na sua durabilidade, mas sim o desejar – que é a vontade de consumir, absorver, devorar, ingerir e digerir. Hoje, é impossível calar o apelo do impulso, principalmente quando se trata da paixão. Homens e mulheres vivem o eterno jogo do apaixonar e desapaixonar – uma condição tão natural da existência humana – que nos convida a novas tentativas. Talvez por um único objetivo: o prazer imediato. Prazer este que seduz e que é suficientemente capaz de enfeitiçar seu “objeto” de desejo.

Assim, com o desenvolvimento da sociedade foram se criando novas formas de ação e interação nos relacionamentos humanos, promovendo uma intensa transformação na constituição espacial e temporal da vida social – que recebeu o nome de mídia e foi a grande responsável pela democratização da informação e pelo intercâmbio de valores sociais, econômicos, culturais e políticos, é o que afirma Thompson (1998), no livro *Mídia e modernidade*. Exatamente nessa cultura consumista, por causa da globalização de informações, houve uma

complexa reorganização dos padrões de comunicação humana e a interação face a face, que era totalmente predominante, dissociou-se do ambiente físico, e assim os indivíduos passaram a ter a opção de interagir sem necessariamente partilhar o mesmo ambiente. Thompson (1998) ainda afirma que isso só foi possível com o surgimento de dois novos tipos de interação: a mediada, caracterizada pelo uso de algum meio técnico para seu estabelecimento, como é o caso da carta que necessita do papel e da caneta; e a quase mediada, que é referente às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (revistas, jornais, rádio, televisão etc.), que produzem formas simbólicas para distribuir a um número indefinido de receptores que decifrarão a mensagem em questão. Assim, com a emergência desses novos tipos de interação, as pessoas ganharam mais visibilidade neste tipo de relacionamento.

Mas apesar dessa vantagem, a maior visibilidade trouxe uma série de riscos, logo, um só ato indiscreto ou uma observação inconsequente agora pode ser transmitido em pouco tempo, a milhões de espectadores, gerando consequências possivelmente desastrosas.

Quando se trata dos relacionamentos virtuais, nunca se sabe ao certo quem está do outro lado. Confiar ou não confiar? Mas a entrega é tão “real” que todos os envolvidos não se privam e muito menos se preocupam com isso. Público e privado se tornam sinônimos para aqueles que se dizem apaixonados, ou melhor, amando aquele que em menos de 24 horas foi apresentado virtualmente. A “afinidade” vai tomando espaço, a conversa se estende e o convite para realizar uma chamada de vídeo acontece quase que intuitivamente. Muitas vezes na exposição inicial não aparece o rosto, lança-se o foco da imagem ao corpo, que é exposto até se ter uma “confiança virtual”. Neste sentido, passando algum tempo de conversa, seu rosto muitas vezes já é exposto e sua identidade é revelada ao outro. Entretanto, nunca se sabe se esta exposição é apenas para a pessoa que estamos conversando ou se existem outras pessoas presentes.

Se esta identidade, mesmo que virtual, agrada e se é recíproca e verdadeira, mantém-se a conversa, o bate-papo. Caso contrário, independente de quem seja, deleta-se rapidamente sem ao menos se justificar ou expressar. Assim é o mundo virtual, imerso em uma indústria cultural que se utiliza de artimanhas para cativar e envolver as pessoas. Entre os artifícios utilizados pela indústria cultural para prender a atenção do espectador, o que mais

se destaca é a exploração e o culto ao erotismo. Para Morin (1997), isso é uma demonstração de que o capitalismo tenta constantemente domesticar o Eros, assim, definir um padrão estético para normatizar o comportamento sexual das pessoas. Então se o corpo, a imagem – a identidade – está dentro de um padrão de beleza apresentado/molhado pela sociedade, continua-se a conversa. Caso contrário, a busca se reinicia. Um relacionamento virtual cíclico.

Sem dúvidas, a “satisfação instantânea” é hoje o que “está na moda” e somos levados e muitas vezes obrigados a conviver desta forma. Bauman (2004) afirma que “se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança – em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando mais precisa dela, [...], a companhia na solidão [...]” (p. 28-29). Ele ainda faz um alerta de que quando se entra em um relacionamento, as promessas de compromisso são irrelevantes a longo prazo. Será que fazer juras de lealdade ao que se acabou de “adquirir” realmente vale a pena?

Investir em uma relação, eu diria que é assumir o seu maior desafio, vivendo e aprendendo a conviver, sobretudo com uma incerteza permanente, principalmente quando se trata de um relacionamento virtual, em que tudo pode ser verdade, assim como não pode ser. É certo que não só os relacionamentos virtuais são alvos dessas incertezas permanentes. Mas hoje, uma das maneiras mais intensas e fundamentais que os casais têm de se relacionar é a comunicação verbal ou “teoria do diálogo”, como costume denominar. Falar, escutar o outro, perguntar e elucidar abertamente as fantasias, os desejos, as angústias de cada um, sem preconceitos, não só enriquece os relacionamentos como torna-os mais íntimos e confiantes.

Partindo desta teoria do diálogo surge a comunicação sexual que se apoia tanto nas palavras como nos gestos, e é daí que advém a sua riqueza e variedade para quaisquer relacionamentos.

Pode parecer simples tocar, roçar e apalpar a pele, mas estes gestos são uma das mais refinadas artes do amor. Praticamente todo nosso corpo é sensível, de uma forma ou de outra, ao calor de outro corpo, e saber emitir com carícias todo desejo que se sente é entrar em um universo de sexualidade que, uma vez descoberto, é irreversível pelo prazer que nos provoca. Como isso é possível nos relacionamentos virtuais? Talvez, um artifício bastante utilizado neste caso nos remete a um de nossos sentidos: o olhar. Afinal, é impossível calar ao apelo do impulso, principalmente quando se trata

do olhar. Homens e mulheres vivem o eterno jogo da sedução, e apenas um olhar pode ser suficiente para enfeitiçar seu “objeto” de desejo.

Se fazer notar e deixar bem claro a quem se quer conquistar, o que se quer, é fundamental. É impressionante como muitas pessoas conseguem seduzir a outra com apenas um olhar. Ele pode ser tímido, singelo, pode ser um olhar que entende, um olhar que provoca, um olhar safado e até aquele olhar que pergunta, ou mesmo que responde.

Em uma conversa virtual é simples: basta olhar. É neste momento que toda força instintiva e energética se inicia e tudo parece transbordar como uma lava de um vulcão. É chegado o momento em que a energia sexual flui incontrolavelmente pelo nosso corpo. Sentimos um arrepiamento instantâneo que parte avidamente em busca de um prazer que, uma vez conhecido, deseja-se repeti-lo infinitamente. É então o momento de se lançar para o gozo, guiado pelo instinto, e iniciar o mais extraordinário dos jogos humanos: atrair e se sentir atraído. É uma sensação incrível, única. Só aquele que já passou por uma situação como esta sabe do que estou falando. Talvez seja este olhar, essa sensação de se sentir desejado que faz tanto sucesso nos relacionamentos virtuais e até mesmo para aqueles que já estão envolvidos em um relacionamento real e sente necessidade de buscar algo a mais nos sites de relacionamentos.

O ser humano necessita se sentir desejado, não importa por quem. É como nos afirmou Amparo Caridade (1997) em seu maravilhoso livro *Sexualidade: corpo e metáfora*, Somos seres pulsionais marcados pelo desejo, acima de tudo pelo desejo de ser desejados: “Pois quando eu te vejo, eu desejo o teu desejo”, canta Caetano Veloso. Mas não só em momentos casuais que devemos lançar o nosso olhar. Em um relacionamento é preciso atrair e se sentir atraído a todo o momento. Um casal não pode se “acomodar” e deixar de se cuidar, valorizar-se para o outro. O jogo da sedução entre casais precisa acontecer sempre para dar forças ao relacionamento. O casal que não se preocupa com isto faz de sua vida, de seu momento com o parceiro, uma rotina. Rotina esta que pode ser decisiva para brigas constantes e/ou até mesmo o término do relacionamento.

Pode-se então dizer que o se sentir atraído ganha muito mais espaço e força em um relacionamento virtual, mesmo para aqueles que vivem um relacionamento real. A busca do prazer imediato, do querer se sentir desejado, mesmo que por alguns instantes, podem ser um dos motivos para as relações virtuais e é realmente como nos afirma

Bauman (2004), as relações virtuais parecem feitas sob medidas para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as “possibilidades românticas” (e não apenas românticas) surjam e desapareçam a velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa” (BAUMAN, 2004, p. 12).

Considerações Finais

Durante as aulas, entre as discussões realizadas sobre o tema, comentando especificamente sobre este texto, as opiniões divergem no que diz respeito a acreditar ou não nos relacionamentos virtuais. É claro que esta conversa não se tratou de uma pesquisa, mas sim de uma pequena discussão a respeito da temática apresentada, mas que alguns comentários foram bastante interessantes para este texto.

É interessante perceber que os relacionamentos virtuais podem existir, podem ser feitos acordos, vários objetivos devem e precisam ser apresentados para que, como medida de segurança, fique mantido esse relacionamento. Principalmente quando se trata de um relacionamento entre duas pessoas que não são da mesma cidade ou do mesmo país. Achei muito interessante quando perguntei a um amigo se ele acreditava em um relacionamento virtual e ele me respondeu acreditar na ilusão do relacionamento virtual. Talvez essa ilusão seja exatamente o prazer imediato, tão presente nos relacionamentos instantâneos, pois ele ainda completou, “mas acreditar que eles são duradouros e 100% verdadeiros, não”. É exatamente aquele simples tocar, roçar e apalpar a pele – refinadas artes do amor que são imprescindíveis.

Sem dúvidas, a satisfação instantânea é hoje o que está na moda e somos levados e muitas vezes obrigados a conviver desta forma. Certo? Errado? Talvez afirmar uma resposta seria muita ousadia de minha parte. Convido-o a vivenciar o amor e acredito ser ainda a melhor opção e como diz o grande poeta Vinícius de Moraes “que seja infinito enquanto dure” (MORAES, 1960, p. 96).

Referências

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARIDADE, A. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997.

CHAUI, M. Laços do desejo. In: NOVAES, Adauto (org). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Funarte, 1990.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

LEVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: 34, 1996.

MORAES, V. de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ROCHA, C. Interfaces computacionais e cibersexo. In: DESIDÉRIO, Ricardo; CAMARGO, Hertz Wendel de. *Mídia, educação e sexualidade*. Londrina: Syntagma Editores, 2011.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ARTIGOS OPINATIVOS E DE REVISÃO

HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA: CONCEITOS OU PRECONCEITOS?*Felipe Adaid¹*

HOMOSEXUALITY AND HOMOPHOBIA: CONCEPTS OR PREJUDICES?

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar, de forma introdutória, o conceito de homossexualidade sob um enfoque crítico, mormente no que se refere à questão da homofobia, a fim de transcender as discussões que orbitam a psicologia e a sociologia. Desta feita, já se pressupõe que qualquer tentativa de entender a categorização da sexualidade aponta para uma visão não apenas reducionista, como também preconceituosa. A pergunta que, então, delimita a pesquisa pode ser assim formulada: como é possível pensar a homossexualidade, levando-se em conta a questão da homofobia, de forma a não cair em um discurso que reduza sua complexidade? Em relação ao método de pesquisa, utilizou-se da revisão bibliográfica por meio de textos da psicologia e da sociologia. Neste sentido, o referencial teórico aponta para o estruturalismo.

Palavras-Chave: homossexualidade; homofobia; conceito; preconceito

ABSTRACT: This article aims to analyze, in an introductory way the concept of homosexuality under a critical focus, especially with regard to the issue of homophobia in order to transcend discussions that orbit the psychology and sociology. This time, since it is assumed that any attempt to understand categorization of sexuality points to a vision not only reductionist, but also biased. The question, then, marks the research can be formulated as follows: how can thinking homosexuality, taking into account the issue of homophobia in order to not fall into a discourse that reduces its complexity? Regarding the research method, the article will be carried out through literature review, through psychology and sociology texts. In this sense, the theoretical framework points to a structuralist nature.

Keywords: homosexuality; homophobia; concept; prejudice

A busca das causas da homossexualidade constitui, por si só, uma forma de homofobia, já que ela se baseia no preconceito que pressupõe a existência de uma sexualidade monogâmica em função da qual se deve interpretar e julgar todas as outras sexualidades (BORRILLO, 2010, p. 71).

¹ Advogado e Mestre em Educação pela PUC-Campinas. E-mail: felipeadaid@gmail.com.

Introdução

No que se refere ao tema central do trabalho, qual seja, a homofobia, primeiro se deve ressaltar a respeito de sua cada vez mais comum ocorrência, refletida na grande mídia, o que por si só já justificaria seu estudo. Diariamente os telespectadores assistem atônitos os reflexos desse sentimento de ira que assombra a sociedade. Os índices mostram a realidade alarmante da violência vivida pelos grupos homossexuais, sobretudo nas grandes metrópoles (Idem). É evidente que este não é um problema advindo com a pós-modernidade, o ódio irracional contra indivíduos que não vivenciam a heterossexualidade é muito mais antigo, conforme será exposto durante a discussão. Por mais que determinados grupos religiosos e políticos neguem, a homofobia é um fato e seus reflexos podem ser observados tanto nos infundáveis índices e pesquisas, como também no cotidiano. Sendo um fato social, recorrente e nefasto, esta pesquisa não se resumirá à fria análise numérica de estatísticas e gráficos, para este fim já existem inúmeros outros trabalhos empíricos que se propõe a expô-la. Neste sentido, antes mesmo se pergunta o que é a homofobia e qual é a sua relação com a homossexualidade? De tal feita, talvez seja mais oportuno tentar entender melhor a vítima do fenômeno homofóbico.

De acordo com Borrillo (2010), entender ou estabelecer um conceito para a homossexualidade implica limitar a compreensão do fenômeno e pensar o seu enfrentamento somente a partir de medidas voltadas a minimizar os efeitos de sentimentos e atitudes de indivíduos ou grupos homofóbicos. Ainda segundo o autor, é certo que a palavra foi cunhada em 1971 em um artigo científico escrito pelo psicólogo Kenneth Smith. Contudo, a palavra só foi dicionarizada na década de 1990. Evidentemente, a expressão se origina de um neologismo entre a remissão homossexual e fobia. Apesar de sua popularidade, a expressão foi a única a ser criada por meio do neologismo e com o mesmo significado. Em 1967 Churchill escreveu sobre a *homerotofobia* e, no ano de 1976 Lehne optou pela expressão *homossexismo*. Não obstante sua popularidade, o vernáculo *homofobia* apresenta uma evidente falta de lógica, uma vez que pela análise etimológica significa medo de iguais, visto que o prefixo grego *homo*, por si só, não garante o enten-

dimento correto do sentido homossexual. Por esse motivo, parece mais adequado o neologismo criado por Levit e Klassen em 1974, qual seja, *homossexofobia*. Infelizmente, esta não foi a expressão que vingou, e, para evitar futuros imprevistos, a garantir o melhor entendimento do propósito da pesquisa, ficou definida a versão mais popular (BORRILLO, 2010, p. 71).

Estabelecido um conceito inicial de homofobia, levando em conta, mormente sua raiz etimológica, insta, doravante, discorrer sobre a vítima deste fenômeno, a qual, em princípio, é apontada pela figura do próprio homossexual enquanto indivíduo. Porém, é possível que a homofobia esteja ligada mais ao comportamento homossexual do que com o indivíduo que o pratica, à medida que, talvez, o sentimento aversivo nasça não pelo indivíduo propriamente, mas sim pela expressão de comportamentos que indiquem sua homossexualidade. Destarte, importa, de agora em diante, tentar entender quem é este indivíduo que se comporta de forma homossexual e se seria possível estabelecer um conceito que definisse de forma mais clara a homossexualidade. Pois, *a priori*, não seria leviano notar a complexidade do tema, uma vez que a ciência, seja por meio da psicologia, seja por meio da sociologia, ainda não conseguiu definir de forma precisa, ou seja, enquanto objeto cognoscível de estudo, o homossexual ou a homossexualidade, nem mesmo se há diferença entre o indivíduo homossexual – se é que ele pode ser taxativamente classificado assim – e a homossexualidade enquanto comportamento sexual, cultural ou social.

Há inúmeras formas de conceituar e distinguir a homossexualidade do homossexual: para alguns autores ela indica qualquer forma libidinal que possa levar o indivíduo a desejar outro de mesmo sexo, o que incluiria ao grupo os transexuais (MASTER; JOHNSON, 1984). Outros autores admitem uma linha mais restritiva, considerando o homossexual como indivíduo de gênero masculino ou feminino, cuja aparência condiz com seu sexo, deixando a transexualidade para um grupo sui generis (ZIMMERMAN, 1999). Para a presente pesquisa, a homossexualidade deve ser entendida como toda e qualquer expressão física, psíquica, ideológica ou social que envolva sexualmente dois indivíduos do mesmo sexo ou gênero. Cabe ainda ressaltar que, sobre o conhecimento etimológico, o vernáculo homos-

sexual advém da aglutinação entre a palavra grega *ὁμός*² – onde se lê *homo* – e do latim *sexus*³, ou seja, sexo igual.

O termo foi criado por volta de 1860 pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert para designar todas as formas de amor carnal entre pessoas biologicamente pertencentes ao mesmo sexo. Entre 1870 e 1910, o termo *homossexualidade* se impôs progressivamente nessa acepção em todos os países ocidentais, substituindo assim as antigas denominações que caracterizavam essa forma de amor conforme as épocas e as culturas: inversão, uranismo, safismo, lesbianismo. Definiu-se, então, por oposição à palavra *heterossexualidade*, cunhada por volta de 1880, que abrangia todas as formas de amor carnal entre pessoas de sexos biologicamente diferentes (ROUDINESCO, 1998). Classicamente, a literatura psicológica tem tratado as questões pertinentes aos homossexuais pela expressão *homossexualidade*, contudo, recentemente alguns autores têm adotado a denominação criada pela jurista Maria Berenice Dias, qual seja, homoafetividade, uma vez que a relação homossexual está muito mais pautada no amor e no afeto do que no sexo (DIAS, 2010). *Data venia*, no entendimento desta pesquisa, o termo criado pela ex-desembargadora se mostra apenas um eufemismo. Ademais, a expressão homossexualidade parece mais apropriada, pois a sexualidade é um aspecto humano bastante abrangente e envolve também o amor e o afeto⁴. Sendo assim, pela análise etimológica, o termo *homoafetividade* – do qual se deveria entender afeto ou amor entre iguais – não apenas seria reducionista, como também açambarcaria também qualquer relação de afeto entre indivíduos do mesmo sexo, incluindo as relações afetivas fraternais e paternas. Fato que demonstra não apenas a incipiência etimológica, como beira o ridículo, pois a relação de afeto entre dois homens ou duas mulheres não necessariamente está ligada a condutas sexuais – em que pese o entendimento edípico e libidinal da psicanálise. Salvo, é claro, se a expressão *homoafetividade* estiver ligada exclusivamente à questão da união civil, na qual, por evidente, a homossexualidade estaria subentendida, mas jamais como sinônimo desta.

Discussão

Conceituar a homossexualidade ou o homossexual parece ser uma tarefa fácil, tendo em vista que todas as pessoas já têm ideias preconcebidas a respeito deles. Mais do que preconceitos, o senso-comum sempre se ocupou de descrever os homossexuais, muitas vezes com olhar de reprovação. Como será analisado a seguir, cada cultura ao longo da história tinha sua forma de analisar a questão da homossexualidade, e, cada qual à sua maneira, mesmo nas culturas mais liberais, a homossexualidade era de alguma forma desprezada ou minimamente reprovada em alguns aspectos. O que demonstra que a homossexualidade, em sua forma plena e em seus mais variados tipos, jamais foi absolutamente tolerada, pelo menos nas sociedades que se têm registros históricos e literários. É claro que a homossexualidade é debatida desde os tempos mais remotos e sua literatura é vasta, contudo, perante a ciência, ou seja, segundo a Biologia, a Sociologia, a Psicologia e a Psiquiatria, a homossexualidade ainda permanece um objeto mal compreendido. Possivelmente, a nebulosidade que orbita o tema se deva à própria incompreensão da sexualidade humana, reflexo de sua complexa e ininteligível subjetividade. Mesmo dentro da própria psicanálise existem divergências a respeito de um conceito específico sobre a homossexualidade, ora tratado como característica perversa da personalidade, ora como posição narcisista neurótica.

Nem Sigmund Freud, nem seus discípulos, nem tampouco seus herdeiros, fizeram da homossexualidade um conceito ou uma noção própria da psicanálise. Por conseguinte, o freudismo, consideradas todas as suas tendências, não produziu nenhuma teoria específica sobre essa inclinação sexual que se fez derivar da bissexualidade característica da natureza humana e animal, e que foi inicialmente ligada ao campo das perversões sexuais e, mais tarde, ao da perversão em geral, como elemento de uma estrutura ternária que engloba a psicose e a neurose (ROUDINESCO, 1998, p. 350).

² DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. Grego-Português; Português-Grego. Portugal: Porto, 2009

³ DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. Latim-Português; Português-Latim. Portugal: Porto, 2008.

⁴ A expressão homossexualismo era mais comum até meados do século XX e logo foi substituída por homossexualidade. A diferença entre os dois vernáculos está no sufixo, enquanto aquela tem sufixo ismo, está ligado à ideia de patologia, ao passo que *afetividade*, está relacionado ao estado. Assim, visto que oficialmente o termo homossexualismo só deixou a lista de doença mentais na década de 1970, foi a partir de então que a palavra caiu em desuso, tornando-se, inclusive, ofensiva.

Seja qual for a escola psicanalítica adotada, a homossexualidade sempre é tratada como um fato de desvio sexual, uma anomalia sexual. Nas inúmeras fontes psiquiátricas do final do século XIX e início do XX, ela é associada ao suicídio e a outras perturbações psíquicas. Em seu texto *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo* (FREUD, 2000), Freud traça uma relação entre a paranoia e a homossexualidade ao analisar um paciente homossexual que sofria de recorrentes perseguições *imaginárias*. No mesmo texto, Freud ainda afirma que a causa da homossexualidade está relacionada à falta da figura paterna. Assim, a total falta da figura do pai, ou a existência de um pai fraco, fazendo com que a mãe exerça duplo papel familiar, causa tamanho trauma na criança que seu mecanismo de defesa se encontra na homossexualidade⁶. *Data venia*, é claro que as perturbações e distúrbios psicológicos vivenciados pelos homossexuais eram fruto do próprio preconceito social, juntamente com suas frustrações sexuais. O problema não estava no paciente homossexual, mas no modelo moralista da psiquiatria da época, que ainda enxergava de forma bastante patologizante esse aspecto social.

Ao falar em sexualidade, deve-se ter em mente que este é o instinto mais primitivo e inerente à própria vida, possivelmente mais importante do que o instinto que impele alguns animais e seres vivos para a alimentação ou absorção de nutrientes. A reprodução e a sexualidade parecem galgar maior destaque na sobrevivência, pois, muito embora grande parte dos seres não sobreviva por muito tempo sem oxigenação e alimentação, a reprodução é fundamental para a continuidade da espécie, o que, de início, já torna a homossexualidade contraditória a essa regra, visto que ela nega este instinto de propagação. Ao mesmo tempo, inúmeros estudos apontam que mais de 1500 espécies de animais, incluindo mamíferos, quadrúpedes, peixes, pássaros e répteis, já foram documen-

tadas praticando relações homossexuais. Inclusive em algumas espécies, assim como nos humanos, determinados indivíduos têm preferência pela forma homossexual (POIANI, 2010)⁷, o que talvez fortaleça a teoria da homossexualidade genética. Não obstante a contrariedade entre as teorias, não há que se negar que não é apenas a Biologia que prepondera na homossexualidade, visto que segundo as mais recentes pesquisas, apenas 50% dos gêmeos idênticos apresentam a mesma predileção sexual (BAILEY, 2012). Neste sentido, parece que o meio social também é um fator bastante preponderante para a homossexualidade. Assim, abre-se uma nova discussão, a homossexualidade é inata ou adquirida?

A Medicina e a Biologia trazem a clássica divisão e diferenciação entre sexo e gênero. O sexo se refere aos aspectos biológicos do indivíduo, seja ele humano ou qualquer outro tipo de animal, assim ele será dividido entre macho e fêmea. Na espécie humana, pelo menos, a diferenciação sexual se dá pelos cromossomos sexuais XX, feminino, e XY, masculino. Contudo, nem sobre isso a natureza torna as coisas claras, uma vez que existem inúmeras anomalias cromossômicas que alteram esta configuração sexual, dando origem a seres humanos com órgãos sexuais ambíguos, como no caso do hermafroditismo, em que muitas vezes o indivíduo apresenta aparências de um sexo, quando na verdade possui genética de outro sexo. Mais notáveis ainda são as más formações, que afetam diversas outras funções fisiológicas e cognitivas, como no caso da Síndrome de Klinefelter, na qual o cromossomo sexual X se duplica formando a combinação XXY. Ou ainda a Síndrome de Turner, na qual existe apenas o cromossomo X sozinho (MOTTA, 2007). Somente pela análise da contribuição genética já se tem ideia da gama de diversidades sexuais existentes, o que torna duvidosa a clássica divisão dos indivíduos entre machos e fêmeas.

⁶ Essa posição homossexual do paciente foi facilmente reconhecida. Não fizera amizade e não desenvolvera interesses sociais; tinha-se a impressão de que apenas o delírio fizera avançar o desenvolvimento de suas relações com os homens, como se tivesse assumido algumas das obrigações que haviam sido negligenciadas. O fato de seu pai não haver sido de grande importância na família, combinado com um humilhante trauma homossexual no início da mocidade, forçara seu homossexualismo à repressão e impedira-lhe o caminho à sublimação. Sua juventude toda fora governada por uma forte ligação à mãe. Cf. FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000., p. 122.

⁷ *It is very unlikely that the evolutionary paradox of homosexuality will be resolved by appealing to a single cause or mechanism. On the contrary, this research provides both empirical evidence and theoretical arguments to support a scenario of multicausality for homosexual behavior. Based on the available comparative evidences, the conclusion is that homosexual behavior can be broadly understood in the context of adaptive evolution and therefore it is not a malfunction of sexuality.* Cf. POIANI, Aldo. *Animal Homosexuality: a biosocial perspective*. EUA: Cambridge, 2010. p. 51.

Decorre disso a necessária distinção entre sexo biológico e o gênero, que se refere ao fato psicológico, inerente ao sexo ao qual o sujeito se sente pertencente, e que o impele a representar um papel feminino ou masculino. Os termos sexo e gênero indicam o sentido da separação entre a sexualidade somatobiológica e a sexualidade psicológica na possibilidade de um devir divergente (BANDINTER, 1992, p. 254).

Em relação ao gênero, este se torna tema de maior efervescência, uma vez que depende de fatores culturais e sociais. Na maioria das culturas pelo mundo existe uma dicotomia entre o gênero, a dividir os indivíduos em dois, quais seja, homens e mulheres, o que geralmente está relacionado com suas características biológicas de macho e fêmea. Na sociedade, a cultura molda os indivíduos de forma que exista uma discrepância entre os gêneros, a criar uma lista de pré-requisitos e características para um deles. Assim, desde o nascimento o bebê já recebe uma classificação, homem ou mulher, que irá mudar o comportamento dos pais em relação à criança. Os meninos geralmente serão tratados de forma mais agressiva, principalmente pelo pai, de modo que também possam desenvolver sua agressividade, ao turno que as meninas serão tratadas com mais delicadeza. Os comportamentos próprios para cada gênero são moldados e logo introjetados pelas crianças, de forma que passam a fazer parte de sua personalidade.

Pode parecer desnecessária esta discussão inicial, uma vez que parece tão óbvio ao senso comum que as atividades físicas e pesadas estejam relacionadas aos meninos, ao passo que as atividades leves e delicadas às meninas, porém, é neste momento que nasce o grande problema dos gêneros. Visto que

essas regras que dicotomizam, os indivíduos estão pautados por premissas culturais, valorativas, elas oscilam conforme as tendências sociais, dessa forma são tão frágeis. Assim, as características de masculinidade e feminilidade são muito relativas e estão em constante mudança. Esse dinamismo certamente dificulta a formação da identidade de gênero, o que faz com que, de modo geral, os indivíduos tenham que a todo o momento estar provando para eles mesmos quem são, em uma frustrante tentativa de se adequar aos padrões de masculinidade ou feminilidade.

O sexo e o gênero não são os únicos mecanismos capazes de influenciar a sexualidade dos indivíduos, ou seja, não é porque alguém é macho ou fêmea, homem ou mulher, que irá se comportar sexualmente igual aos demais. A sexualidade é bastante fluida e se expressa de diversas formas, por meio dos sentidos e da percepção, os indivíduos provam o mundo e descobrem o que lhes dá mais prazer. A busca por um objeto que lhe sirva de depósito de toda sua energia libidinal pode ser das mais variadas formas e a literatura no campo da sexologia é bastante vasta nos exemplos. Em linhas gerais, é interessante notar que o objeto sexual, aquele que será alvo da libido, pode ser tanto algo físico, como outro ser ou, mais comumente, outro indivíduo, como também uma situação específica ou um determinado comportamento. Assim, nota-se, então, que nem sempre o prazer será encontrado em outro indivíduo.

A psicanálise freudiana chamou de fetiche⁸ o fenômeno pelo qual o indivíduo busca um objeto determinado ou uma situação. Este novo elemento se apresenta como sucedâneo ao coito natural e saudável. A polidatria se apresenta como um exemplo de fetiche, em que o indivíduo foca sua descarga libidinal nos pés de outro, ao invés de focar do

⁸Termo criado por volta de 1750, a partir da palavra fetiche, derivada do português feitiço, sortilégio, artifício, retomado em 1887 pelo psicólogo francês Alfred Binet e, mais tarde, retomado pelos fundadores da sexologia, para designar qualquer atitude da vida sexual normal, que consiste em privilegiar uma parte do corpo do parceiro, caracterizada pelo fato de uma das partes do corpo (pé, boca, seio, cabelos) ou objetos relacionados com o corpo, como sapatos, chapéus, tecidos, serem tomados como objetos exclusivos de uma excitação ou um ato sexuais. Já em 1905, Sigmund Freud atualizou o termo, primeiro para designar uma perversão sexual, caracterizada pelo fato de uma parte do corpo ou um objeto serem escolhidos como substitutos de uma pessoa, depois para definir uma escolha perversa, em virtude da qual o objeto amoroso, partes do corpo ou objetos relacionados com o corpo, funcionam para o sujeito como substituto de um falo atribuído à mulher, e cuja ausência é recusada por uma renegação. Cf. ROUDINESCO, Elizabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 235.

ato sexual propriamente dito. Por outro lado, o conceito perversão⁹, segundo a psicanálise, designa não uma fixação por um objeto inanimado ou uma parte específica do corpo de outro indivíduo, mas um determinado grupo, cujas características, de algum modo, agradam ou chamam a atenção do perverso. Em seu exemplo, os pedófilos são os perversos atraídos pelos traços infantis, nas crianças e nos adolescentes, enquanto que os zoófilos são os perversos que se interessam não por pessoas, mas por animais, ou talvez encontrem nos seus parceiros humanos traços animais. É importante ressaltar que, durante certo período histórico ou segundo os estudos contemporâneos ainda pouco arrojados, a homossexualidade se confundiu com a perversão, à medida que se constituía como um comportamento de total desvio aos padrões morais.

Deve-se deixar claro, todavia, que o fetichismo e a perversão não necessariamente indicam uma patologia psíquica. A linha que separa o normal do patológico é frágil, e geralmente tende mais ao moralismo irracional do que propriamente ao método científico. Destarte, é possível entender que as parafilias, sejam elas de ordem fetichista ou perversa, são apenas traços da sexualidade de um indivíduo. O que não comumente indica sua total inclinação para aquele determina-

do desejo. A patologia diante do fenômeno sexual está muito mais ligada aos próprios sentimentos acerca dele do que por questões de efetivos desequilíbrios mentais. Em outras palavras, ser ou não patológico está sobremaneira mais relacionado com a forma como a sociedade vê o comportamento e como o próprio paciente se analisa. Em seu diapasão, como se apontou, a sexualidade se apresenta nas mais diversas formas e em seus mais diversos graus. Não obstante toda essa idiosincrasia, deve-se ressaltar que a literatura mais respeitada na ciência da sexologia coeva concorda que, mesmo diante das inúmeras possibilidades sexuais acessíveis aos indivíduos, eles invariavelmente se dirigem mais a determinadas características. Desse modo, segundo a referencial lição de Master e Johnson, a orientação sexual se refere ao fenômeno pelo qual leva o indivíduo em busca de um determinado grupo de indivíduos, relativo ao gênero, cujas características psicológicas, fisiológicas e sociais lhe agradam mais (MASTER; JOHNSON, 1975). A respeito da orientação sexual, existe, contudo, uma clássica divisão da sexualidade dividida entre homossexuais e heterossexuais, sendo, obviamente, os homossexuais aqueles que se sentem atraídos por indivíduos de mesmo gênero e sexo, ao turno que os heterossexuais são justamente aqueles que se atraem por indivíduos do sexo

⁹Termo derivado do latim *pervertere*, de *perverter*, empregado em psiquiatria e pelos fundadores da sexologia para designar, ora de maneira pejorativa, ora valorizando-as, as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma norma social e sexual. A partir de meados do século XIX, o saber psiquiátrico incluiu entre as perversões práticas sexuais tão diversificadas quanto o incesto, a homossexualidade, a zoofilia, a pedofilia, a pederastia, o fetichismo, o sadomasoquismo, o travestismo, o narcisismo, o autoerotismo, a coprofilia, a necrofilia, o exibicionismo, o voyeurismo e as mutilações sexuais. Em 1987, a palavra perversão foi substituída, na terminologia psiquiátrica mundial, por parafilia, que abrange práticas sexuais nas quais o parceiro ora é um sujeito reduzido a um fetiche, ora o próprio corpo de quem se entrega à parafilia, ora um animal ou um objeto. Retomado por Sigmund Freud a partir de 1896, o termo perversão foi definitivamente adotado como conceito pela psicanálise, que assim conservou a ideia de desvio sexual em relação a uma norma. Não obstante, nessa nova acepção, o conceito é desprovido de qualquer conotação pejorativa ou valorizadora e se inscreve, com a psicose e a neurose, em uma estrutura tripartite. Cf. ROUDINESCO, Elizabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 584.

¹⁰A orientação sexual de um indivíduo é o grau em que ele sente atração sexual por pessoas do sexo oposto e/ou do mesmo sexo. Como Alfred Kinsey, o pioneiro pesquisador do sexo da década de 1940, a maioria dos cientistas comportamentais conceituam a orientação sexual como um continuum, que vai da exclusiva heterossexualidade até a exclusiva homossexualidade. Mas isso simplifica em demasia a situação, pois a orientação sexual compreende diversos comportamentos distintos, incluindo atração erótica ou desejo sexual, comportamento sexual, atração romântica e autoidentificação como pessoa heterossexual, homossexual ou bissexual. Cf. ATKINSON, Rita. *Introdução à psicologia de Hilgard*. São Paulo: Artmed, 2007. p. 397.

ou gênero aposto¹¹. Outrossim, existem autores que defendem também a existência de um terceiro tipo que não seria nem homossexual, nem heterossexual, visto que não se limita a meras características sexuais ou de gênero. Este terceiro grupo recebe o nome de bissexuais ou ambissexuais¹². Em que pese as diversas classificações existentes a respeito da orientação sexual, de grande importância se deu as inovações da Escala Kinsey, proposta pelo entomologista Alfred Kinsey, que dedicou mais de 40 anos de sua vida ao estudo da sexualidade humana. De acordo com sua escala, a orientação sexual humana se dividiria em sete níveis, sendo 0 o indivíduo exclusivamente heterossexual e 6 o indivíduo exclusivamente homossexual (KINSEY, 1949).

No que se refere ao Relatório Kinsey, a respeito da porcentagem de indivíduos homossexuais, realizada durante 20 anos de pesquisa utilizando uma amostragem com mais de dez mil indivíduos durante a década de 1940 e 1950, Kinsey concluiu que 37% dos homens já tiveram alguma experiência homossexual, sendo que de todos, apenas 10% se considerava predominantemente homossexual. Por outro lado, 41% das mulheres relataram já ter experienciado a homossexualidade, porém, apenas 13% se consideravam exclusivamente homossexuais (KINSEY, 1949, 1954). Um número bastante expressivo, considerando que tanto os 10% dos homens quanto os 13% das mulheres representavam apenas o seletivo grupo de indivíduos que se consideravam exclusivamente homossexuais. Na mesma linha empírica, outra monumental obra foi o Relatório Hite, realizado pela sexóloga estadunidense Shere Hite durante a década de 1980. Segundo seu estudo, 9% dos homens preferem fazer sexo homossexual, enquanto que 6% realizam sexo bissexual. Ao passo que 8% das mulheres preferem relações homossexuais. Interessante que a mesma autora assevera que, tanto os homens quanto as mulheres, mesmo

respondendo que nunca tiveram relações sexuais homossexuais ou tendo uma preferência heterossexual, possuem curiosidade em experimentar a homossexualidade (HITE, 1981, 1985). Infelizmente nenhum trabalho de ordem empírica foi realizado após os anos 1980 obtendo a mesma magnitude dos relatórios de Kinsey e Hite. No Brasil, algumas estatísticas foram realizadas, inclusive uma pela Universidade de São Paulo, as quais notoriamente chegaram a números muito aproximados aos de Kinsey e Hite, o que demonstra que, muito embora essas estatísticas não gozem de plena confiabilidade, a porcentagem de homossexuais, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, se aproxima de 10%.

Mesmo diante de pesquisas mundialmente reconhecidas e respeitadas como Kinsey, Hite e o casal Master e Johnson, na realidade a classificação da sexualidade por meio da amostragem requer certo cuidado. Quando se fala em sexualidade não se está delimitando um aspecto visível ou mensurável, como idade, tamanho e etnia. A sexualidade é um atributo necessariamente subjetivo no homem, que, muito embora possa ser observado, diz respeito a processos e fenômenos psicológicos, internalizados e que, muitas vezes, nem mesmo o próprio indivíduo tem consciência de sentir. A homossexualidade, pois, se refere a um pequeno aspecto da sexualidade, quando se pergunta a alguém se ele é homossexual, não é o mesmo que perguntar se ele já se relacionou de forma homossexual, muito menos se equivale a perguntar se ele tem ou já teve desejos homossexuais. Não há dúvida de que esses aproximados 10% de indivíduos sejam de fato homossexuais, conscientes de seus desejos e aspirações, contudo, se fosse possível mensurar quantos mais indivíduos gostariam de vivenciar a homossexualidade ou tiveram qualquer resquício de desejo, por mais recalcado que fosse, indubitavelmente essa porcentagem seria muito maior.

¹¹A divisão sexual entre homossexuais e heterossexuais advém, sobretudo, dos autores anteriores à Psicanálise. Foi Freud quem primeiro escreveu sobre a natureza bissexual do homem: "esses problemas neuróticos só poderão ser resolvidos quando nos basearmos integralmente na hipótese da bissexualidade originária do indivíduo" Cf. FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia do cotidiano. In: Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 89.

¹²As oportunidades sexuais são aceitas ou repelidas com base na necessidade física. O elemento de atração é construído pela personalidade e atributos físicos do parceiro ou parceira potencial, independente de sexo. Na realidade, a atração maior é a própria oportunidade sexual, vindo os atributos de personalidade e físicos do parceiro, em um distante segundo lugar. Simplesmente nenhum significado é atribuído ao sexo do parceiro potencial como fator de atração. Cf. MASTER, William; JOHNSON, Virginia. Homossexualidade em perspectiva. São Paulo: Artes Médicas, 1977. p. 140.

Conclusão

Pecadores perante a onisciência divina, criminosos aos olhos cegos da Justiça e doentes mentais segundo a análise científica. A grande verdade é que, até há pouco tempo, os homossexuais não passavam de uma massa inerte e inútil em nossa sociedade. Sua única finalidade era servir de chacota em programas de humor barato, por meio de personagens ridículos e estereotipados. Isso quando eles não eram alvo de alguma piada feita por qualquer machista, motivado por sua carência de autoafirmação masculina. A homofobia não pode ser encarada apenas como um aspecto social ou a resposta de um grupo frente a determinado fenômeno, ela é uma nefasta realidade milenar que vem acompanhando a humanidade. Logo, não obstante o colorido arco-íris da bandeira GLBT, a mais breve observação demonstra uma verdade bastante cinzenta (ADAID, 2013). Sendo assim, conforme já apontado na epígrafe do artigo, a citação de Daniel Borrillo resume de forma bastante contundente qualquer tentativa de compreensão da homossexualidade, em suas palavras: “A busca das causas da homossexualidade constitui, por si só, uma forma de homofobia, já que ela se baseia no preconceito que pressupõe a existência de uma sexualidade monogâmica em função da qual se deve interpretar e julgar todas as outras sexualidades” (BORRILLO, 2012, p.71). Desta feita, a busca por uma explicação plausível a respeito de características como a homossexualidade demonstra por si só a inconformidade e a inquietude em relação a tais temas. O homem só questiona aquilo que lhe incomoda e não se pode negar que a sexualidade se torna tão interessante, possivelmente devido ao seu mistério perante a ciência e as inúmeras reprovações morais que lhe atingem. Nesse sentido, não há como se pensar em algo ou ser estudado sem antes classificá-lo e torná-lo diferente dos outros objetos que não se tem atenção. É nessa medida que se iniciam os juízos de valor e o olhar de rejeição e repulsa em relação a ele. Seja qual for a forma como se analisa a sexualidade e a homossexualidade, em específico, não se pode olvidar que, dada a complexidade humana, seu dinamismo e sua idiosincrasia, qualquer forma de classificação tende a ser reducionista e imprecisa.

A mitologia grega trata de forma deveras erudita a necessidade do homem em querer adequar de forma nefasta os objetos ao seu redor em conceitos padrões e derradeiros. O clássico mito do Leito de Procusto conta como o sádico habitante de Elêusis recebia seus prisioneiros. Ao deitarem na cama, eles eram presos, como o tamanho nunca era exato, Procusto ora esticava-os até atingir sua medida, ora cortava as partes que sobravam, sempre compilando e deformando os corpos de forma a caberem perfeitamente na cama. A ciência e o senso comum ao tratarem da sexualidade realizam tratamento igualmente procústico, uma vez que distorcem a realidade e a heterogeneidade ao criar modelos e padrões estanques. A metáfora da Lei de Procusto talvez seja a mais bela imagem do processo retaliativo que passam os objetos ao serem estudados e classificados. Ao estampar na humanidade duas formas de sexo e dois ou três tipos de orientações sexuais definidas, tira-se do homem a própria possibilidade de autonomia, a estagnar qualquer possibilidade de idiosincrasia. O indivíduo, chegando ao apogeu de perder sua própria individualidade, se rebaixa ao nível mais prosaico de sua animalidade, no qual se deixa de ser homem e passa a ser isso ou aquilo.

Todavia, não é privilégio do homem hodierno buscar respostas diante da incompreensão da complexidade sexual. Entre os mais belos discursos que tentam explicar a incompreensível vastidão do amor e do sexo está a mitológica narrativa de Aristófanes, imortalizada na obra platônica *O banquete*. Segundo o mito, no início havia três sexos humanos: o masculino, o feminino e o andrógino. Na espécie masculina se podia observar dois homens fundidos em um só, com duas cabeças, dois pares de braços e dois pares de pernas; a espécie feminina era igualmente formada pela fusão de duas mulheres; ao passo que os andróginos se compunham de um homem e uma mulher. Essas criaturas se multiplicavam naturalmente por meio da duplicação. A força dessas criaturas era tão colossal que certo dia, dotados de tamanha audácia, resolveram escalar os céus até o Olimpo para tomar o lugar dos deuses. Temeroso de perder seu trono, Zeus lançou uma chuva de raios que atravessou as criaturas, dividindo-as ao meio – agora eles caminharão tesos sobre apenas duas pernas, e se con-

¹³Embora haja certa controvérsia nas siglas do Movimento Gay, podendo encontrar em referências mais obsoletas as siglas GLS, de Gays, Lésbicas e Simpatizantes, hodiernamente é mais comum que adote a opção GLBT ou ainda GL-BTT, aderindo à sigla também o grupo dos Bissexuais, dos Travestis e, mais recentemente, Transexuais e Transgêneros

tinuarem ambiciosos farei com que caminhem sobre um só pé, disse Zeus. Assim seccionadas, com grande desespero, cada uma das metades se pôs a procurar sua outra parte. Quando finalmente se encontravam, abraçavam-se e se entrelaçavam em um insuportável desejo de novamente se unirem para sempre. Sem fome nem sede, iam definhando e morrendo de inanição, porque juntas não queriam mais nada da vida, estavam completas.

Referências

ADAID, F. *Genealogia da homofobia: violência e falocentrismo*. Trabalho de Conclusão de Curso: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2013.

ATIKINSON, R. *Introdução à psicologia de Hilgard*. São Paulo: Artmed, 2007.

BADINTER, E. XY: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BAILEY, M. et al. *Genetic and environmental influences on sexual orientation and its correlates in an Australian twin sample*. Harvard, 2012.

BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. São Paulo: Autêntica, 2010.

CHURCHILL, W. *Homosexual behavior among males: cross-cultural and cross-species investigation*. Nova York: Hawthorn, 1967.

DIAS, M. B. *União homoafetiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. *Grego-português; português-grego*. Portugal: Porto, 2009.

DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. *Latim-português; português-latim*. Portugal: Porto, 2008.

HITE, S. *O relatório Hite sobre sexualidade masculina*. São Paulo: DIFEL, 1981.

_____. *O relatório Hite sobre sexualidade feminina*. São Paulo: DIFEL, 1985.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

KINSEY, A. *Conducta sexual de la Mujer*. México: Editorial Interamericana, 1954.

_____. *Conducta sexual del Varón*. México: Editorial Interamericana, 1949.

LEHNE, G. *Homophobia among men*. In: Davis; Brannon. *The forty-nine percent majority: The male sex role*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1976. p. 66-68.

LEVITTY; KLASSEN. Public attitudes toward homosexuality: Part of the 1970 National Survey by the Institute for sex Reserch. *Journal of homossexuality*, v. 1, p. 29-43, 1974.

MASTER, W; JOHNSON, V. *O vínculo do prazer*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

_____. *Homossexualidade em perspectiva*. São Paulo: Artes Médicas, 1977.

_____. *A resposta sexual humana*. São Paulo: Roca, 1984.

MOTTA, A. *Genética humana aplicada a psicologia e toda a área biomédica*. São Paulo: Artmed, 2007.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2010.

POIANI, A. *Animal homosexuality: a biosocial perspective*. EUA: Cambridge, 2010.

ROUDINESCO, E. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SMITH, K. Homophobia: A tentative personality profile. *Psychological Reports*, n. 29, p. 1091-1094, 1971.

ZIMMERMAN, D. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. São Paulo: Artmed, 1999.

RESENHA DE TESE

**EDUCAÇÃO SEXUAL FAMILIAR E RELIGIOSIDADE NAS CONCEPÇÕES
SOBRE MASTURBAÇÃO DE JOVENS EVANGÉLICOS***Patricia Cristiane Pereira¹*

PEREIRA, Patrícia Cristine. **Educação Sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos**. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014.

A dissertação de mestrado “Educação sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos” defendida por Patrícia Cristine Pereira pela Universidade Estadual Paulista – Unesp-Campus Araraquara, teve por objetivo investigar as concepções sobre masturbação de jovens religiosos e a educação sexual recebida pela família, religião e escola sobre o tema, na percepção desses jovens.

A autora se baseia em Foucault para nortear sua análise sobre a sexualidade enquanto dispositivo histórico de poder e a masturbação como um dos quatro focos de discursos profiláticos. Ou seja, durante a idade moderna diversos discursos sobre os horrores da masturbação foram produzidos com intuito de evitar que as crianças/jovens a realizassem. Ao mesmo tempo, outros discursos voltavam-se à “mulher histérica”, ao “adulto perverso” e às “taxas demográficas”, moldando assim os membros da família nuclear em uma “expressão sexual sadia”.

Para explicitar os discursos sobre a “criança masturbadora” a pesquisadora voltou-se as origens do termo, sua antiga classificação patológica buscando esclarecer como o combate à prática foi utilizado para delimitar a sexualidade sadia como genital, monogâmica, adulta e heterossexual.

O trabalho pauta-se nas formulações de Duarte (2005) em relação à religião, descrevendo-a como estruturada em três pontos: religião, religiosidade e *ethos* religioso. Sendo o foco do trabalho a religiosidade e o *ethos* religioso, entendidas nesta perspectiva como a adesão do indivíduo à crença, e a organização desses preceitos em sua vida cotidiana. Ou seja, o trabalho buscou entender as negociações, rupturas e acomodações feitas pelos participantes ao lidar

com os conflitos entre sexualidade e preceitos religiosos.

No intuito de averiguar como ocorriam tais vivências, fez-se uma pesquisa qualitativa descritiva, na qual entrevistou-se oito (8) jovens universitários de uma universidade da Grande São Paulo pertencentes ao grupo religioso Aliança Bíblica Universitária – ABU. A coleta de dados se baseou na confecção de um diário de campo e um roteiro de entrevista, contendo questões abertas distribuídas em blocos temáticos: família; princípios religiosos; sexualidade, práticas sexuais, opinião da família e religião; escola e situações projetivas.

Os resultados apresentados pela autora sugerem que os jovens conceberam masturbação como uma forma de obter prazer sem um parceiro do sexo oposto, alívio de tensão e autoconhecimento. Ainda de acordo com o estudo, especialmente a família não abordou o tema de forma direta, ensinando-o de forma indireta por meio da educação do que seria a expressão sexual correta. A autora apresenta uma discussão sobre o quanto o “não falar” sobre determinado assunto, ao contrário do que se pensa, é educativo, uma vez que o silêncio indica algo proibido, um tabu, algo sobre o qual não se deve falar ou praticar. De acordo com a pesquisa, o assunto só foi abordado pela escola de dois participantes. Nesses casos, a prática foi referida como normal e positiva para o desenvolvimento. O texto também mostra que o assunto era muitas vezes temas de discussão entre os pares, de modo indireto na escola, entre os meninos. Momento no qual dúvidas e mitos eram apresentados.

A autora apresenta que, para alguns participantes, a masturbação seria pecado por tratar-se de um desrespeito aos planos de Deus, que

¹email patriciacristinepereira@gmail.com

criou a sexualidade para ser desfrutada de forma conjugal, enquanto outras opiniões sugeriram que a masturbação não seria pecado, mas uma impureza que poderia levar ao pecado. De todo modo, os relatos pressupõem uma forma correta, “pura” para a expressão sexual, tanto do ponto de vista da religião quanto da família. Sendo assim, a sexualidade para ser correta aos olhos de Deus deveria ser genital, conjugal, heterossexual e adulta. Neste ponto, a pesquisadora ressalta a premissa de Foucault sobre a sexualidade enquanto dispositivo de poder para controle dos corpos.

A autora ainda apresenta um recorte de gênero, entendendo o conceito enquanto uma categoria de análise. O termo se ancora em premissas que o entendem como uma construção social na qual se condensam expectativas, modelos e rótulos sobre o que é ser homem e ser mulher (BUTLER, 1999, p. 111; LOURO, 1999, 2001, 2008; MISKOLCI, 2009; WEEKS, 1999). Apreende-se do texto que os jovens pontuaram que as mulheres religiosas são destinadas as precauções e orientações de não provocar o homem, não fazê-lo pecar. Ao mesmo tempo, aos homens existe um discurso mais condescendente às “falhas”, e o apelo ao respeito restringe-se às “irmãs”, ou seja, aquelas que se dão ao respeito, diferentemente da mulher “da rua” que o coloca em tentação.

Podemos perceber pelo texto que as divergências entre as opiniões pessoais e valores familiares e religiosos são fruto dos conflitos gerados pela assimilação de conhecimento científico, bem como pela influência de amigos e mídia, motivo pelo qual a autora defende que a escola/universidade é o espaço ideal para trabalhar temas relacionados à sexualidade, ainda que sejam necessárias ações de desconstrução e crítica com professores e funcionários. O estudo postula ainda que elucidar as concepções pessoais e os discursos que os embasam têm o intuito de pensar possibilidades de trabalho que compreendam esses conflitos, negociações e acomodações.

Ana Cláudia Bortolozzi Maia
Doutora em Educação. Departamento de
Psicologia. Universidade Estadual Paulista –
Unesp aclaudia@fc.unesp.br

RESENHA DE LIVRO

FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS: ADIAR NÃO É MAIS POSSÍVEL.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. 2 ed. Londrina: Eduel, 2014. 400 p.

O livro *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*, de Mary Neide Damico Figueiró, é a segunda edição revista, atualizada e ampliada de uma obra que tem como propósito discutir os princípios, possibilidades e limites de uma temática de destaque na contemporaneidade: a educação sexual. A autora ao longo dos capítulos apresenta a importância de uma educação sexual emancipatória na formação continuada de professores(as). Como o título nos aponta, a autora defende que não é mais possível adiar o processo de formação de professores/as, pois considera que a temática sexualidade, gênero, homofobia, prazer, desejo entre outras estão presentes na escola e precisam ser entendidas como parte do currículo escolar.

Na introdução, Mary Neide nos narra a sua caminhada como mulher, filha, aluna, esposa, professora e pesquisadora no processo de aproximação e de paixão no engajamento com o trabalho com a educação sexual. Também apresenta sua tese de doutorado, em que defendeu o pressuposto de que quando a formação continuada do(a) educador(a) está direcionada para a educação sexual, ela contribui para o desenvolvimento do(a) professor(a) no âmbito profissional e pessoal, além da melhoria do ensino, e finaliza expondo os motivos de ter acrescentado neste livro um posfácio em que apresenta um panorama da experiência realizada no projeto "GEES/Escola: A criação da 'rede de formadores'".

No primeiro capítulo, "Educação sexual", a pesquisadora discute os entendimentos do termo educação sexual, justifica sua posição teórica por uma educação sexual emancipatória e sustenta o argumento de que ela deve ser defendida como uma forma de engajamento na transformação social. Discute também a inclusão da educação sexual pela transversalidade e, assim, aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN como um documento importante que institui a sexualidade no espaço escolar.

No segundo capítulo, "A formação de

educadores sexuais", são apresentados alguns trabalhos que trouxeram contribuições para conhecer o que pensam professores(as) sobre educação sexual. Assim, a autora nos apresenta quatro abordagens de educação sexual: religiosa (tradicional/libertadora), médica, pedagógica e libertadora, e defende que é necessário que o(a) educador(a) reflita sobre essas abordagens a fim de poder assumir um posicionamento teórico e metodológico.

No terceiro capítulo, "A formação continuada de professores", em um primeiro momento a autora discute a importância do processo de formação continuada e defende que, para abordar a sexualidade, a formação continuada é fundamental, pois, segundo a autora, essa temática tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos(às) educadores(as). Após, apresenta algumas considerações sobre a formação do Grupo de Estudos sobre Educação Sexual (GEES) da Universidade de Londrina e narra duas etapas do processo de formação de educadores(as) sexuais no período de 1997 a 1998. Na primeira etapa: "A participação no 'Grupo de Estudos'-GEES – 1997", a autora destaca os(as) integrantes, os encontros, o programa, as estratégias de ensino, as formas de organização, instrumentos de sondagem e de avaliação utilizados. Na segunda etapa "O ingresso no Mutirão Orientador – 1998", também são narrados os movimentos que o grupo realizou ao longo desse ano, em que aconteceram encontros quinzenais que tinham dois momentos, um de reflexão teórica e outro de supervisão, orientação e discussão do projeto de educação sexual. O grupo do Mutirão Orientador fez parte da pesquisa de doutorado de Mary Neide.

No quarto capítulo, "As professoras e o professor como atuantes e suas trajetórias", são apresentadas as dez (10) professoras e o professor (01) que fazem parte do Mutirão Orientador. Para tanto, discorre sobre cada um(a) dos onze (11) participantes elencando algumas características pessoais e, principalmente, enfatizando

o que cada um(a) realizou e trabalhou em suas escolas no projeto de Educação Sexual, bem como também apresenta alguns fragmentos da entrevista que realizou com cada professor(a) sobre a contribuição do Grupo de Estudos e também do Mutirão Orientador. No final da apresentação de cada uma das professoras e do professor, a autora as(o) homenageia com uma canção ou versos.

No quinto capítulo, "Diálogo com as professoras e o professor como atores e suas trajetórias", apresenta os principais achados da pesquisa realizados com as dez professoras e o professor participantes. A autora apresenta os dados a partir da entrevista realizada com esses sujeitos, destacando os temas e as categorias elaboradas por ela. Inicialmente, realiza uma síntese do desempenho de cada um(a) como educadoras sexuais e educador sexual, indicando assim: se realizaram ou não em suas escolas um trabalho sistemático de educação sexual; quais foram as possibilidades de construção do saber e do saber-fazer docente em educação sexual; também indicou os limites desses saberes apontando aqueles vinculados à estruturação das atividades pedagógicas administrativas da escola, ao momento atual de vida de cada professor(a), às atitudes resistentes à mudança e à proletarianização do trabalho docente. Por fim, Mary Neide nos aponta os limites e as possibilidades à construção do saber e do saber-fazer docente em educação sexual.

No capítulo seis são apresentadas as discussões e conclusões sobre o processo de formação continuada das(o) professoras e professor que participaram do Mutirão Orientador, e a autora então destaca os principais pontos que possibilitam um trabalho efetivo de educação sexual nas escolas.

Para finalizar, Mary Neide organiza um posfácio, "GEES/Escola: A criação de 'rede de formadores'", em que destaca a experiência de alguns educadores que participaram do Grupo de Estudos sobre Educação Sexual – GEES e do Mutirão Orientador e que, em seguida, coordenaram a realização de um GEES em sua escola, tendo como participantes seus colegas de trabalho. Ao longo deste capítulo são apresentados os movimentos que ocorreram para a criação desses grupos, em que apresenta a avaliação realizada com três GEES/Escola que aconteceram no ano de 2009, a partir de um instrumento de avaliação.

O livro é uma grande contribuição para todos(as) aqueles(as) que desejam construir e/ou incentivar espaços de formação continuada sobre a educação sexual e que apostam em uma escola plural que acolha a todos(as), independentemente de classe, raça/etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade...

Paula Regina Costa Ribeiro
Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE

ENTREVISTA

A VOZ DA DIVERSIDADE

Entrevista com a Dra. Maria Berenice Dias

Por Lina Wainberg

A Dra. Maria Berenice Dias é Desembargadora aposentada do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul que, atualmente, milita na advocacia com especialização em causas relacionadas com o Direito de Família e Direito de Sucessões. A sua especialização é no julgamento de ações que envolvem o Direito de Família e Sucessões. Foi fundadora e é vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), entidade que veio a transformar o entendimento tradicional de o que é uma família, levando-se em conta os laços afetivos das relações familiares. É presidenta da Comissão Especial da Diversidade Sexual do Conselho Federal da OAB. Foi a embaixatriz do Brasil na I Conferência Internacional dos Direitos Humanos LGBT do I World Outgames, que realizou-se em Montreal, Canadá. Cunhou a palavra homoafetividade, para retirar o estigma sexual que envolviam as relações de pessoas do mesmo sexo, fazendo-se reconhecer este novo modelo de família. Palavra que inclusive já está nos recentes dicionários brasileiros. É reconhecida internacionalmente como jurista renomada e por suas posturas progressistas em relação aos direitos da mulher na sociedade e demais minorias. Fundou o *JusMulher*, o *Jornal Mulher*, o Disque Violência, entre outros projetos mais que vieram a marcar e continuam a influenciar profundamente a sociedade brasileira moderna. É autora do livro *Homoafetividade: o que diz a Justiça*. Recebeu o título de embaixatriz oficial brasileira no OutGames de 2006.

Lina: *Qual foi a sua motivação em desenvolver a luta no judiciário pelos direitos homoafetivos dentre outros temas do judiciário?*

Maria Berenice: É que fui vítima de muita discriminação para entrar no poder judiciário. Eu fui primeira mulher a ingressar na magistratura do Rio Grande do Sul e sofri muito preconceito. Então acabei dirigindo toda a minha atividade profissional de uma forma de tentar acabar com o preconceito. Em função disso eu entrei no movimento de mulheres, me tornei um feminista ativista. Então resolvi me dedicar ao direito de família, que é onde a mulher sempre sofreu maior discriminação. Porque eu vi que a discriminação não era só para o ingresso das mulheres na magistratura, havia discriminação nas decisões da justiça, discriminação na legislação. Foi isso que me motivou a me voltar para esse ramo do Direito. Ao trabalhar com isso eu me dei conta que tinha um segmento de famílias que estava fora do direito de família, absolutamente excluídas e inviabilizadas. Ou seja, sofrendo o mesmo tipo de preconceito que eu havia sofrido. Então, dentre todas as causas que acabei abraçando, essa foi a que teve maior repercussão, porque é um tema que ninguém gosta de abordar, tem medo de abordar e de serem estigmatizado. **Eu abracei a causa do respeito à diferença.**

Lina: *De que forma o judiciário dita a ética brasileira? Ela representa a voz do povo? O que deve predominar? Deve vir de cima para baixo ou de baixo para cima?*

Maria Berenice: Eu não acho que o judiciário tenha um compromisso ou a responsabilidade com a ética brasileira, ou a ética do povo. **Acho que o compromisso do judiciário é com a ética da justiça.** Que busque encontrar cada vez mais decisões cujo resultado decidido atente aos princípios éticos. Nem sempre isso existiu. Então está havendo todo um protagonismo do poder judiciário, que às vezes se descola do que está na lei, para conseguir chegar à justiça do caso concreto. Essa é a maior preocupação atual do judiciário.

Lina: *Mas indiretamente influenciando na ética do povo...*

Maria Berenice: Sim... Acaba ditando normas de comportamento, mais atentas à questão da justiça. De encontrar um resultado justo. Nem sempre essa foi a preocupação do judiciário. A justiça sempre foi la bouche de la loi, ou seja, o juiz aplicava a lei. Não, atualmente o juiz está mais atento a fazer justiça do que a ser um mero aplicado da lei.

Lina: *Hoje encontramos novos padrões na formação de família, como a multiparentalidade – existem projetos para que as pessoas possam lidar, se adaptar e desenvolver dinâmicas saudáveis dentro dessa pluralidade?*

Maria Berenice: Houve todo um novo florescer do novo conceito de família. Isso foi fruto do trabalho do IBDFAM, Instituto Brasileiro do Direito de Família, do qual eu fui uma das fundadoras. O **conceito de família se desatrelou do conceito do casamento**, que sempre foi muito ligado. Tanto que sempre, no direito de família, só havia uma família, a família resultante do casamento. Sendo excluídas de qualquer consideração, de qualquer direito, as famílias fora do casamento. Essa foi uma das minhas primeiras lutas. Trazer essas famílias, formadas fora da ideia de casamento, para dentro do conceito de família, também sendo como uma família. Se procurou e acabou se identificando um elemento identificador da família que não era mais o casamento. Os elementos, casamento, procriação e sexo se desatrelaram do conceito de família. Se existe sexo sem casamento, existem filhos sem casamento. Identificou-se que o que faz uma família é o vínculo de afetividade e comprometimento. Por mais piegas que possa parecer, acho que a frase de Saint-Exupéry é a norma básica do direito de família: **a responsabilidade decorrente do afeto, para as pessoas a quem a gente cativa**. Então houve uma mudança de conceito. **A família é onde existe uma relação de afeto**. E essas relações de afetos podem se multiplicar. Elas não ficam dentro desse fechamento binário, homem-mulher. Então começou a se admitir a socioafetividade. O afeto entrou e isso acabou, permitiu que o conceito de família se pluralizasse, se tornou o direito das famílias. Um conceito aberto, que não tem respaldo legal está recebendo cada vez mais reconhecimento no âmbito do poder judiciário. Mas para esses direitos ficarem consolidados, quer das famílias multiparentais ou homoafetivas, o indispensável é termos uma legislação. Precisamos de uma lei que garanta o reconhecimento dessas espécies de famílias. Existem dois projetos, o Estatuto do Direito das Famílias, do IBDFAM, e o Estatuto da Diversidade Sexual, encaminhado pela Ordem dos Advogados. Como tem esses conceitos mais abertos, acabam sendo alvo do rechaço do nosso legislador cada vez mais conservador. Temos uma barreira, no âmbito judiciário, cada vez mais intransponível, pelo avanço desta bancada

evangélica, mais conservadora, que não para de crescer. Precisamos de uma lei. . Agora a ideia é que essas leis sejam apresentadas através da iniciativa popular. As pessoas às vezes não sabem que têm esses direitos. As famílias só passava a ser reconhecidas, com o recurso do judiciário, não pela lei. Aquelas pessoas que não têm acesso à defensoria para saber se têm algum tipo de direito, acabam sempre muito marginalizadas. E apenas quando alguém vem a falecer, por exemplo, que irão atrás de algum direito. Assim, verificam que há medidas que poderiam ter sido feitas e não foram, evitando a retirada dos direitos das pessoas.

Lina: *Acredito que essa possibilidade ampliada de configurações também gera uma perda de padrões, e a perda de padrões emocionalmente pode gerar um certo vazio, uma certa angústia. Os projetos têm contemplado isso?*

Maria Berenice: Assim, **as pessoas têm uma enorme dificuldade de conviver com a diferença**. Se tiver alguma coisa que foge daquele modelo convencional, as pessoas se assustam. É o medo do desconhecido que as pessoas têm. Não estamos tendo mecanismos e ferramentas sociais que levem para essa mudança comportamental. É importante. E dentro desse conceito de família plural, nós temos que também reconhecer a possibilidade das famílias simultâneas. Reconhecer que há uma resistência enorme com relação a isso. reconhecer que é uma realidade que existe, uma realidade masculina. A realidade de muitos os homens que têm mais de uma família.

Lina: *Que não é novo...*

Maria Berenice: Que sempre existiu. É esta mudança de paradigma que está sendo feita pela justiça. A sociedade, enfim, o Estado não aceita e mostra isso alijando, machucando, excluindo, não vendo, não reconhecendo direito nenhum. Só que isto gera injustiças enormes. A negação desses indivíduos sempre foi velada através das crenças: - **Te condeno a não existir**, tu não existe; - Tu é segunda família, tu não existe; -Tu é família do mesmo sexo, tu não existe, - Tu é filho fora do casamento, é um filho que não existia. Era rotulado de filho ilegítimo, espúrio, um monte de adjetivos. Esse um filho que não fez nada, acabava marginalizado, sem direito a nome, sem direito a alimento e etc. A

forma punitiva da exclusão. Essa é a mudança que precisa, que deve ser feita no panorama social como um todo. Com isso, caem muitos desses paradigmas que ainda se impõem. O tema aborto, que é alijado, o tema da adoção, que é terrível. A forma como são tratadas as mulheres que querem entregar os filhos para adoção (que não se chama abandono, como todo mundo chama). Assim, ainda há muitas coisas que devem ser mudadas à medida em que se conseguir avançar a conscientização das pessoas dessas mudanças sociais que estão acontecendo.

Lina: *Isso vem ao encontro com a próxima pergunta. Após as conquistas do direito a união estável e casamento homoafetivos, adoção por casais homossexuais, famílias multiparentais, conquista da mudança de nome e sexo para transexuais no registro civil, quais são os novos projetos e ações em relação às sexualidades?*

Maria Berenice: Agora o meu projeto não é tanto ligado à sexualidade, mas ligado ainda a um tema de família, que é a questão da adoção no Brasil. Essa é a minha bandeira atual. Acho que o Brasil comete um crime contra a humanidade, quase, ao menos quanto aos brasileiros. De maneira desatenta, irresponsável e descuidada, permite que crianças fiquem depositadas anos em abrigos sem dar qualquer tipo de agilidade para que isso não aconteça. O Estado não está atentando que devemos entregar essas crianças para as pessoas que querem adotar. Minha luta é tentar mudar esse panorama, conscientizar a sociedade, o judiciário, enfim, o próprio Estado de que essa mudança é indispensável. As crianças estão literalmente sendo depositadas, mal cuidadas. São vítimas de abuso físico e sexual dentro dos próprios abrigos. Entram bebês e saem com 18 anos e são despejadas por aí.

Lina: *Em relação à sexualidade há alguma coisa por vir?*

Maria Berenice: O foco maior é a questão dos **intersexuais**, que é um segmento que existe com um número bem significativo. São mais invisibilizados ainda, mais excluídos. São os que sofrem de uma maneira mais perversa porque são submetidos a uma série de cirurgias quando nascem. **Escolhem por eles uma identidade de gênero** que nem sempre é a identidade sexual que corresponde à sua identidade de gênero. Há um índice muito grande de suicídio

e uma dificuldade do movimento LGBT de envolver esse segmento, e esse segmento se aproximar. Não tem visto a porta aberta. É quase um círculo vicioso, porque o movimento não quer a inserção dos intersexuais porque os intersexuais não os procuram. Se não abrirmos a porta, eles não vão vir. No mundo inteiro há essa inserção dos intersexuais, na própria sigla LGBTI, que é como eu uso atualmente. Estou tentando trazer esse segmento para dar visibilidade e garantir o direito de **não serem submetidos às cirurgias ao nascer**, a não ser que corram algum tipo de risco de vida. E o importante é que eu estou conseguindo avançar junto ao meio médico nesse sentido de reduzir, de não fazerem a intervenção. Estou buscando todo o envolvimento de comunicação no meio médico. Eles tinham a ideia de que estariam “curando” essas crianças. Mas é aquele enquadrar dentro do azul ou rosa, menino ou menina. Acho que isso não precisa ser feito. Tem alguns países, dois ou três no mundo, que já admitem um sexo indefinido. Porque as crianças, antes de terem um rosto, elas têm um sexo. É a primeira coisa que se descobre, e a partir dali ele é rotulado, tem um nome... É uma carga muito pesada.

Lina: *É que a criação dessas crianças também é nova. Como os pais vão criar um indivíduo indefinido? Isso é uma novidade também.*

Maria Berenice: Sim. Acho que esse é um novo passo, quando as coisas estiverem mais evoluídas, porque agora existe uma **sexualidade mais fluida**. Ainda não chegamos lá. Que registrem com o nome que eles desejavam que o filho tivesse, não sei..., mas ao menos que não façam intervenções irreversíveis. Depois quando [a criança] tiver 10, 12, 15 anos, se definir. O problema todo é que a cirurgia mais fácil é para identificar como do sexo feminino. Há quase uma feminização dos intersexuais. Acho isso muito severo.

Lina: *Posturas conservadoras de membros de bancadas radicais do Congresso Nacional, ou seja, de senadores e de deputados federais, impedem avanços na legislação brasileira, retardam a implantação, em nosso País, das conquistas mundialmente já concebidas nos âmbitos afetivo e sexual? O Poder Judiciário tem suprido as lacunas e omissões do legislador ao ditar jurisprudência com força de lei?*

Maria Berenice: Esse foi o grande avanço

no âmbito do poder judiciário, ou seja, diante desta até hoje omissão do poder legislativo, **o judiciário supriu. Só que o suprir leva tempo**, até se construir esta jurisprudência. Para se ter acesso ao casamento levou mais de 15 anos. Até um tempo curto para uma mudança tão significativa. Mas também esbarra em magistrados conservadores. Tive que procurar todas as decisões que apareciam no Brasil, disponibilizar em site, para encorajar alguns indecisos. Mas se avança muito devagar e muito aos pouquinhos. **Os homossexuais têm acesso ao casamento, mas os filhos deles ainda não têm acesso ao registro na hora que nascem.** Esse é um avanço que ainda tem que acontecer. Ainda precisam entrar com uma ação da justiça, mas pode levar dois anos. O pai ou mãe não têm direito à licença maternidade. Não têm direito ao plano de previdência desse outro pai ou outra mãe, não podem viajar com o filho. É uma série de complicações. Isso não está avançando? Não... quando pede a justiça dá. Mas tem que entrar com ação. O casamento não, já teve uma resolução do CNJ, enfim. Mas isso do registro estamos tentando...mas vai muito devagar. E por que isso não chega? Porque legislador é conservador, homofóbico, enfim não avança, não legisla. Devido à isso, o judiciário tem avançado. Mas agora está havendo uma reação do poder legislativo. De uma maneira muito severa, muito organizada, muito articulada. Eles têm dinheiro, tem legiões, exército de fiéis que obedecem pelo medo, pela lavagem cerebral que eles fazem. Então fazem tudo que os pastores mandam, vão nos conselhos tutelares e só votam em quem eles mandam. Então os conselhos tutelares do Brasil estão dominados pelas igrejas. O que eles estão fazendo? Estão fazendo projetos para retirar os direitos que já estão garantidos. Esse projeto do estatuto de família é um horror. Uma família é formada por um homem e mulher. Determina a criação de conselhos de família. Que qualquer coisa que a família queira obter tem que ser através do conselho. A pessoa tem que ser cadastrada no conselho. Não tem acesso ao SUS a não ser que o conselheiro autorize. Esse é o regime que ao menos eu conheci em Cuba. Ninguém consegue nada, não se pode ir numa repartição, deve buscar o responsável pelo seu quarteirão. Há um controle através desses conselheiros. Nitidamente é uma forma de controle muito severa. E esses conselhos são eleitos. Estão tentando colocar esse sistema que existe nos conselhos tutelares... que quem bolou já se ar-

rependeu. Mais de uma pessoa já me disse "não deveria ter feito sob eleição", vai ficar sob o controle da comunidade. Estão tentando implantar porque, para eles, é um sistema de sucesso. Tem projeto de lei para anular os casamentos que já foram feitos. E talvez o mais perverso, existem avanços que a justiça não consegue atingir. Por exemplo, a justiça não consegue criminalizar a homofobia, os atos de ódio, porque não tem lei. Isso o judiciário não pode criar e o legislador se omite. Sendo que a cada 28 horas, um homossexual é morto no Brasil.

Lina: *A mudança na Justiça já é um grande passo para a mudança social. O que deve ser feito a partir daí a fim de promover a conscientização da sociedade a respeito dos direitos sexuais e afetivos na diversidade? De que forma podemos desenvolver mudanças em uma sociedade conservadora a respeito dos direitos sexuais e afetivos na diversidade sexual?*

Maria Berenice: A forma que enquanto presidente da comissão nacional da diversidade sexual da OAB, onde criei um número importante de aproximadamente 300 comissões nos estados e municípios, que encontrei foi elaborar o projeto do Estatuto da Diversidade Sexual e angariar as assinaturas para apresentar por iniciativa popular. Para isso precisamos de 1% do eleitorado, isso significa de um milhão e meio de assinaturas. Essa barreira numérica já é imposta para que quase não se consiga superar. E o que mais me surpreendeu, pois este seria o caminho, foi que eu achei que as pessoas se comprometeriam mais, se sensibilizariam mais com a dor do outro. Não se sensibilizam. Se posicionam que esse tema que não lhe diz respeito. Estamos tendo uma enorme dificuldade de colher assinaturas. Eu achei que em um ano chegaríamos lá. Esse 'sofrer a dor dos outros' as pessoas não têm. Falta muito esse sentido de solidariedade, cidadania, de consciência social. Isso de fato as pessoas não têm. Elas são indiferentes, mas uma indiferença pesada. Eu não vou participar disso. Estamos a quase 3 anos e só conseguimos 70 mil assinaturas. E olha que batalhamos Brasil afora. Muito difícil.

Lina: *Como percebe esse movimento de retrocesso, a partir de práticas curativas chamadas de reversão ou conversão na Psicologia, mesmo tendo sido a homossexualidade retirada da lista da Classificação Internacional das Doenças em 17 de maio de 1990?*

Maria Berenice: Confesso que tenho medo desse movimento. Acho assustador. Acho que as pessoas não se dão conta de como isso é forte e como isso tem evoluído. Acho que estamos vivendo quase uma nova idade média. Vai acabar se instalando quase um Estado Islâmico. Acho que daqui a duas ou três gerações as mulheres no Brasil vão andar de burca. As pessoas não se dão conta disso. **É assustador.**

Lina: *Uma vez que se trata de direitos universais, o que tem sido feito para garantir os direitos sexuais e afetivos, não se tratando de uma barganha política ou reivindicação de um grupo minoritário?*

Maria Berenice: Não. **O que se procura é se universalizar esta discussão.** Às vezes é onde mais se avança. Há ainda uma não participação muito efetiva do Brasil nesses movimentos, que mundo afora são muito fortes. Temos exemplos muito emblemáticos, nesse mundo mais civilizado, o tal de primeiro mundo, onde há uma assertiva social e política muito significativa. O que eu tenho procurado é tanto inserir o Brasil nesses movimentos internacionais quanto trazer um pouco dessa discussão de âmbito internacional para dentro o Brasil. Trazer o exemplo de como as coisas acontecem lá, como eu acho que deveriam acontecer aqui. Porque, de fato, é algo universal e precisariam ser tratados dessa maneira. Mas se não fosse o judiciário, o Brasil seria um dos países mais atrasados do mundo. Só não está atrás dos países que criminalizam a homossexualidade. Tem 28 países onde a condenação é crime de morte e existem 78 onde é crime. Fora esses, o Brasil está ali. Não tem legislação. Viveríamos num limbo e, via de consequência, numa exclusão de direitos. Não haveria nenhum direito se não fosse o poder judiciário.

Lina: *Observamos um crescente ativismo, principalmente virtual, como frente de alguns movimentos contra e a favor dos modelos de famílias, identidade, orientação entre outros. Esse ativismo por vezes está vinculado a uma luta de grupo e/ou voluntários espontâneos em um posicionamento individual de pessoas. Por um lado tem-se criado um debate, por outro tem sido fonte de certa intolerância. O que tu considera a respeito disso?*

Maria Berenice: Acho que os meios sociais é uma ferramenta muito significativa, muito positiva, pois se permite que circule o tema

sem as pessoas precisarem mostrar a cara, pois ainda há alguma resistência. Através desses instrumentos virtuais, acho que as coisas se organizam um pouco mais. Tem permitido uma manifestação de tanto de rejeição quanto de apoio ao segmento homofóbico. Os dois segmentos usam as mesmas ferramentas, só que há uma tendência, que acho bem importante, de manifestação de rejeição a esse segmento conservador. Vejo muito mais nas redes sociais do que na sociedade. A sociedade é um pouco amorfa. Existe uma outra ferramenta, que se tornaram meio cúmplices desses movimentos, que são os **meios de comunicação.** A motivação não interessa muito, né, se é para ter mais audiência nas novelas, se é para as pessoas lerem mais jornais. **Mas está havendo uma abertura** nesse sentido. Não passa uma semana sem que haja alguma divulgação de alguma notícia. Sob um lado positivo, de conquista, dos avanços, há um debate... Também a respeito do enfrentamento desse tema, antes ele era tratado de uma maneira muito ridicularizada, satirizada. Isso mudou. Sé é para ter mais audiência, não importa. É um avanço.

Lina: *Como comprar essa luta sem agredir os conservadores?*

Maria Berenice: Não que eu seja a favor, mas eu enxergo a razão deles. É um horror a discriminação de que eles são vítimas. Eu acho que tem que agredir. Adianta movimentos sociais sem alguma manifestação maior? No silêncio... não vai. Se não tem alguma coisa a mais não tem visibilidade. Eu acho os homossexuais são até muito pacíficos. Eu, porque que convivo muito no meio, já fui alvo de inúmeras manifestações estando junto com eles, de nem haver táxi para pegar. O pouco tempo que fico junto deles, eu já fico numa revolta total. Não pode ficar num restaurante sentando, sem ninguém se beijando. É quase instintivo. É muito dolorido. Até porque sempre foram muito invisibilizados. Essa voz que judiciário lhes deu é algo positivo porque nunca tiveram voz. Eu procurei muito ser a voz, no primeiro momento. Fiz uso da posição que

eu tinha, um a voz de uma magistrada. Para eles sempre teve significado eu ser heterossexual. Eu não sei por que sempre me rotulam de heterossexual. Mas é uma voz mais respeitada, ainda é.

Lina: *Assim como ser homem era uma posição mais respeitada, hoje ser heterossexual é mais respeitado. Tu saí de uma posição de quem não tem voz para ser quem tem voz. Foi uma caminhada interessante, a tua.*

Maria Berenice: Ninguém quer abraçar esta causa. No fundo, é o preconceito da pessoa. Se eu saio a favor da causa dos cadeirantes e tu caminhas, tu és uma pessoa fantástica. Se tu saí a favor da causa dos negros ou do índio e tu não és nenhum deles, tu também és uma pessoa legal. Já se a favor da causa dos homossexuais acabava sendo rotulado de homossexual, o que a pessoa não quer. O fato de eu não querer que ser identificada como homossexual, faz com que não se manifeste. No fundo a pessoa se sente ofendida ao ser identificada como homossexual. Isso significa que no fundo acredita que ser homossexual não é legal. No fundo é um preconceito que a pessoa tem.

Lina: *Um dos principais fatores para o preconceito é a falta de conhecimento e convívio. Se as pessoas convivessem com casais homoafetivos e vissem que o que predomina é o afeto, é o respeito, talvez isso ajudaria as pessoas a terem menos preconceito. Mas isso é difícil de para enfrentar.*

Maria Berenice: Se tu convive com homossexual, necessariamente vão achar que tu és homossexual ou que vai virar. Parece que homossexualidade é uma coisa contagiosa. Ninguém acha que um gay, por conviver com hetero, vá virar hetero. Parece uma coisa pegajosa, não posso chegar perto, não posso ter amigo, não posso conviver, não posso abraçar.

Lina: *Os meios de comunicação estão trazendo reality shows que mostram duas mulheres que fizeram inseminação e mostram a normalidade do convívio familiar.*

Maria Berenice: Esta possibilidade de os homossexuais terem filhos foi um passo muito importante. Parece que naturalizou, enquanto família. Foi pela adoção e o uso dos métodos de reprodução assistida, que estão disponíveis por resolução pelo Conselho Federal de Medicina. Pode usar mas não podem registrar o filho.

Lina: *Isso vai ser conquistado? Não está se encaminhando para isso? Já não tem jurisprudência suficiente para isso?*

Maria Berenice: Olha, a gente até tenta, pede, oficia no CNJ, baixa uma resolução nesse sentido. Às vezes consegue estado por estado. Aprovamos um enunciado nesse sentido. É muito difícil. Cada avanço é muito dolorido. A questão da doação de sangue, por exemplo. Eu já tentei compreender várias vezes. Esbarra num argumento, no meu entender, imbecil. Diz eles que avançaram. Antes diziam “os homossexuais não podem doar”, agora é “homens que fazem sexo com homens”. Eu pergunto, “mas por quê? Por que motivo?” Dizem que não é a homossexualidade, é a possibilidade de transmitir o vírus do HIV por relação sexual sexo anal. Então vocês não têm que perguntar se a pessoa faz sexo com homens, mas se a pessoa faz sexo anal, para mulher também. Mas como vamos perguntar isso para uma senhora? Então vocês submetem os homossexuais a isso para não perguntar para as pessoas? Coloca lá no formulário. O fato de um homem gostar de uma relação sexual anal, não significa que tem desejo sexual por homens. Ele tem uma zona erógena tal qual a mulher tem na zona anal. E isso é científico.

Lina: *Bom queria te agradecer em nome da SBRASH.*

Maria Berenice: Se possível gostaria divulgar www.estatutodiversidadese sexual.com.br para auxiliar na iniciativa popular.

Lina Wainberg
Psicóloga, especialista em terapia de casal e de família, mestre em Sexologia e doutora em Psicologia, Associada da SBRASH.

PRÍAPO: UNA VERSIÓN MITOLÓGICA*Miguel Alfredo Rivero¹*

Cuando se menciona al Priapismo, en muchos casos surge la curiosidad del origen de la palabra. Allí aparece Príapo – en griego antiguo: Πρίαπος [Príapos], quien tiene diferentes versiones mitológicas. Una de ellas nos relata que Afrodita (la diosa griega del amor sexual, la belleza y la fertilidad femenina y, en algunas descripciones, también de la seducción y la violación) tuvo un romance con Dionisio (Donisos, Doniso), un dios foráneo, del vino, la fertilidad, la vegetación y del falo. Hera, la madre de Afrodita, disconforme por el embarazo de su hija, le pasa su mano por el abdomen y le genera un hijo deforme con un gran pene. Uno de los fundamentos que se le atribuyen a Hera para actuar de este modo contra su futuro nieto, era que el niño pudiese tener la belleza de la madre y el poder del padre (Grimal -1993). Al nacer lo llaman Príapo. Otra versión le atribuye la paternidad a Zeus. Finalmente la madre no lo acepta y lo destierra a otra ciudad – Lámpsaco, ciudad de Helesponto - [LÁMPSAKOS (Λάμψακηνός, Lampsacus, Lampsacos o Lampsacum)]. Hasta allí se desplaza con una enfermera y allí transcurre su niñez. Al llegar a la adolescencia y a su temprana adultez, las mujeres de la ciudad no ven con desagrado su “deformidad”. Consecuentemente, los esposos de estas mujeres deciden expulsarlo de la ciudad. No tuvieron en cuenta que Príapo era un dios y fueron castigados con la pérdida del funcionamiento del órgano envidiado... y así quedaron impotentes. ¿Qué hicieron entonces? ... acudieron al oráculo de Dodona donde recibieron el consejo de implorarle a Príapo que regrese a la ciudad, tras lo cual le elevaron altares en su nombre y afortunadamente recuperaron su virilidad. El Oráculo

de Dodona (en griego Δωδώνη, Dôdônê) fue el más célebre de la Antigüedad, después del Oráculo de Delfos. Por otro lado, hay un relato que describe a Príapo como un ser humano – con un gran pene – que fuera echado de Lampsacus. El culto a Príapo se extendió por toda Grecia. Se acostumbraba sacrificar en su nombre a los burros (los caballos de los pobres), por el asombroso tamaño de sus penes. Se derramaba una mezcla de alcohol y miel sobre la cabeza de los animales erectos. Las mujeres usaban medallones con la imagen de Príapo, para generarse una protección. Otra versión (Higinio) cuenta que el origen de la relación con los burros, está en una pelea que Príapo tuvo con uno de ellos sobre el tamaño de sus respectivos miembros viriles. El animal había recibido de Dionisio el don de la palabra. Príapo ganó y mató al asno, aunque luego sintió pena y lo subió a las estrellas. Príapo se convirtió en el principal colaborador de su padre Dionisio. A través del vino, Dionisio lograba que se vencieran las inhibiciones. Esta es quizá, la primera mención del alcohol y su influencia sobre los aspectos psicológicos de la inhibición de la sexualidad. En aquellos tiempos, los habitantes tenían un miedo constante a la venganza y al castigo de los dioses, que se traducía en la infertilidad y la impotencia. Estas eran – para ellos – lo mismo. Príapo era un dios itifálico (que tiene el falo erecto) por excelencia; pero, también considerado como protector de los jardines, dios del vino, para aumentar la fertilidad y, en general, para alcanzar el éxito en los emprendimientos. Su figura protectora se ve representada en un fresco encontrado en Pompeya, en la casa de los Vettii (figura 1) y en el cual Príapo ubica su pene desproporcionado en una balanza.

¹ Especialista Consultor en Urología. Especialista en Andrología. CAU - Board Member. ISSM - Member at large. Past President SLAMS. E-mail: marivero142@gmail.com



Figura 1 – Fresco de Príapo en la casa de los VETTII (Pompeya). Disponible em: <http://www.abc.es/Media/201506/17/priapo-prepucio-descubren-fimos--644x800.jpg>

Su presencia – se creía era protectora contra los enemigos y también contra el “mal de ojo”. En el rito de Priapo se transportaba en un carro un falo enorme tirado por jóvenes cantantes llamados falóforos y se lanzaban higos, símbolo de la vulva. Al falo se asocian la riqueza (una bolsa de dinero) y el bienestar procedente de la fecundidad (frutos de la tierra). Estrabón, el geógrafo e historiador griego, estableció una similitud entre Príapo y los dioses asiáticos itifálicos como Conisalos, Ortanés y Ticone, a quienes se los veneraba en procesiones con carros cargados de penes y con cantos obscenos. Su fama y sus pretendidos poderes se extendieron a Roma. Quizás, Mutinus Mutunus, era su representación. Príapo garantizaba igualmente la felicidad conyugal y en la noche de bodas aparecía junto con Mutuno Tutuno (Mutunus Tutunus o Mutinus Tutinus), el dios de la virilidad, representado igualmente por un falo, sobre el que tenía que sentarse la novia en la noche nupcial.

En la temprana Grecia Antigua, Hermes fue un dios fálico de las fronteras. Es interesante destacar que Príapo también es reconocido como un santo en la Ecclesia Gnostica Catholica. Esta es la rama eclesiástica del Ordo Templi Orientis (O.T.O.), una organización internacional devota de promulgar la Ley de Thelema.

Lectura recomendada

BRENOT, P. H. *Male Impotence*. L'Esprit du Temps, 1994

ESTRATÓN DE LÁMPSAKOS. *Revista Digital Lámpsakos*, n. 1, p. 7-9, 2009.

LAROCCA, F. E. F. *La hembra y el pene: Freud y Darwin revisitados...* Disponible em: <http://www.monografias.com>

MARINA, S. Introducción a la Andrología – Instituto de Reproducción CEFER Disponible em: <http://www.anacer.es/media/archivos>.

MONTAGNER, A. C. Priapo, um deus sui generis. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. III, n. X, 2004.

PARRA, A. G. *Priapo: um deus oriental na Roma do principado*, VII Jornadas de Estudos Antigos e Medievais, 2008.

TEJEDOR, A.D.C. El certamen fructífero de los sexos. Agricultura, fecundidad y lujuria en la poesía improvisada epitalámica. *Confluencia*, v. 23, n. 2, p. 2-31, primavera 2008.

TUNDIDOR BERMÚDEZ, A.M. Propuesta para la introducción de temas de historia, arte y literatura en la asignatura urología. *Actas Urol Esp.*, , 32, p. 9, 2008